

VIVENDO O ESPAÇO E DESVENDANDO O LUGAR

uma análise espacial das percepções do
Parque Parahyba II, João Pessoa-PB

SOFIA NOBREGA FERNANDES DE MEDEIROS

SOFIA NOBREGA FERNANDES DE MEDEIROS

Orientadora: Profa. Dra. Paula Dieb Martins

VIVENDO O ESPAÇO E DESVENDANDO O LUGAR

uma análise espacial das percepções do
Parque Parahyba II, João Pessoa-PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
da Paraíba como requisito para
obtenção de título de bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

JOÃO PESSOA | OUTUBRO DE 2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M488v Medeiros, Sofia Nobrega Fernandes de.

Vivendo o espaço e desvendando o lugar: uma análise espacial das percepções do Parque Parahyba II, João Pessoa-PB / Sofia Nobrega Fernandes de Medeiros. - João Pessoa, 2024.

145 f.

Orientação: Paula Dieb Martins.

TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Espaços livres públicos. 2. Percepção espacial.
3. João Pessoa. 4. Parque Parahyba. I. Martins, Paula Dieb. II. Título.

UFPB/CT/BSCT

CDU 72:711(043.2)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Paula Dieb Martins
| Orientadora |

Profa. Dra. Juliana Demartini
| Primeira avaliadora |

Ma. Mirelli Albertha de Oliveira Gomes
| Segunda avaliadora |

A large, stylized opening quotation mark in a light beige color, positioned at the top left of the quote.

O propósito existencial do construir
(arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um
lugar

A large, stylized closing quotation mark in a light beige color, positioned at the top right of the quote.

Norberg-Schulz (in Nesbitt, 2006)

agradecimentos

Primeiramente, a mamãe e a papai, que fizeram de tudo pela minha educação. Pela paciência nos momentos de mais nervosismo nos finais dos semestres, pelas distrações durante as refeições, e pelo amor, apoio e cuidado diários que me fizeram chegar até aqui.

A toda a minha família, que sempre me encorajou e valorizou os estudos.

À “sintonia” do nosso quarteto (Gisele, Isabelle e Luana), formado ainda no início do curso e com o qual, desde os primeiros anos, compartilhei risadas e ansiedades, principalmente nas longas reuniões remotas enquanto fazíamos trabalhos durante a pandemia.

À minha melhor amiga, Sheila, que desde o ensino médio me faz lembrar da leveza de uma amizade, e que divide comigo as confusões na cabeça de uma não mais adolescente.

E, por fim, à Universidade Federal da Paraíba e ao corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo, que tanto se dedicam à formação de novos profissionais diante das dificuldades encontradas e que instigaram minha visão social ao longo dos últimos cinco anos. Ressalto meus agradecimentos a Paula, que não apenas envolveu-se neste trabalho comigo, como me apresentou e me incentivou a explorar a amplitude do campo acadêmico.

Muito obrigada. De verdade.

resumo

Os parques urbanos são espaços livres públicos voltados à socialização, à conexão dos indivíduos com a natureza, ao bem-estar, ao lazer e à circulação, em que as pessoas que o utilizam são fundamentais para sua elaboração, ativação e compreensão. Um exemplo dessa tipologia é a rede de parques Parahyba, localizada na cidade de João Pessoa, que, na última década, vem atraindo muitos usuários e tem sido uma intervenção urbana bem vista pela população local. Diante disso, a pesquisa analisa a percepção espacial em relação a um fragmento desse espaço, em que tomou-se como objeto de estudo o trecho II. O trabalho tem como objetivo identificar e correlacionar as percepções acerca do referido equipamento a partir de duas perspectivas: do olhar técnico e da experiência e vivência do usuário. Para isso, foram estabelecidos os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisas bibliográfica, documental e de campo, com realização de entrevista semiestruturada aos usuários do parque; sistematização dos dados coletados em

cartogramas, gráficos, e textos; e análise quantiquantitativa dos mesmos. Dessa forma, foi possível refletir a respeito da relação entre os indivíduos e o lugar, constatando-se não apenas a variedade de ambientes, das formas de apropriação e dos perfis de público, como a influência do planejamento participativo para o projeto e funcionamento de um parque urbano.

palavras-chave

espaços livres públicos; percepção espacial; João Pessoa; Parque Parahyba

lista de figuras

Figura 1 – Parques Parahyba na malha urbana de João Pessoa	6
Figura 2 – High Line Park, Nova Iorque	17
Figura 3 – Parque Arruda Câmara, “Bica”, João Pessoa.....	18
Figura 4 – Parque Sólon de Lucena, “Parque da Lagoa”, João Pessoa.....	18
Figura 5 – Jardim Botânico Benjamim Maranhão, João Pessoa.....	19
Figura 6 – Elementos da imagem urbana, por Kevin Lynch	24
Figura 7 – 12 critérios de qualidade de Jan Gehl	25
Figura 8 – O Diagrama do Lugar (“The Place Diagram”) do PPS	26
Figura 9 – América do Sul, Brasil, Paraíba, João Pessoa, Setor Bessa.....	31
Figura 10 – Surgimento do Jardim Oceania na expansão de João Pessoa	32
Figura 11 – Imagem de satélite do Jardim Oceania	33
Figura 12 – Localização dos loteamentos do Bessa	35
Figura 13 – Ocupação urbana do Jardim Oceania ao longo do tempo.....	37
Figura 14 – Praças e parques na cidade de João Pessoa, Paraíba	39
Figura 15 – Setor Bessa no Macrozoneamento Urbano de 2021	40
Figura 16 – Setor Bessa no Macrozoneamento Urbano de 2024.....	41
Figura 17 – Setor Bessa no Zoneamento Urbano de 2021.....	43
Figura 18 – Setor Bessa no Zoneamento Urbano de 2023	44
Figura 19 – Linhas de força do Jardim Oceania.....	45
Figura 20 – Malha urbana, traçado urbano e parcelário urbano do Jardim Oceania	46
Figura 21 – Decomposição das quadras do Jardim Oceania.....	47
Figura 22 – Lotes do Jardim Oceania por área	47
Figura 23 – Bairro Jardim Oceania e os Parques Parahyba	49
Figura 24 – Imagem de satélite do Parque Parahyba II.....	51
Figura 25 – Espaços do Parque Parahyba II	52
Figura 26 – Diagrama das áreas analisadas em cada item.....	54
Figura 27 – Trânsito típico numa segunda-feira, às 7h30min, 12h, 15h e 18h	56

Figura 28 – Trânsito típico num sábado, às 7h30min, 12h, 15h e 18h.....	57
Figura 29 – Itinerário e pontos de ônibus do Jardim Oceania	58
Figura 30 – Ponto de ônibus do Parque Parahyba I.....	58
Figura 31 – Sistema ciclovitário no Jardim Oceania.....	59
Figura 32 – Ciclofaixa da Rua Fernando Luiz Henriques dos Santos	60
Figura 33 – Cartograma de uso e ocupação do solo.....	61
Figura 34 – Edifícios residenciais e lote em construção.....	62
Figura 35 – Comparativo de lote 7 anos e meio depois: (a) Residência unifamiliar com fachada semipermeável, 2011; (b) Edifício multifamiliar de 30 pavimentos em construção, 2024.....	63
Figura 36 – Cartograma de gabaritos	64
Figura 37 – Cartograma de permeabilidade de fachadas	66
Figura 38 – Fachadas cegas	67
Figura 39 – Cartograma de conexão a outros ELPs	68
Figura 40 – Conexão entre os Parques Parahyba II e IV	69
Figura 41 – Portais de observação.....	71
Figura 42 – Piso tátil e rampas em estacionamento	74
Figura 43 – Grama pisoteada como rotas alternativas	74
Figura 44 – Apropriação da área pela comunidade.....	75
Figura 45 – Cartograma de acessos e vestígios ambientais	77
Figura 46 – Quadro de contagem total de indivíduos por turno nos seis portais	78
Figura 47 – Gráficos das observações sobre o público e tipos de uso dos portais.....	79
Figura 48 – Mapa comportamental do portal 1.....	81
Figura 49 – Portal 1 à tarde.....	82
Figura 50 – Mapa comportamental do portal 2.....	83
Figura 51 – Preparação para aula de ginástica da prefeitura no portal 2.....	84
Figura 52 – Mapa comportamental do portal 3.....	85
Figura 53 – Uso noturno do portal 3 em dia de semana.....	86
Figura 54 – Mapa comportamental do portal 4	87
Figura 55 – Empacotamento do portal 4	88
Figura 56 – Mapa comportamental do portal 5.....	89
Figura 57 – Feira agroecológica.....	90
Figura 58 – Pessoas em situação de rua	90

Figura 59 – Mapa comportamental do portal 6.....	91
Figura 60 – Empreamento do portal 6	92
Figura 61 – Respostas das entrevistas quanto à identificação dos usuários.....	93
Figura 62 – Respostas das entrevistas quanto ao acesso ao parque.....	94
Figura 63 – Respostas das entrevistas quanto ao uso e apropriação do espaço	95
Figura 64 – Respostas das entrevistas quanto aos ambientes, equipamentos e mobiliários utilizados.....	96
Figura 65 – Respostas das entrevistas quanto às atividades realizadas	97
Figura 66 – Respostas da pergunta: “Você se sente orientado nesse espaço?”	98
Figura 67 – Respostas da pergunta: “O Parque Parahyba II te causa uma boa primeira impressão?”	99
Figura 68 – Respostas da pergunta: “Você se sente seguro/confortável e/ou atraído(a) a ir do Parque Parahyba II aos outros parques adjacentes?”	100
Figura 69 – Respostas da pergunta: “Para você, qual o elemento de destaque do Parque Parahyba II?”	101
Figura 70 – Respostas da pergunta: “Para você, o que deveria mudar e permanecer no Parque Parahyba II?”	103
Figura 71 – Avaliação quantiquantitativa das respostas à pergunta: “Avalie os seguintes aspectos do Parque Parahyba II de acordo com a sua experiência pessoal”	104
Figura 72 – Nuvem de palavras a partir da entrevista aplicada	106

sumário

01. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. justificativa.....	7
1.2. objetivos.....	8
1.3. etapas de trabalho e procedimentos metodológicos.....	8
02. DO CONCEITO À PRÁTICA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	14
2.1. espaços livres públicos, áreas verdes e parques urbanos.....	15
2.2. a fenomenologia e o lugar.....	19
2.3. métodos de análise espacial.....	21
03. DO URBANO AO LOCAL: APROXIMANDO-SE AO OBJETO DE ESTUDO	30
3.1. a cidade	31
3.2. o bairro	33
3.3. a legislação urbanística e a morfologia do bairro	39
3.4. os Parques Parahyba.....	48
04. DECIFRANDO O ESPAÇO: ANÁLISE E DIAGNÓSTICO DO RECORTE ESPACIAL	53
4.1. mobilidade urbana.....	55
4.2. uso e ocupação do solo	60
4.3. gabarito.....	62
4.4. permeabilidade de fachadas	65
4.5. conexão a outros espaços livres públicos.....	67
05. EXPLORANDO AS VIVÊNCIAS: ANÁLISES DO LEVANTAMENTO DE CAMPO COM FOCO NO USUÁRIO	70
5.1. metodologia de análise.....	72

5.2. acessos e vestígios de presenças.....	73
5.3. mapeamento de deslocamentos e permanências do público e atividades	78
5.4. entrevistas aos usuários	92
06. CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICES	117
APÊNDICE 01 ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	118
APÊNDICE 02 MODELO DE FICHA DE OBSERVAÇÃO.....	122
APÊNDICE 03 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS POR OBSERVAÇÃO	123
APÊNDICE 04 PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS	125
ANEXO.....	128
ANEXO 01 PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA (CCS/UFPB)	129

Introdução

01.

A esfera urbana é um campo multidisciplinar, capaz de gerar debates que englobam áreas desde a arquitetura e a engenharia, até a geografia, o direito e a sociologia. O espaço urbano vem sendo objeto de estudo por autores que o classifica segundo diferentes aspectos, como pelos seus limites – livres e fechados (Habermas, 1991 *apud* Brito, 2019) –, ou pelo seu domínio – público e privado (Brito, 2019) –, por exemplo. Assim, tem-se os espaços livres públicos (ELPs) como espaços abertos integrantes da cidade, de formas e funções diversas, com pouca ou nenhuma construção, geralmente vegetados, destinados a atividades de lazer, socialização e circulação, além de funções ambiental, ecológica e estética e de uso coletivo (Silva, 2023).

Dentro desse tipo de espaço, se enquadram os parques urbanos, que têm os recursos naturais como fundamentais para sua estrutura e, segundo Batista (2019), possuem “papel político e social, ambiental, econômico e de qualidade de vida” (Batista, 2019, p. 31). Adentrando ainda mais no assunto, Lima (2022) trata dos parques lineares – uma tipologia de parque urbano. A autora os interpreta

como propostas de requalificação urbana de área com conformação longitudinal, normalmente ligadas a elementos naturais – tais como vegetação e corpos hídricos.

A cidade tem como função social o fato de se configurar como lugar de encontro versátil, capaz de promover sustentabilidade social. Nesse sentido, o espaço urbano desempenha relevante papel por ser uma “[...] interface aberta e acessível entre as pessoas” (Gehl, 2013, p. 29). Dessa forma, na cidade, os ELPs, como áreas verdes, parques e jardins, quando apropriados de diferentes maneiras pelos usuários, proporcionam a aproximação e a conexão dos indivíduos com a natureza, interações sociais, bem-estar, lazer, espaços de cura, entre outros (Silva, 2023).

Assim, diante do papel dos ELPs para a qualidade de vida dos usuários, as pessoas são elementos fundamentais para a elaboração, ativação e compreensão desses ambientes. Sobre isso, Lynch, (1999) destaca que

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como

as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espectáculo, mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco. Na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles (Lynch, 1999, p. 11-12).

Dessa forma, a percepção do usuário tem sua importância exatamente por serem eles os responsáveis pela apropriação do espaço. Identificar essa percepção é o objetivo da fenomenologia, ciência que surge com Husserl, entre os séculos XIX e XX, para estudar os fenômenos a partir da subjetividade do ser no mundo e das suas experiências (Amorim, 2021; Giese; Silva; Melo, 2023). Inicialmente voltada ao campo filosófico de forma mais ampla, a fenomenologia passou a ser aplicada nas pesquisas de arquitetura e espaços urbanos a partir do pós-modernismo, quando o indivíduo e sua interação com o ambiente tornaram-se objeto de produções teóricas (Bula, 2015 *apud* Amorim, 2021).

A “fenomenologia urbana”, como passou a ser chamada, volta-se, então, à compreensão da cidade diante da

experiência perceptiva do sujeito, que o faz por meio do espaço (Giese; Silva; Melo, 2023; Silva; Duarte, 2020). A respeito disso, Pallasmaa (in Nesbitt, 2006, p. 487) afirma que “A arquitetura é uma expressão direta da existência, da presença humana no mundo”. Já Norberg-Schulz (in Nesbitt, 2006) denomina de lugar justamente essa subjetividade da relação do homem com o espaço, o caráter ou a atmosfera, algo que vai além de uma simples localização ou do conceito de espaço. Apesar de não definir procedimentos metodológicos específicos, a fenomenologia urbana geralmente é aplicada com o intuito de usar “a perspectiva do usuário na avaliação, análise e compreensão de um espaço” (Giese; Silva; Melo, 2023, p. 14).

Para a estruturação de um método de análise urbana centrado no observador, destacam-se os estudos de Kevin Lynch. Em seu livro “A Imagem da Cidade” (Lynch, 1999), o autor estuda a imagem e a legibilidade do meio urbano a partir de cinco elementos – vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes. Aplicado em três cidades norte-americanas, o método baseado na pesquisa

de campo é composto por etapas de observação, entrevistas e elaboração de mapas e relatórios como síntese da análise da imagem pública do espaço estudado.

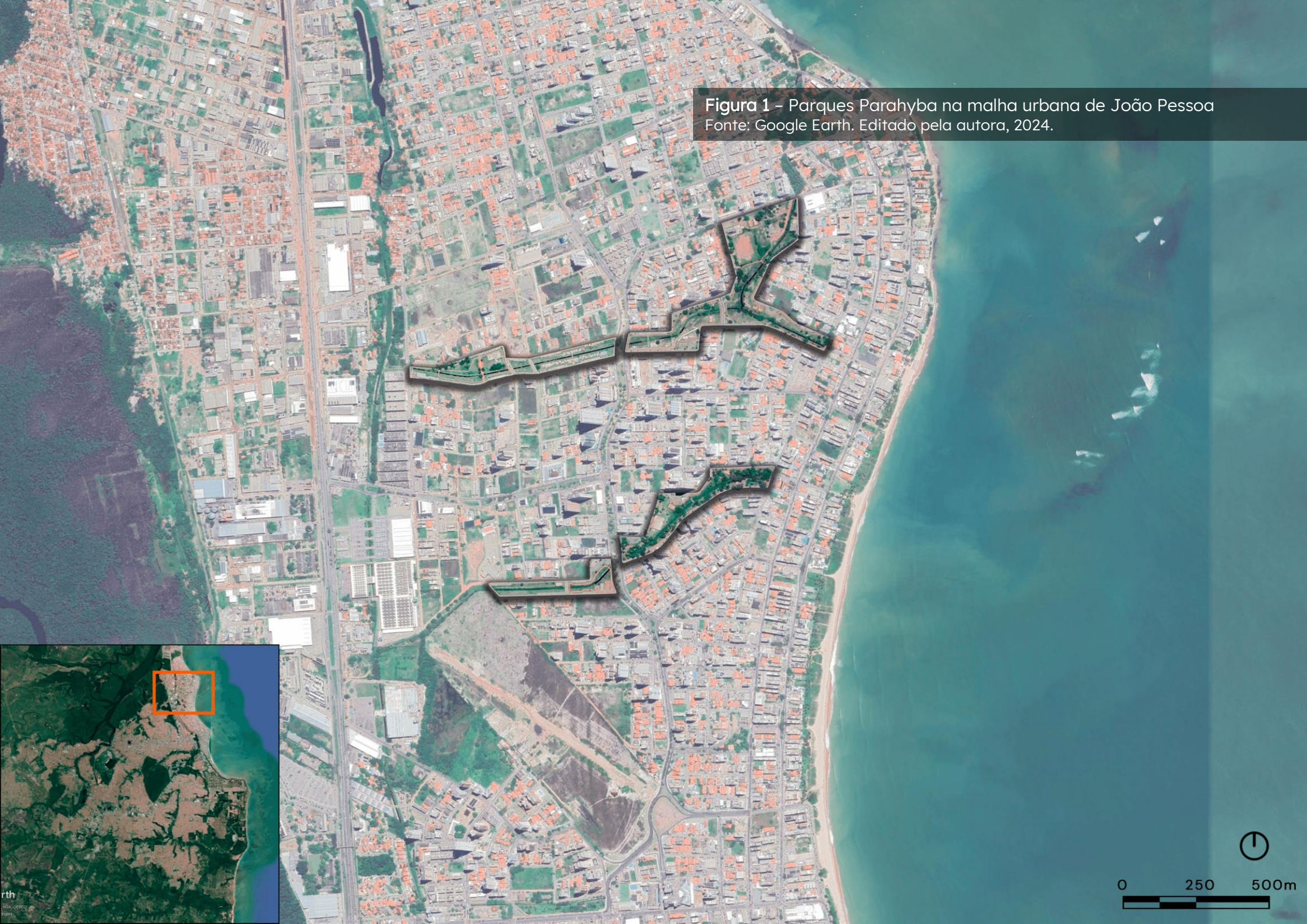
Outros trabalhos já foram desenvolvidos com o mesmo foco na percepção dos usuários, baseando-se em metodologias já existentes ou desenvolvendo seus próprios sistemas de pesquisa (Baker, 2005 *apud* Garcias; Ribeiro, 2019; Leupen, 1999 *apud* Garcias; Ribeiro, 2019). Para elaboração da monografia ora apresentada, além dos elementos da imagem urbana (Lynch, 1999), outros quatro autores foram selecionados como referência para a metodologia utilizada: os doze critérios de qualidade de Gehl (2013), The Place Diagram – O Diagrama do Lugar – (PPS, [s.d.]), as cinco qualidades urbanas do espaço (Ciocoletto, 2020) e as dimensões de análise por Brito (2019). Assim, a partir desses estudos que visam o entendimento das formas de apropriação e percepção dos espaços livres por diferentes grupos sociais, é possível identificar aspectos para o melhor planejamento urbano futuro.

Em João Pessoa, capital paraibana, inserida nas categorias de preservação ambiental das legislações urbanísticas, está uma rede de parques urbanos lineares cortada por canais de drenagem a partir de braços do Rio Jaguaribe: os Parques Parahyba (**figura 1**). Inaugurados entre 2017 e 2024, os quatro trechos descontínuos que a compõem foram propostos a partir do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica, de 2010 (Lima, 2022). O trecho II, localizado no bairro Jardim Oceania, será o objeto de estudo da presente pesquisa. Em sua área de implantação – de aproximadamente 100 mil m² –, possui empraçamentos, ciclovias, estacionamentos, quadras esportivas, playgrounds, academias ao ar livre, local para animais e anfiteatro, além de ser próximo a escolas, igreja, academias, shopping e de estar inserido numa área predominantemente residencial. Atualmente, o empreendimento é de grande aproveitamento pela população local, servindo tanto para o uso cotidiano de lazer e contemplação, quanto como palco de eventos de pequeno e médio porte – Feira Agroecológica, Programa Saúde em Movimento, Corrida dos Parques, entre outros. Assim,

Vivendo o espaço e desvendando o lugar: uma análise espacial das percepções do Parque Parahyba II, João Pessoa-PB

pretende-se desenvolver a pesquisa a partir das seguintes inquietações: quais aspectos fazem do Parque Parahyba II um lugar e de que forma esse espaço é percebido pelo seu usuário?

Figura 1 – Parques Parahyba na malha urbana de João Pessoa
Fonte: Google Earth. Editado pela autora, 2024.



1.1. justificativa

Durante a última década, percebeu-se um grande investimento dos Poderes Públicos municipal e estadual em espaços livres de lazer na zona leste da capital paraibana. Esta coincide parcialmente com a área delimitada pela 1ª Região de Participação Popular – referente aos bairros do Aeroclube, Bessa, Brisamar, Jardim Oceania, João Agripino, Manaíra e São José –, uma das regiões de maior verticalização e renda média domiciliar da cidade (PMJP, 2021).

Em dois desses bairros – Aeroclube e Jardim Oceania –, encontram-se os Parques Parahyba e o futuro Parque da Cidade. A escolha do Parque Parahyba como objeto de estudo se deu, inicialmente, diante do interesse em analisar esse ambiente que tem sido foco das políticas públicas recentes, voltadas a uma parcela restrita da população e que foi apropriada por um público diverso e de diferentes maneiras.

Além disso, a resistência de uma área de preservação

ambiental que se manteve conservada ao longo de décadas de expansão urbana e do adensamento construtivo na área, valorizada a partir da elaboração desses projetos urbanos, também suscitou a atenção ao seu estudo.

A delimitação do trecho II do Parque como recorte espacial da pesquisa foi motivada pela sua ampla área – 99.151m² – de ocupação consolidada por diferentes usos e grupos sociais em toda sua extensão, apesar da elaboração do projeto sem um processo participativo, no qual utilizou-se um usuário genérico como referência. Nota-se, portanto, a incompletude da etapa projetual pela ausência de consultas aos usuários e de uma avaliação após a execução do projeto.

Diante disso, surgiu o interesse em estudar esta área em evidência na cidade, desenvolvendo-se e aplicando-se um método em que há a combinação entre as perspectivas de percepção espacial de um observador técnico, que estuda as teorias acerca da temática e desenvolve diagnósticos e propostas de intervenção para tal tipologia voltados aos

usuários, segundo público da pesquisa, que frequentam diariamente o parque e possuem uma visão prática das necessidades reais do espaço.

1.2. objetivos

Identificar e correlacionar as percepções espaciais acerca do Parque Parahyba II a partir de duas perspectivas – do olhar técnico e da experiência e vivência do usuário.

objetivos específicos

- Compreender o papel do parque urbano na cidade contemporânea;
- Investigar metodologias de análises espaciais;
- Desenvolver e executar um método de análise espacial para ser aplicado no objeto de estudo a partir da combinação entre a observação técnica e a percepção dos usuários;
- Verificar se o estudo de caso é compatível com as necessidades e expectativas dos usuários.

1.3. etapas de trabalho e procedimentos metodológicos

A metodologia e as etapas de trabalho para o desenvolvimento desta pesquisa foram divididas de acordo com os procedimentos metodológicos utilizados. Assim, estabeleceram-se os seguintes pontos:

1. O trabalho teve início com a **pesquisa bibliográfica** para desenvolvimento do referencial teórico-metodológico e a respeito do objeto empírico.

Para o referencial teórico, foram feitas leituras de livros, artigos e trabalhos acadêmicos – monografias, dissertações, teses – que tratam essencialmente sobre espaços livres públicos, fenomenologia urbana e psicologia ambiental.

Quanto ao referencial metodológico, a leitura esteve focada em dois aspectos: pesquisas com o objetivo similar a esta proposta, de análise espacial em escala urbana, servindo de correlatos para a estrutura do

trabalho desenvolvido; e referências bibliográficas sobre métodos e instrumentos para esse formato de pesquisa, voltada ao entendimento da percepção do espaço urbano. Neste último, cinco referências fundamentaram a metodologia aplicada nesta monografia para a etapa de aproximação e observação do objeto de estudo. Foram elas: Lynch (1999) e os elementos da imagem urbana; Gehl (2013) e os doze critérios de qualidade à paisagem do pedestre; The Place Diagram (PPS, [s.d.]); as cinco qualidades urbanas do espaço (Ciocoletto, 2020); e as dimensões de análise de Brito (2019).

Para o objeto empírico, inicialmente foi feita a busca a respeito da história e da ocupação do bairro e dos Parques Parahyba em pesquisas já realizadas e publicadas, com enfoque no trecho II.

2. A segunda etapa abrangeu a **pesquisa documental** nas três escalas que englobam a investigação: macro – o espaço intraurbano, João Pessoa –, meso – o bairro, Jardim Oceania –, e micro – o Parque Parahyba II.

Destaca-se ainda, diante da recente revisão do Plano Diretor do Município de João Pessoa, em vigor a partir do ano de 2024, a necessidade de se atentar para as mudanças referentes ao zoneamento de uso e ocupação da área, analisando-se as mudanças quanto à preservação ambiental e ao aproveitamento do recorte espacial.

Portanto, para a escala da cidade, ressaltam-se as legislações urbanísticas que englobam o recorte estudado: Código de Urbanismo (João Pessoa, 2001), Plano Diretor (João Pessoa, 1994, 2008, 2024), Mapa de macrozoneamento urbano (João Pessoa, 2021, 2024) e Mapa de zoneamento urbano (João Pessoa, 2021; PMJP, 2023). Aqui, analisou-se as permissões e os entraves para uso e ocupação do solo e preservação ambiental, por se tratar de uma área de córrego e vegetação natural. Trabalhos científicos e o Censo Populacional mais recente do IBGE (2023) também foram consultados. Além disso, leu-se o Relatório do Diagnóstico Técnico para a elaboração do novo Plano Diretor da cidade (PMJP, 2021).

Nele, foram encontradas informações atualizadas sobre população, caracterização e análise socioeconômica, uso e ocupação do solo, mobilidade, áreas verdes, entre outros, tanto da capital paraibana como um todo, como informações por regiões e bairros.

Na escala meso, do bairro, trabalhos acadêmicos recentes, dados do Censo do IBGE (2010; 2023) e o Relatório do Diagnóstico Técnico (PMJP, 2021) deram grande suporte. A base cartográfica em formato *shapefile* dos lotes e quadras do Jardim Oceania foram obtidas no *website* Filipeia - Mapas da Cidade, da Prefeitura de João Pessoa.

Já para a escala do Parque Parahyba II, foram fundamentais os desenhos técnicos do seu projeto, de autoria e responsabilidade da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado da Paraíba (SUPLAN). Diante disso, a solicitação dessas informações foi feita ao órgão, que disponibilizou arquivos .DWG e .PDF dos quatro parques da região correspondentes a

suas implantações, paisagismo, equipamentos, detalhamentos e paginação. Esses serviram de base para a produção gráfico-espacial.

3. Na etapa seguinte, com a estruturação da **pesquisa de campo** feita a partir do referencial teórico-metodológico, tiveram início as primeiras aproximações com a área de estudo para a obtenção de informações atualizadas e empíricas, voltadas ao foco da pesquisa.

Com a base cartográfica obtida na etapa anterior, o primeiro passo se tratou do levantamento de dados do bairro. Por meio de visitas técnicas e passeios virtuais com plantas baixas, imagens e imagens de satélite do Google Earth, Maps e Street View, foram analisados elementos morfológicos, espaços livres públicos, sistema viário e transporte público. A partir de um *buffer* com 300m referente ao entorno caminhável do Parque – dimensão estabelecida a partir das pesquisas bibliográficas –, analisou-se o uso e ocupação do solo, o gabarito e a permeabilidade de fachada dos lotes

envolvidos nesse raio de influência. Tais visitas foram documentadas por fotografias e anotações nas plantas baixas impressas de lotes e quadras.

Da mesma forma aconteceu com o Parque. Com o desenho de implantação disponibilizado pela SUPLAN impresso em recortes de escala ampliada, mapeou-se os espaços, os acessos do ELP, marcas do tempo e vestígios de presenças anteriores (Lynch, 1999; Ciocoletto, 2020).

Em seguida, foram realizadas mais visitas ao local, em dias da semana e horários diferentes. O objetivo foi a observação dos usuários e do uso do espaço, registrada através de fotografias, anotações e esboços de diagramas. Em seis portais – pontos de observação onde o investigador permanece para o estudo de aspectos a depender da pesquisa – preestabelecidos pela pesquisadora, foram analisados: contagem e identificação dos indivíduos, registro de seus movimentos, locais de permanência, identificação de quais atividades executam (Lynch, 1999; Ciocoletto, 2020;

Gehl, 2018), além de passeios ao longo do parque para a obtenção da perspectiva da autora como usuária do espaço e reconhecimento da área.

Depois, foi aplicada uma entrevista semiestruturada a usuários do Parque elaborada a partir da pesquisa bibliográfica (ver **apêndice 01**). Buscando adotar os conceitos estudados e compreender a relação dos usuários com o lugar, as perguntas desenvolvidas basearam-se em teorias, conceitos, metodologias de análise espacial e entrevistas semiestruturadas. Assim, as 18 perguntas foram feitas a diferentes públicos em dias da semana e horários variados de forma presencial na área de estudo. A entrevista foi organizada em 5 blocos: (i) identificação do usuário; (ii) acesso ao parque; (iii) uso e apropriação; (iv) percepção do usuário; (v) avaliação quantiquantitativa. Os três primeiros são compostos por perguntas objetivas; o quarto, por questões abertas; e o quinto, um quadro avaliativo qualitativo de aspectos do Parque formado a partir da revisão metodológica inicial. Antes da aplicação, a entrevista foi submetida e

aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba para avaliação das questões.

4. A etapa seguinte consistiu na **sistematização dos dados** coletados e **produção gráfica**. Foi feita a redação do referencial teórico; a elaboração de uma nuvem de palavras a partir do resultado obtido nas entrevistas aos usuários; e a confecção dos elementos gráficos – cartogramas, plantas, diagramas, gráficos e tabelas. Esses foram desenvolvidos com os *softwares* QGis, AutoCAD e Photoshop a partir das bases *shapefile*, DWG e PDF disponibilizadas pelo *website* Filipeia - Mapas da Cidade –, pela SUPLAN e por edições de imagens autorais e disponíveis nas plataformas Google – Earth, Maps e Street View.

5. Por fim, houve o momento de **análise e discussão dos dados sistematizados para elaboração dos resultados da pesquisa**. Assim, realizou-se a revisão dos dados e informações obtidas para a construção dos diagnósticos do bairro e do parque, além da comparação entre as

análises feitas a partir de ambas as perspectivas consideradas: do usuário e do técnico, de observação.

Com isso, atingiu-se o objetivo da pesquisa mediante a análise quantiquantitativa fundamentada no embasamento teórico inicial, intercalando os meios textual e visual, facilitando a compreensão da mesma.

A fim de apresentar de forma clara e objetiva a pesquisa desenvolvida, este trabalho apresenta-se da seguinte maneira: o **capítulo 1** faz uma introdução da pesquisa, apresentando o problema abordado, os objetivos que espera-se atingir e as etapas de trabalho e procedimentos metodológicos realizados para seu desenvolvimento. O **capítulo 2** traz a fundamentação teórico-metodológica feita durante a pesquisa bibliográfica. Nele, são debatidos temas relacionados a ELPs e fenomenologia urbana, além de metodologias de análise espacial usadas como referência para a construção deste. No **terceiro capítulo**, tem início a contextualização espacial da área de estudo, em que são trazidos dados sobre a cidade de João Pessoa e o bairro

Jardim Oceania – de informações históricas e censitárias a legislações urbanas vigentes. Nos **capítulos 4 e 5**, por sua vez, são apresentados os resultados obtidos a partir das observações em campo e da aplicação da entrevista semiestruturada a usuários do Parque Parahyba II. E, por fim, no **capítulo 6** são desenvolvidas as considerações finais acerca do trabalho, a partir do qual pôde-se observar a versatilidade do Parque sob a influência, principalmente, do uso do solo do seu entorno, as variadas formas de apropriação do espaço pelas pessoas e as percepções e relações que os indivíduos têm com esse lugar.

Do conceito à prática:

Fundamentação teórica-
metodológica da pesquisa

02.

Este capítulo volta-se ao estudo feito a partir da pesquisa bibliográfica a respeito de temáticas que constroem o aporte teórico-metodológico do trabalho em questão. Aqui, são tratados conceitos e expostas perspectivas de diferentes autores, que fizeram com que o desenvolvimento posterior da análise espacial e pesquisa em campo fosse estruturado e executado.

Inicialmente, estudou-se os espaços livres públicos (ELPs) para o entendimento dos seus papéis dentro da malha urbana da cidade. Em seguida, as pesquisas sobre a fenomenologia urbana vieram para a compreensão da relação dos ELPs com o indivíduo que o utiliza, o sentimento de lugar particular do sujeito. Por fim, foram investigados métodos aplicados em estudos de análises urbanas para, assim, construir a metodologia de análise da percepção utilizada na pesquisa ora apresentada.

2.1. espaços livres públicos, áreas verdes e parques urbanos

Macedo (1995) define os espaços livres como espaços que não se encontram entre paredes e tetos de construções voltadas à habitação e ao trabalho. Para ele, no meio urbano, são representados tanto por locais por onde os indivíduos transitam em suas rotas cotidianas, como por locais de estadia, trabalho e lazer (Macedo, 1995).

Já Filipe Narciso (2009) considera os espaços públicos urbanos como espaços da cidade com uso e posse coletivos, os quais contribuem para a compreensão da própria cidade onde se localiza. É ainda um elemento simbólico, podendo construir a identidade de um local, e que atua como cenário para socializações interpessoais e expressões sociais, culturais e políticas (Indovina, 2002 *apud* Filipe Narciso, 2009).

Sendo assim, os ELPs apresentam conceito complexo, que abrange tanto sua forma física como as funções a eles atribuídas. Constituem-se, dessa forma, como espaços

abertos de uso coletivo com pouca ou nenhuma construção, normalmente vegetados e que voltam-se a atender às funções ambiental, ecológica, estética, de lazer e de socialização (Silva, 2023). Podem ser incluídos nessa definição: ruas, calçadas, terrenos baldios, parques, praças, entre outros.

No entanto, Macedo (1995) destaca a frequente hesitação quanto aos conceitos de espaço livre e de área verde, comumente relacionados à função de lazer. Ao se referir às áreas verdes, o autor trata de quaisquer áreas vegetadas no sistema de espaços livres (Macedo, 1995). A estas áreas, Buccheri Filho e Nucci (2006 *apud* Lima, 2022) acrescentam ainda que devem estar relacionadas três intenções: ecológico-ambiental, estético e de lazer.

Diante disso, os parques urbanos podem ser classificados como ambos: uma área verde no sistema de espaços livres públicos. Batista (2019) os define como

[...] áreas de extensas dimensões que contribuem positivamente no bem estar das pessoas, na preservação

da flora e fauna nativa e na drenagem de águas pluviais da cidade, evitando desastres ambientais provocados pelo acúmulo de águas no solo urbano (Batista, 2019, p. 33).

Segundo Macedo e Sakata (2010 *apud* Lima, 2022), esses tiveram origem a partir da necessidade de acolher o lazer e o ócio no meio urbano. Com o tempo, novos papéis foram sendo agregados ao espaço: de qualidade de vida, através do contato com a natureza e do embelezamento urbano; ambiental, por meio da sustentabilidade ecológica; social, pelos encontros proporcionados; e político e econômico, pelas atividades que nele acontecem (Batista, 2019; Lima, 2022). Dessa forma, são capazes de gerar dinamicidade em suas proximidades (Jacobs, 2011).

Uma das formas de se classificar os parques urbanos foi feita por Whately *et al.* (2008 *apud* Lima, 2022). Dentre as quatro categorias – naturais, históricos, lazer e parques lineares –, a presente pesquisa ressalta a última. Os parques lineares são caracterizados pelo aspecto longilíneo ao longo de determinado elemento variável a depender do local, e, por isso, não apresentam formato ou dimensão específico

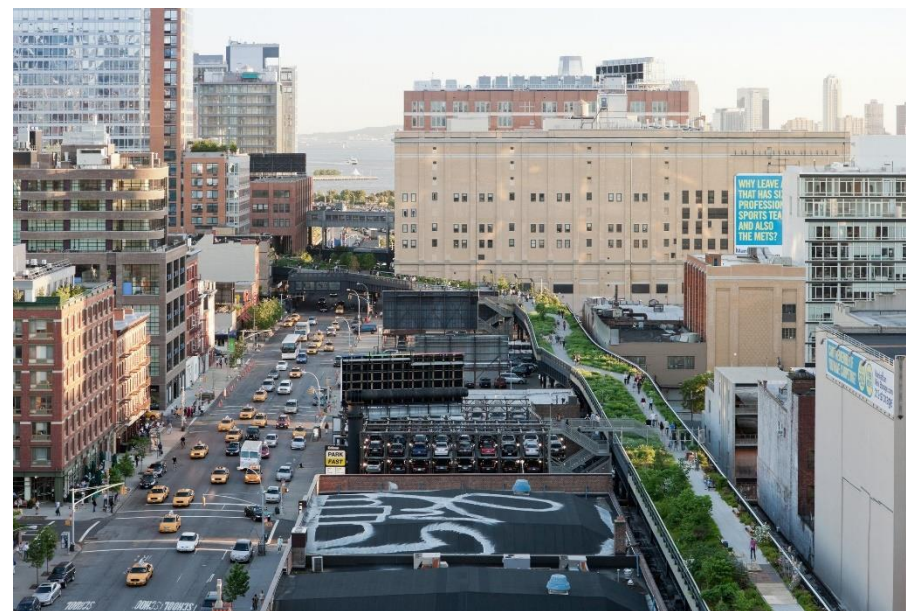
(Whately *et al.*, 2008 *apud* Lima, 2022). Sua extensão é marcada por pólos que se interligam por caminhos e vegetação (Friedrich, 2007 *apud* Lima, 2022) e, normalmente, estão relacionados a propostas de requalificação urbana com impacto “visual, cultural e funcional” (Lima, 2022, p. 57), além de proporcionarem o aprimoramento da mobilidade urbana não motorizada (Brenke, Carolina, 2019 *apud* Lima, 2022).

De acordo com Lima (2022), os parques lineares são fáceis de serem implantados em tecidos urbanos já consolidados, visto que não demandam extensas áreas e podem se adaptar à topografia e aos recursos existentes, sejam eles componentes hídricos, áreas de preservação ou equipamentos abandonados, como ferrovias.

Um exemplo de parque urbano linear é o High Line Park, em Nova Iorque, Estados Unidos (**figura 2**). Inaugurado em 2009, o projeto consta na revitalização de um trecho de uma estrutura ferroviária suspensa desativada desde a segunda metade do século XX e apresenta jardins e programas

públicos, como exposições artísticas ao longo de mais de 2km de extensão (Friends, [s.d.]).

Figura 2 – High Line Park, Nova Iorque



Fonte: Iwan Baan, 2011.

Atualmente, a capital paraibana apresenta parques com configurações diversas e em diferentes áreas da cidade: próximos ao centro histórico, envolvidos pela malha urbana, de formato linear, com pouca intervenção ou pensados para o uso diário. Dentre esses, destacam-se: o Parque Arruda Câmara, a “Bica” (**figura 3**); o Parque Sólon de Lucena, a

“Lagoa” (**figura 4**); e a Mata do Buraquinho (**figura 5**). Construídos na década de 1920, a Bica e a Lagoa foram os primeiros exemplares da cidade nesse âmbito. Enquanto o primeiro foi idealizado, *a priori*, com a função de contemplação, o segundo também foi pensado para a mobilidade urbana local, recebendo, na década de 40, intervenções paisagísticas de Roberto Burle Marx (Lima, 2022; Costa, 2024).

Figura 3 – Parque Arruda Câmara, “Bica”, João Pessoa



Fonte: Arquivo SECOM PB.

Figura 4 – Parque Sólon de Lucena, “Parque da Lagoa”, João Pessoa



Fonte: Governo da Paraíba, 2023.

Por outro lado, há a Mata do Buraquinho, adquirida pelo Governo do Estado no início do século XX e onde, desde o ano de 2000, foi implantado o Jardim Botânico de João Pessoa (**figura 5**), em 343ha dos 515ha totais. Esse Refúgio de Vida Silvestre (RVS), como a área foi classificada, caracteriza-se pela sua conformação natural e de conservação da Mata Atlântica (Jardim, 2015).

Figura 5 – Jardim Botânico Benjamim Maranhão, João Pessoa



Fonte: Paraíba Criativa, 2015.

Já os Parques Lineares Parahyba, situados na zona norte da capital e objetos de estudo da presente pesquisa, são assim classificados diante da sua forma linear ao longo de córregos provenientes do Rio Jaguaribe. Diferente da Mata do Buraquinho e do Parque Arruda Câmara, esses são voltados, principalmente, ao uso diário da população residente nas suas proximidades.

2.2. a fenomenologia e o lugar

O termo “fenomenologia” refere-se à ciência que surgiu entre os séculos XIX e XX a partir dos estudos do filósofo Edmund Husserl (Amorim, 2021). De acordo com Giese, Silva e Melo (2023),

A fenomenologia, em síntese, é uma ciência que aborda a descrição de processos de apreensão e experimentação do mundo – os fenômenos – a partir de como se dão na consciência humana (Giese; Silva; Melo, 2023, p. 3).

Mais do que isso, é um método filosófico que tem como objeto de estudo a subjetividade do ser no mundo – ou seja, a relação do indivíduo com o mundo, suas experiências – como um complemento à objetividade das ciências físico-naturais (Santos; Souza, 2015).

Ainda no âmbito da filosofia, os principais nomes desse campo de pesquisa são Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. O primeiro estuda a intencionalidade, que considera que, apenas com uma consciência intencional do sujeito, o mundo apresenta sentido (Giese; Silva; Melo, 2023). Já o

segundo desenvolve seus estudos seguindo o viés do habitar, se referindo à consolidação, com o tempo, da sensação de pertencimento e segurança a partir do hábito (Giese; Silva; Melo, 2023). O último, por sua vez, volta sua perspectiva à materialidade: a chamada fenomenologia corporificada, em que o corpo recebe espacialidade e consciência intencional (Giese; Silva; Melo, 2023).

A partir do período pós-moderno, na década de 1960, essa metodologia de análise passa a ser inserida nos meios da arquitetura e do urbanismo, visto que as produções teóricas vinham sendo trabalhadas em parceria com outras disciplinas das ciências sociais aplicadas – geografia, sociologia, antropologia – a respeito do indivíduo e sua interação com o ambiente (Amorim, 2021). Surge, então, o que passou a ser chamado de “fenomenologia urbana”.

Assim, a fenomenologia urbana seria uma aplicação metodológica dos conceitos teórico-filosóficos da fenomenologia, enquanto observação da experiência humana no mundo, para a observação e avaliação da experiência humana na cidade. Aborda os processos de subjetivação e apreensão que se dão no e a partir do mundo urbano, principalmente em recortes específicos

como os aqui apresentados – conjuntos habitacionais, espaços urbanos e paisagem urbana (Giese; Silva; Melo, 2023, p. 13).

Conforme Giese, Silva e Melo (2023), as pesquisas urbanas baseadas nessa ciência desenvolvem avaliações qualitativas da experiência subjetiva do sujeito no meio urbano. No entanto, os autores concluem que tais análises baseadas na fenomenologia não apresentam procedimentos metodológicos definidos: estão fundamentadas nos seus princípios, mas não se prendem a estruturas predefinidas (Giese; Silva; Melo, 2023).

Entra em debate, assim, o conceito de psicologia ambiental, que estuda não só a relação entre sujeito e ambiente, mas também a interferência desse ambiente físico-social no comportamento do indivíduo que o vivencia. Considera-se, portanto, um sistema bilateral, em que cada um dos dois elementos tem participação ativa (Silva, 2023). Seguindo o mesmo caminho, pesquisas sobre ambiências urbanas analisam “atmosferas materiais e morais” (Le Petit Robert, 2002 *apud* Silva; Duarte, 2020), ou seja, além de sensações físicas do espaço, sua relevância simbólica para os grupos

socioculturais que o utilizam (Silva; Duarte, 2020).

Norberg-Schulz (in Nesbitt, 2006, p. 445) afirma que, justamente pela complexidade desses lugares – conceito este que vai além do significado de uma localização, trata-se de uma “atmosfera”, “um fenômeno qualitativo ‘total’” –, a fenomenologia é o meio fundamental para o estudo da arquitetura. Para o autor, o lugar é estruturado a partir do espaço e do caráter, interdependentes entre si, ou seja, dos elementos físicos que o compõem e sua atmosfera, que, em função do tempo, conformam um “espaço vivido”. Apesar disso, deixa claro que essa estrutura não é inalterável: tanto deve ser moldável a finalidades variadas, seguindo a dinamicidade humana natural, como pode ser interpretado através de diferentes perspectivas.

Quando tratando-se dos espaços livres públicos no meio urbano, tais lugares podem ainda servir como ambientes restauradores. Assim se comportam quando estão voltados à contemplação, à distração e ao distanciamento da realidade, e apresentam escape; extensão ou escopo;

fascinação; e compatibilidade (Kaplan; Kaplan, 1989 *apud* Silva, 2023).

2.3. métodos de análise espacial

Ao entender o papel dos indivíduos na elaboração, ativação e compreensão dos espaços livres públicos, diversas análises espaciais centram-se na percepção do usuário. Diante disso, foi feita uma revisão e análise de produções acadêmicas desenvolvidas a partir desse seguimento, apresentada a seguir.

Primeiramente, no que diz respeito a investigações científicas sociológicas, Boni e Quaresma (2005) afirmam que essas devem sempre estar baseadas num levantamento de dados. Esse deve ser iniciado por uma pesquisa bibliográfica, seguido pela observação em campo de fatos ou fenômenos, e acompanhado da interação com pessoas que venham a agregar mais informações para a pesquisa.

As autoras destacam que a coleta de dados em campo

aproxima diretamente o pesquisador da realidade estudada e permite reconhecer conhecimentos não identificados pelas demais pessoas. Ressaltam ainda a importância da entrevista nessas investigações. Através da interação entre as pessoas envolvidas – o entrevistador e o entrevistado –, essa ferramenta possibilita a coleta de informações objetivas e subjetivas (Boni; Quaresma, 2005).

Boni e Quaresma (2005) apresentam formas variadas de entrevistas, aplicadas a depender do objetivo da pesquisa, e indicam suas vantagens e desvantagens. Dentre elas, estão as abertas, as estruturadas e as semiestruturadas. As abertas correspondem a uma maneira livre de se debater determinada questão, com pouca intervenção do entrevistador. As entrevistas estruturadas possuem itens preestabelecidos, que guiam todo o diálogo. Já as semiestruturadas são compostas por indagações objetivas e subjetivas, definindo um roteiro com o entrevistado, mas sendo também possível flexibilizar a discussão (Boni; Quaresma, 2005).

Garcias e Ribeiro (2019), por sua vez, elaboram um estudo quanto à aplicação de ferramentas de análise na avaliação de projetos arquitetônicos. Ao tratar das formas de avaliação pós-ocupação (APO), os autores se detêm a duas mais recorrentes: as avaliações dos técnicos e dos usuários. A primeira considera fatores construtivos e de conforto ambiental. Enquanto isso, a segunda pode ser executada de oito maneiras, segundo Rheingantz *et al.* (2009 *apud* Garcias; Ribeiro, 2019), como o mapa comportamental, em que são apresentados atividades e comportamentos dos indivíduos; o mapa mental, retratando desenhos e relatos de lembranças; as entrevistas, buscando coletar informações e opiniões; e o questionário, no qual as pessoas, individualmente, respondem às perguntas estabelecidas (Garcias; Ribeiro, 2019).

A metodologia aplicada na pesquisa de Silva (2023) – que faz uma avaliação de espaços livres públicos a partir do conforto e da psicologia ambiental e da relação socioambiental de seus usuários – consiste em três eixos de análise que, combinadas, resultaram em diretrizes para uma

intervenção projetual. O eixo de análise estrutural refere-se à caracterização morfológica e funcional do espaço. A análise perceptual ou cognitiva considera a sensação passada pelo local. E a análise experiencial tem como objeto de observação os fatores da dinamicidade consequente (Silva, 2023). Por isso, o autor desenvolveu visitas em campo para observação do espaço e aplicou formulários aos usuários, posteriormente analisados através de mapas, diagramas, gráficos e nuvem de palavras.

A contribuição dos trabalhos acima mencionados para a definição da metodologia desta pesquisa consistiu na validação de referências e teorias conceituadas e na estruturação da mesma. Além desses, outros cinco métodos de análise urbana fundamentaram a presente pesquisa. A definição destes como referências centrais do trabalho se justifica diante de suas consistências metodológicas, apresentando princípios teóricos, argumentação e aplicação, e devido às suas relevâncias no âmbito científico, visto que são recorrentemente utilizados em estudos nacionais e internacionais.

Em seu livro “A imagem da cidade”, Kevin Lynch (1999) expõe seu método aplicado em três cidades norte-americanas. Seu objeto de estudo são as “imagens públicas”, que, para ele, “é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos” (Lynch, 1999, p. 57). Diante disso, determina cinco elementos da imagem urbana que compõem a “imaginabilidade” de um lugar, ou seja, a propriedade do espaço apresentar referência física ou simbólica. Os elementos aos quais se refere são: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes (**figura 6**). Segundo o autor, esses elementos devem se interrelacionar, de forma que um evidencie o outro e resulte numa imagem mais forte, de fácil identificação e estrutura visual (Lynch, 1999).

Ele desenvolveu seu método através de duas técnicas: entrevista a poucas pessoas e um “exame sistemático da imagem ambiental evocada por observadores treinados no terreno” (Lynch, 1999, p. 153). Na etapa da entrevista, solicita-se um desenho da cidade estudada, exposição detalhada de percursos pela área e relatos rápidos dos

trechos mais nítidos para cada um. As perguntas apresentadas aos entrevistados são abertas, subjetivas e bastante direcionadas.

Figura 6 – Elementos da imagem urbana, por Kevin Lynch



Fonte: Lynch, 1999. Elaborado pela autora, 2024.

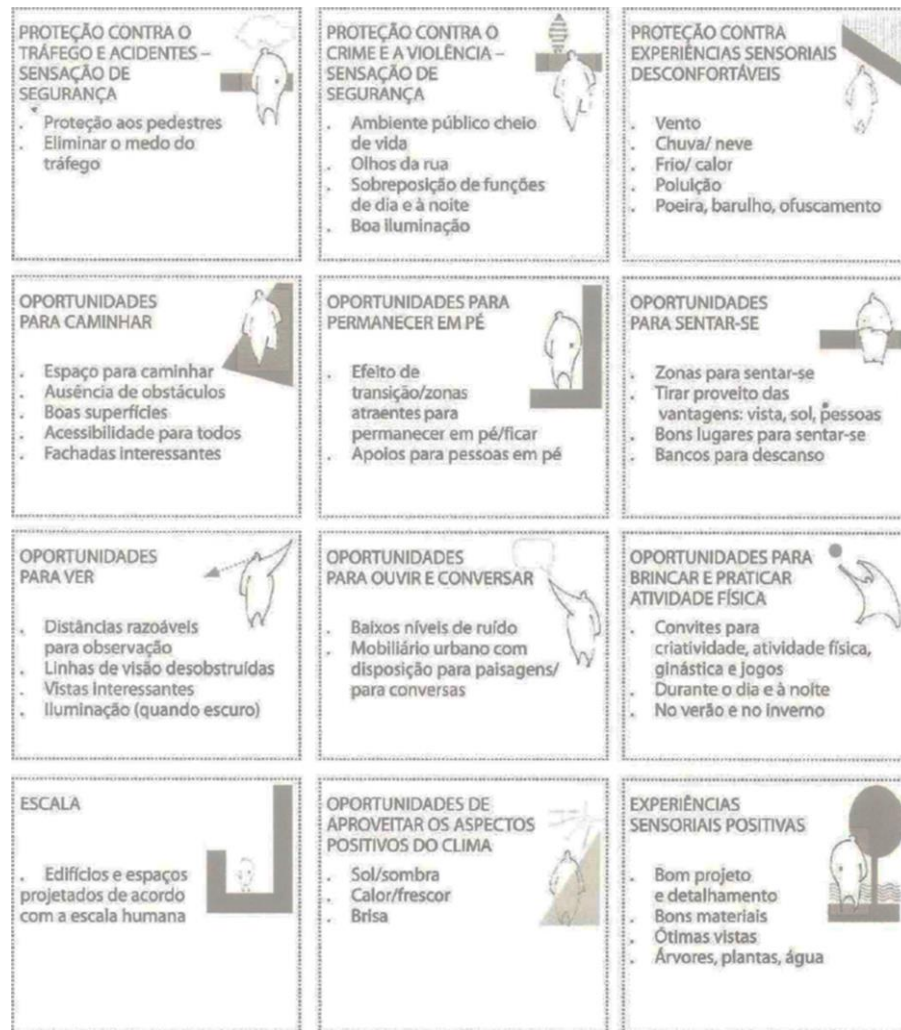
Além disso, para o estudo resultar num diagnóstico com mapas e relatórios a serem utilizados para um planejamento

posterior, é necessário ainda, conforme Lynch (1999), realizar a observação geral da área por pesquisadores a pé e por veículo, em turnos e percursos variados e aplicar entrevistas breves a grupos maiores de indivíduos.

Jan Gehl (2013), por sua vez, define doze critérios de qualidade para a avaliação de uma cidade, divididos em três categorias: proteção, conforto e prazer (**figura 7**).

Em “Cidades para pessoas”, o arquiteto que estuda o planejamento urbano voltando-se “ao nível dos olhos” afirma que um espaço funcional e de qualidade não ignora nenhum dos critérios indicados, e destaca a importância da boa arquitetura e design atuarem conjuntamente, abrangendo todos os demais setores (Gehl, 2013).

Figura 7 – 12 critérios de qualidade de Jan Gehl

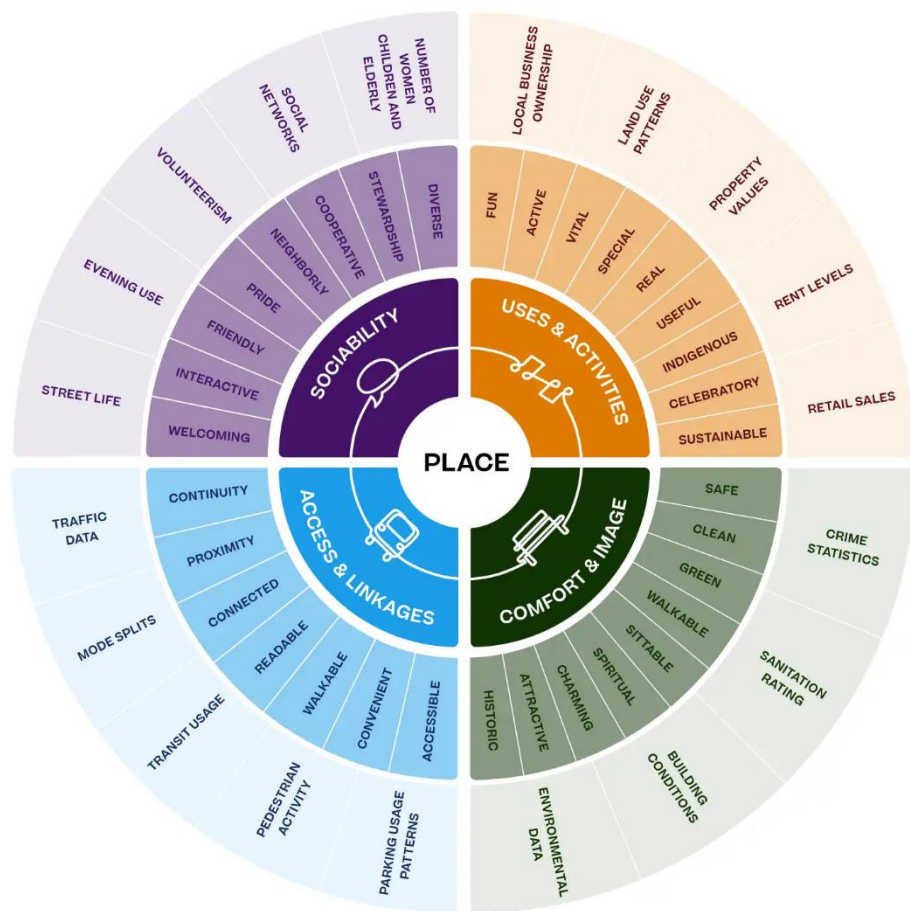


Fonte: Gehl, 2013, p. 239.

Já a organização interdisciplinar *Project for Public Spaces* (PPS) – desenvolveu um estudo sobre “O que faz um lugar bem sucedido?”¹ considerando a perspectiva dos seus usuários (PPS, [s.d.]). Nele, são exemplificados quatro aspectos necessários para classificar um espaço público como de qualidade: acessos e conexões; conforto e imagem; usos e atividades; e sociabilidade. A partir disso, apresenta-se “O Diagrama do Lugar”², uma ferramenta para a avaliação do espaço (figura 8).

¹ Em inglês, “*What Makes a Successful Place?*” (tradução nossa)

² Em inglês, “*The Place Diagram*” (tradução nossa)

Figura 8 – O Diagrama do Lugar (“The Place Diagram”) do PPS

Fonte: PPS, [s.d.].

Conforme a pesquisa, um espaço deve ser dotado de acessibilidade a partir de conexões visuais e físicas ao seu

entorno que facilite o acesso e deslocamento, assim como reforça a importância de sua segurança, limpeza, manutenção e oportunidades de permanência e contemplação. Ademais, deve possibilitar diversidade de atividades individuais e coletivas durante todo o dia e por públicos diferentes, o que permite a construção do sentimento de lugar e pertencimento (PPS, [s.d.]).

O trabalho desenvolvido pela cooperativa feminina Col·lectiu Punt 6, “Espaços para a Vida Cotidiana: Auditoria de Qualidade Urbana com Perspectiva de Gênero³”, apresenta uma metodologia de análise espacial em três etapas, na qual alia-se ao diagnóstico do observador técnico, a perspectiva dos moradores e usuários baseado na perspectiva de gênero (Ciocoletto, 2014).

A primeira fase consiste no diagnóstico urbano participativo. Nessa etapa, é feito o levantamento de dados da área através de caminhadas de reconhecimento; observações em campo em dias e horários diferentes,

³ Em espanhol, “*Espacios para la Vida Cotidiana: Auditoría de Calidad*

Urbana con perspectiva de Género” (tradução nossa)

registradas por anotações e fotografias; dinâmicas participativas como oficinas e atividades coletivas com os usuários; e entrevistas, sejam elas espontâneas ou estruturadas (Ciocoletto, 2014). Quanto à aproximação do pesquisador à área em estudo, destaca-se que

É preciso levar em conta que seremos observadoras do espaço, mas nos interessa ser participantes do que acontece e não chamar a atenção para não modificar as dinâmicas sociais que se desenrolam no espaço (Ciocoletto, 2014, p. 34, tradução nossa).

A avaliação do espaço urbano é feita em seguida. Define-se, no manual, um sistema de indicadores urbanos espaciais composto por cinco aspectos necessários para o espaço se adequar à vida diária: proximidade, diversidade, autonomia, vitalidade e representatividade (Ciocoletto, 2014).

A terceira e última etapa é a avaliação da gestão urbana quanto à “transversalidade” de gênero. O termo refere-se ao nível de equidade de gênero na gestão, esperando que ocorra em mais de uma escala, que seja interdisciplinar e participativa (Ciocoletto, 2014).

Por fim, o último trabalho que serviu de referência metodológica foi a tese desenvolvida por Brito (2019), que elabora um método de análise espacial baseado em três dimensões: do espaço livre público, do mobiliário e do usuário. Para cada uma, relaciona-se uma fundamentação teórica associada à abordagem, que gera variáveis a serem analisadas, um quadro de atributos, posteriormente pontuados de 1 a 5 – de “insuficiente” a “provisto” – e a síntese dimensional apresentada em forma de gráfico de radar. As três avaliações são, portanto, analisadas conjuntamente.

Na dimensão do ELP, relacionam-se estudos da geografia, da arquitetura e urbanismo e da sociologia. Assim, os atributos analisados foram uso e atividades; acessos e conexões; e ambiental e conforto. Para isso, foram desenvolvidos mapas, anotações e registros fotográficos mediante observação em campo e levantamentos de informações do espaço (Brito, 2019).

Já na dimensão do mobiliário, que associa-se ao design e à

arquitetura e avalia variáveis técnicas, quantitativas e qualitativas, os atributos estipulados foram de funcionalidade e utilidade; plástica; e estrutura (Brito, 2019).

Por último, sobre o usuário, em que se estudou a arquitetura e o urbanismo e a psicologia ambiental, a autora indicou como atributos mapa comportamental; vestígios ambientais; e o sentimento de pertencimento. Neste caso, os dois primeiros são postos em prática através de mapeamentos e registros fotográficos. Para o terceiro, a observação do pesquisador é complementada por um questionário semiestruturado aplicado aos usuários do local.

Dessa forma, diante do levantamento teórico realizado, constatou-se a importância da análise objetiva e subjetiva do espaço para a caracterização do lugar e sua respectiva relação com o usuário. A imaginabilidade de um lugar, segundo Lynch (1999), e os critérios de qualidade de uma cidade estabelecidos por Gehl (2013) orientaram a construção das perguntas a serem feitas aos usuários do

parque, assim como a definição da entrevista como uma ferramenta a ser utilizada nesta pesquisa. Os aspectos pontuados no “Diagrama do Lugar” (PPS, [s.d.]) foram essenciais para a observação técnica dos espaços, assim como para a elaboração dos questionamentos aos indivíduos. Quanto à metodologia da investigação de campo, Lynch (1999), Ciocoletto (2014) e Brito (2019), que expõem detalhadamente seus procedimentos metodológicos, contribuíram na estruturação do plano de pesquisa e nas etapas de trabalho desta investigação.

Com o objetivo de reunir diferentes perspectivas de análise espacial e não apenas aplicar uma metodologia única, foi feita a combinação de métodos diversos, destacando-se a essência de cada uma aqui referenciada, e compondo uma nova, completa. Assim, o quadro a seguir sintetiza os aspectos investigados nesta pesquisa por cada um dos cinco estudos aqui apresentados.

aspectos autores	visitas de observação	vestígios ambientais	aspectos de análise espacial	mapeamento	perspectiva do usuário	entrevistas e questionários	sentimento de pertencimento / lugar	estrutura da pesquisa
Kevin Lynch, 1999	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
Jan Gehl, 2013			✓		✓	✓		
PPS, [s. d.]		✓	✓		✓	✓	✓	
Col·lectiu Punt 6, 2014	✓		✓	✓	✓	✓		
Brito, 2019	✓	✓	✓	✓	✓	✓		✓

Do urbano ao local:

Aproximando-se ao objeto
de estudo

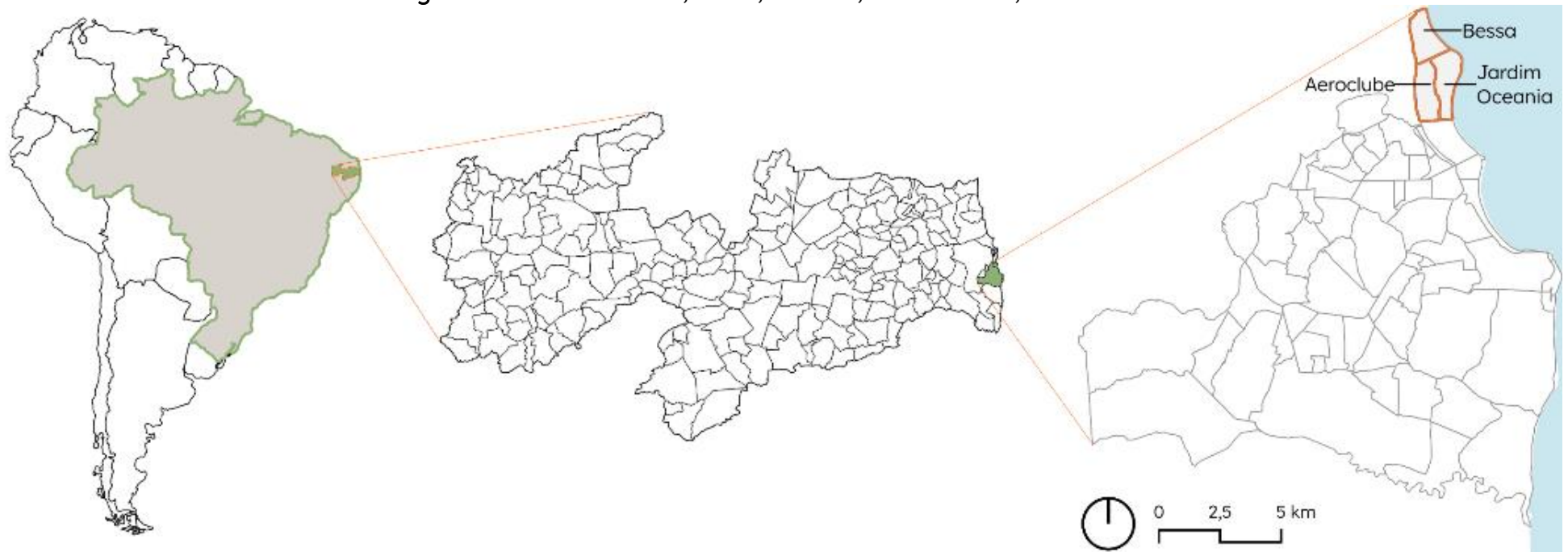
03.

Este capítulo foi desenvolvido a partir das pesquisas bibliográfica e documental a respeito da cidade e do bairro trabalhados na presente investigação – João Pessoa e Jardim Oceania. O mesmo trata, portanto, da contextualização espacial inicial do objeto de estudo, através de dados socioeconômicos, legislações urbanísticas e análises quanto à morfologia do recorte.

3.1. a cidade

A área a ser estudada nesta pesquisa consiste no Parque Parahyba II, localizado no Jardim Oceania, bairro da zona norte de João Pessoa, no Nordeste brasileiro (**figura 9**). Segundo o Censo de 2022 (IBGE, 2023), nesse ano, a cidade apresentava uma população de 833.932 habitantes e densidade demográfica de 3.970,27 hab/km², em seu território de 210,044 km².

Figura 9 – América do Sul, Brasil, Paraíba, João Pessoa, Setor Bessa

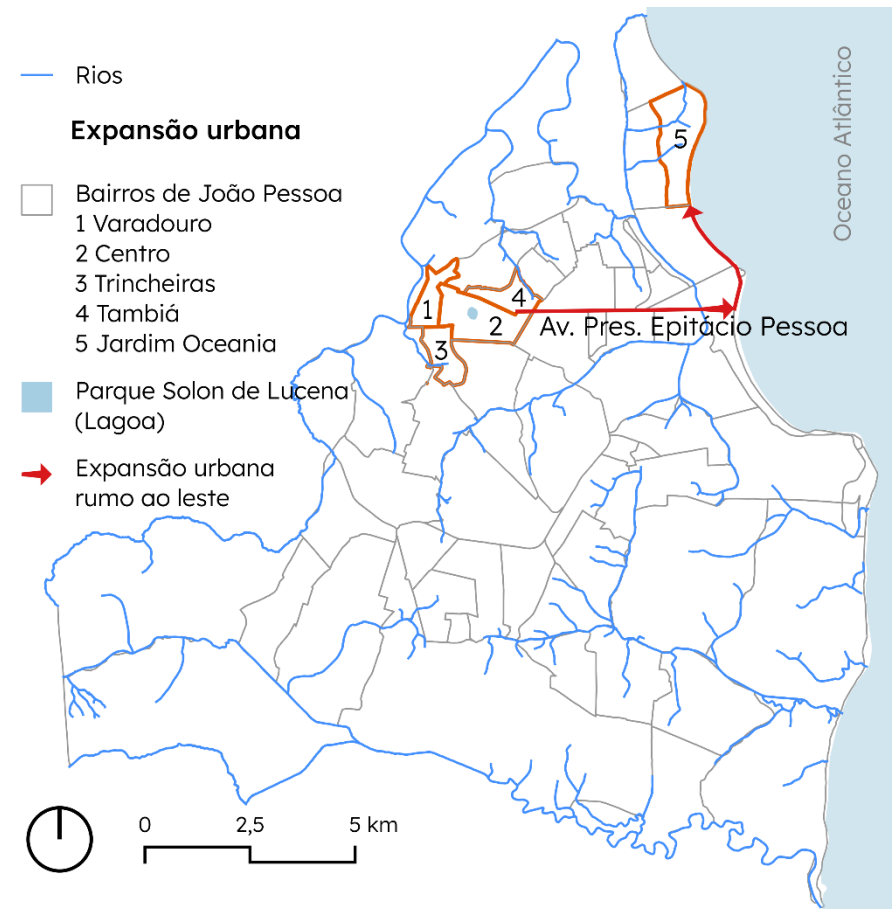


Fonte: Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

Da data de sua fundação, em 1585, à segunda metade do século XIX, João Pessoa não apresentou grandes movimentos de expansão urbana, concentrando-se majoritariamente próximo ao seu núcleo original: próxima ao rio Sanhauá, nos atuais bairros da zona oeste – Varadouro, Centro, Tambiá, Trincheiras, entre outros (Batista, 2019).

Já nas primeiras décadas do século XX, iniciou-se um rápido e intenso processo de expansão territorial da cidade na direção Leste, impulsionado principalmente a partir da abertura da Avenida Epitácio Pessoa (**figura 10**). Essa ocupação, no entanto, se deu sobretudo pela população de classe mais alta, à medida que as antigas residências de veraneio tornavam-se moradias permanentes, edifícios institucionais eram construídos e investia-se em infraestrutura urbana e transporte na área (Martins; Maia, 2015).

Figura 10 – Surgimento do Jardim Oceania na expansão de João Pessoa



Fonte: Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

3.2. o bairro

O bairro Jardim Oceania faz fronteira com o Bessa a norte, o Aeroclube a oeste e o Manaíra a sul (figura 11). Com formato linear no sentido norte-sul, o bairro se estende paralelamente ao Oceano Atlântico e apresenta uma área total de 228ha, ocupada em 2010 por mais de 15.000 habitantes, com quase 5.000 domicílios e uma das mais altas rendas médias domiciliares do município, de cerca de R\$7.000 (PMJP, 2021).

Dentro de seus limites, não há área definida como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). Em suas proximidades, encontra-se a Comunidade São Luis, assentada às margens do Rio Jaguaribe, na divisa entre os bairros do Bessa e Aeroclube, a oeste. Essa zona, no entanto, não é nomeada nos mapas mais atuais da Prefeitura, sendo apenas indicada como uma pequena área isolada das demais ZEIS da cidade.

Figura 11 – Imagem de satélite do Jardim Oceania



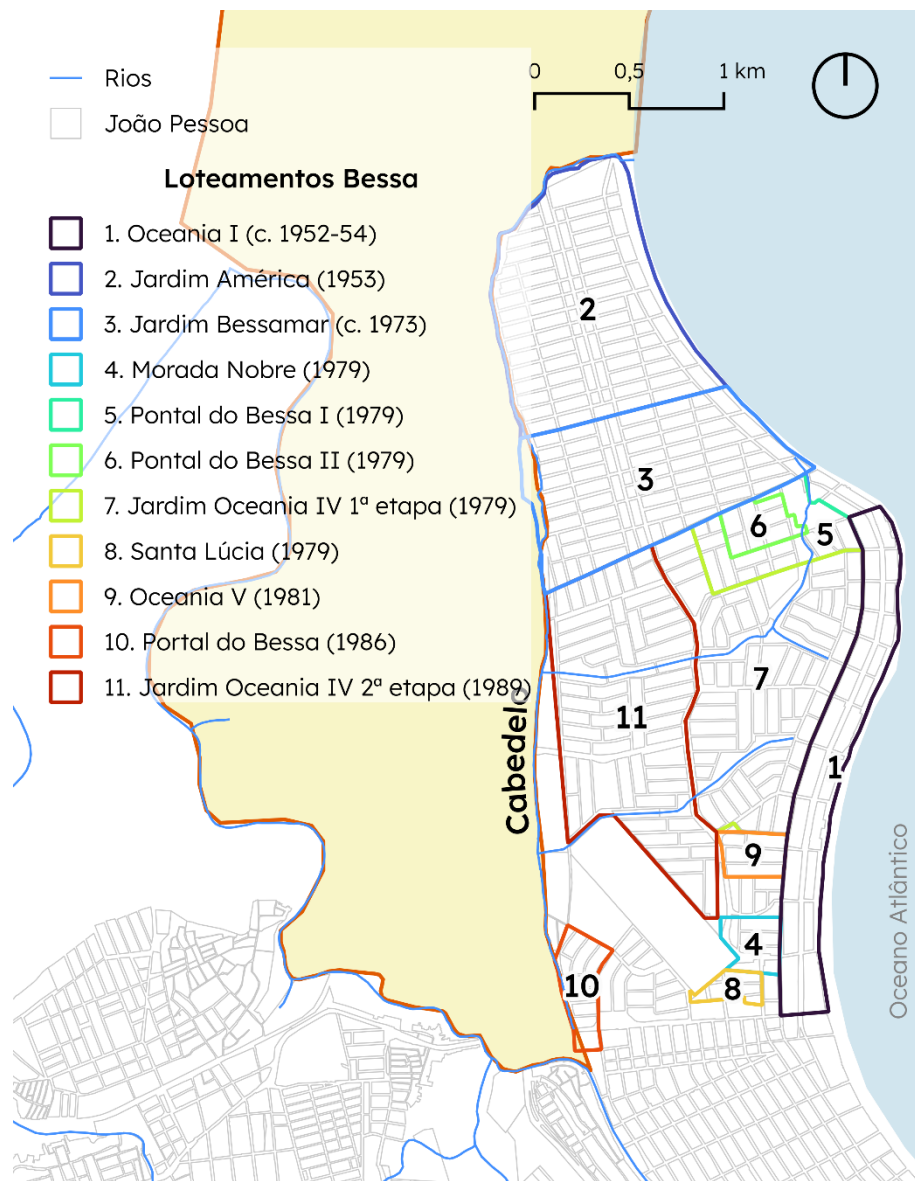
Fonte: Google Earth. Editado pela autora, 2024.

Inicialmente, Jardim Oceania, Aeroclube e Bessa compunham um único bairro, que levava o nome do último em homenagem ao primeiro proprietário dessas terras no período colonial – Antônio Bessa (Vasconcelos Filho, 2003 *apud* Gondim, 2012). De acordo com Sarmento (2012), a urbanização da área teve início na década de 1950 por moradias unifamiliares de veraneio a sudeste, próximo à praia. Antes, apresentava características rurais, onde fazendas se localizavam em meio à vegetação natural. Essa ocupação, segundo a autora, se deu diante da pavimentação da estrada de rodagem que ligava João Pessoa ao porto de Cabedelo – atual BR-230 – e da Avenida Litorânea, margeando a orla marítima da capital de Tambaú até o sul do bairro em questão (Sarmento, 2012).

Devido à ausência de infraestrutura básica, à dificuldade do acesso e dos alagamentos frequentes na área, o Bessa permaneceu sem grandes mudanças no seu território até meados da década de 1970, quando a legislação urbanística passou a considerá-lo no processo de expansão da cidade (Sarmento, 2012). No Código de Urbanismo de João Pessoa

de 1975 – Lei nº 2102 de 31 de dezembro de 1975 –, parte do setor foi classificada como Área de Expansão Urbana. Quatro anos mais tarde, na revisão do Plano Diretor – Lei Municipal nº 2699 –, todo o Bessa já foi considerado área urbana da capital (Sarmento, 2012). Essa inclusão acentuou a ocupação do bairro, já iniciada desde os anos 1950 pelos loteamentos Oceania I e Jardim América. Foram então acrescidos os loteamentos Jardim Bessamar, em 1973; Pontal do Bessa I e II, Jardim Oceania IV 1ª etapa, Morada Nobre e Santa Lúcia em 1979; Oceania V, em 1981; Portal do Bessa, em 1986; e Jardim Oceania IV 2ª etapa em 1989 (Sarmento, 2012), identificados na **figura 12** a seguir.

Figura 12 – Localização dos loteamentos do Bessa



O Código de Urbanismo de 1975 estabeleceu um zoneamento da cidade e regulamentou os projetos de loteamento feitos a partir de então. Dentre as várias determinações da lei, ela definiu que os mesmos deveriam ser integrados ao tecido já existente da cidade por meio da conexão ao seu sistema viário, que os novos traçados formassem junções de ruas locais em forma de T, ao invés de cruzamentos, delimitou dimensões para as novas ruas, calçadas e canteiros, e ainda instituiu áreas mínimas exclusivas para praças – 30% –, espaços verdes públicos – 10% – e equipamentos comunitários – 5% (Sarmento, 2012).

Para Sarmento (2012), além da legislação urbanística, outros aspectos também viabilizaram esse impulso na ocupação do Bessa nesse momento. Um deles foi a atuação do Projeto Comunidades Urbanas para Recuperação Acelerada (CURA) em Manaíra, que atraiu infraestrutura para o bairro e, conseqüentemente, foi sendo ocupado por mais habitações e comércios. Outro ponto foi a pavimentação das Avenidas Campos Sales – atual Governador Argemiro de Figueiredo – e Afonso Pena, que cortam o bairro de norte a

sul, ligando a Avenida Flávio Ribeiro Coutinho – “Retão de Manaíra” – a Cabedelo, o que favoreceu o acesso aos loteamentos pela praia, e não mais pela BR-230. Por fim, a autora destaca o abastecimento de água, esgotamento sanitário e canais de drenagem, que até então eram insuficientes ou inexistentes no bairro.

Dessa forma, entre o fim da década de 1970 e a década de 1980, o Bessa foi sendo ocupado, principalmente, na área de entorno das suas principais avenidas até então – Campos Sales, Afonso Pena e Flávio Ribeiro Coutinho – e em loteamentos urbanos adentrando no bairro (Sarmiento, 2012). Nesse período, teve início o processo de verticalização de João Pessoa, e não foi diferente nesse setor da cidade, área em expansão que vinha sendo visada por uma população de maior poder aquisitivo, valorizando o solo urbano e direcionando a população em estágio de vulnerabilidade socioeconômica às margens do rio Jaguaribe, e recebendo a instalação de comércios e serviços para seus moradores e visitantes (Sarmiento, 2012).

Assim, diante desse adensamento verticalizado, a Constituição do Estado da Paraíba – de 5 de outubro de 1989 – (Paraíba, 2015) e a Lei Orgânica do Município de João Pessoa – de 1990 – (João Pessoa, 1990), determinaram em seus artigos 229 e 175, respectivamente, a zona costeira do estado e do município como patrimônio ambiental, cultural, paisagístico, histórico e ecológico. Para isso, os novos edifícios deveriam respeitar a faixa de 500 metros a partir da preamar de sizígia – nível máximo da maré no período de maior amplitude, durante lua nova e cheia – com construções de, no máximo, 12,9m mais próximo ao mar e 35m na extremidade oposta, assim como a primeira quadra a partir da mesma referência poderia estar locada a 50m para o estado e 150m para o município – sendo adotada a mais restritiva.

Em 1998, com a Lei Municipal nº 1574, a região Bessa sofreu um desmembramento e foi dividida em três bairros distintos: Bessa, Aeroclube e Jardim Oceania. Dessa área, aproximadamente 35% é constituída pelo último (Batista, 2019). A **figura 13** a seguir mostra sua ocupação urbana.

Figura 13 – Ocupação urbana do Jardim Oceania ao longo do tempo

Fonte: PMJP, site Filipéia e Google Earth. Editado pela autora, 2024.

1972



1978



1983

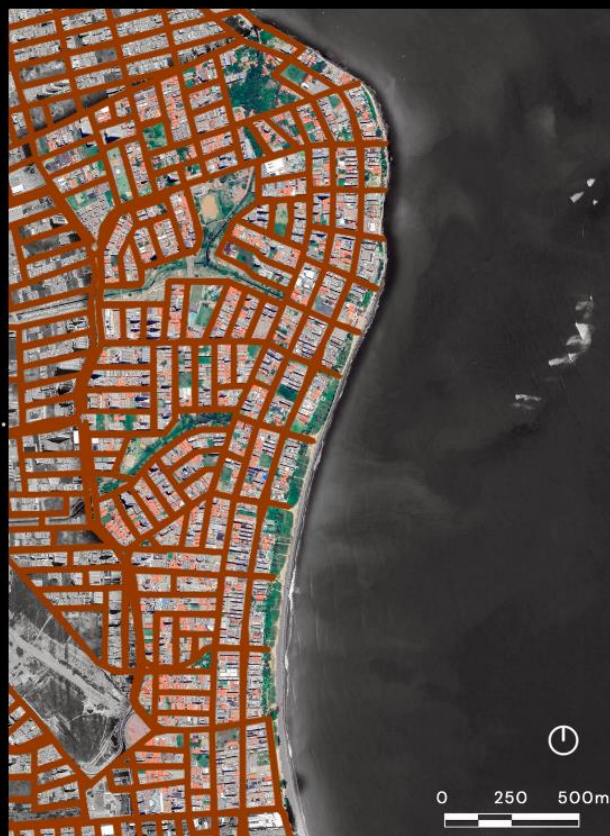


Interiorização da ocupação e intenso crescimento do bairro a partir do fim da década de 1970

Início do bairro a partir da Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho (leste-oeste) e da abertura da Av. Gov. Argemiro de Figueiredo (sul-norte)

Área já consolidada a partir da década de 1990, sem mais expansão horizontal significativa. Intensificação da verticalização.

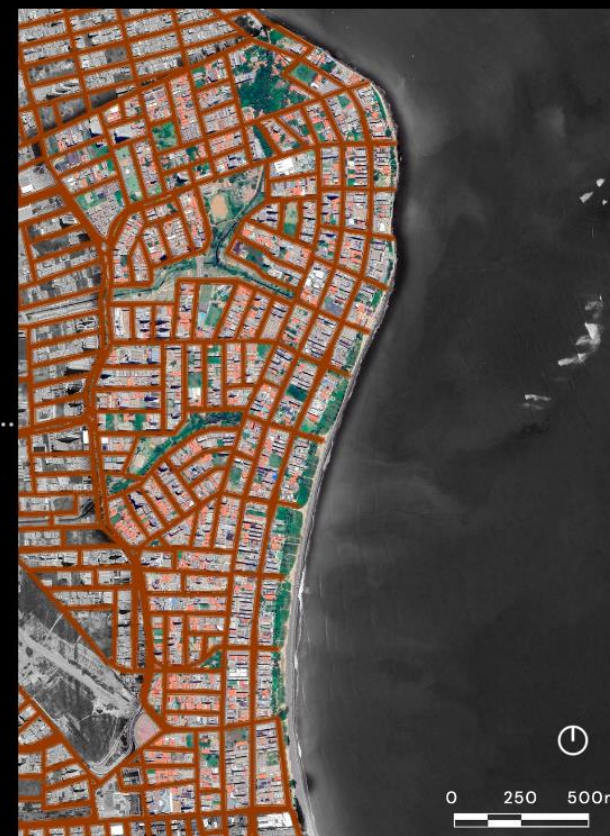
1994



2004



2021



3.3. a legislação urbanística e a morfologia do bairro

No município de João Pessoa, legislações urbanísticas consideram as áreas naturais presentes dentro dos seus limites para o ordenamento territorial urbano. O Código de Urbanismo (João Pessoa, 2001) tem as paisagens naturais – como terrenos lindeiros a rios e córregos – como áreas de preservação permanente, onde deve-se preservar a paisagem natural típica, impedir ou atenuar erosões e estabelecer finalidade exclusivamente paisagística. Quanto ao macrozoneamento e ao zoneamento indicados no Plano Diretor Municipal (João Pessoa, 2024), as MPA – Macrozonas de Proteção Ambiental – e ZEPA – Zonas Especiais de Proteção Ambiental – são áreas de proteção e conservação dos aspectos ambientais e paisagísticos onde são determinadas restrições de uso e ocupação do solo com esse mesmo intuito. Algumas dessas áreas contribuem para a composição de espaços livres públicos da cidade, seja em forma de praça ou parques, como é possível ver na **figura 14** a seguir.

Figura 14 – Praças e parques na cidade de João Pessoa, Paraíba



Fonte: Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

Até o início de 2024, era vigente o macrozoneamento urbano de 2021 (**figura 15**), que classificava o setor Bessa – bairros Bessa, Aeroclube e Jardim Oceania –, predominantemente

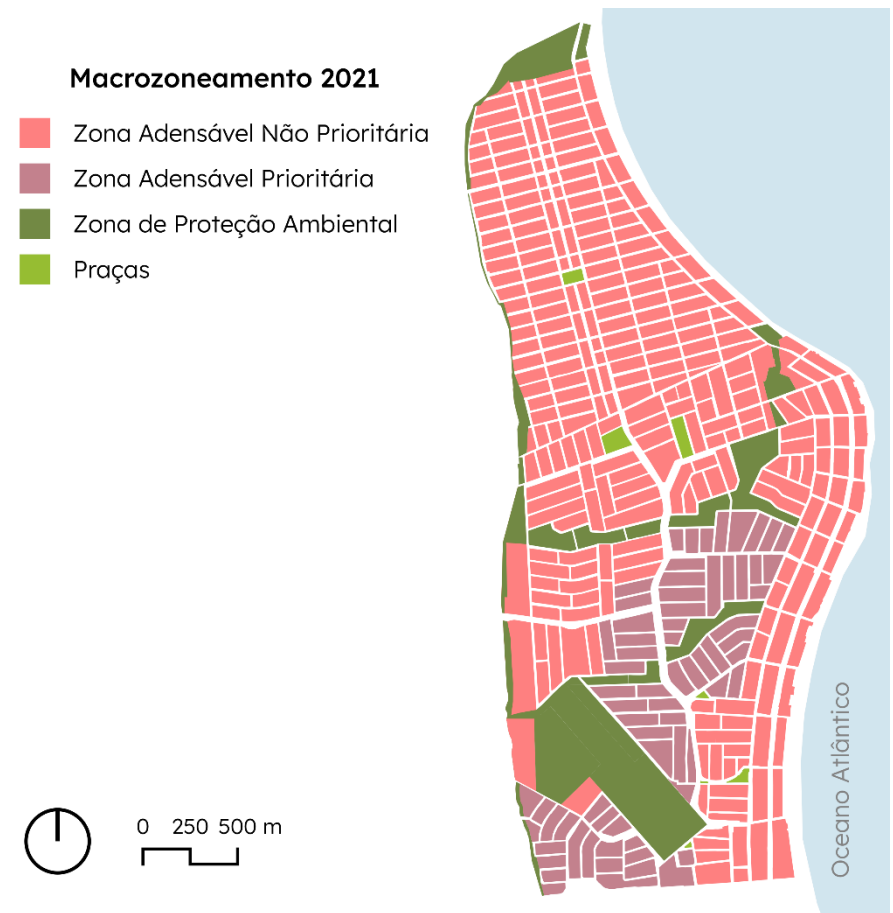
como Zona Adensável Não Prioritária (ZANP). Conforme o Plano Diretor de 1994, determinar como ZANP uma determinada área significa que “a disponibilidade ou a falta de um dos sistemas da infra-estrutura básica permite uma intensificação moderada do uso e ocupação do solo” (João Pessoa, 1994).

No trecho centro-sul, entre os bairros Jardim Oceania e Aeroclube, consta uma Zona Adensável Prioritária (ZAP), em que “a disponibilidade de infra-estrutura básica, a rede viária e o meio ambiente permitem a intensificação do uso e ocupação do solo” (João Pessoa, 1994), possibilitando maior índice de aproveitamento das construções.

Além disso, nota-se ainda segmentos de Zona de Proteção Ambiental (ZPA) cortando a parte centro-sul do setor e margeando suas extremidades oeste e norte. Dois desses trechos são parte da rede de parques urbanos lineares conformados ao longo de ramificações do rio Jaguaribe nos bairros do Jardim Oceania e Aeroclube: os Parques Parahyba. Isto significa que ao longo da região do Bessa,

há diferentes infraestruturas urbanas instaladas, destacando-se a área situada entre a rede de Parques Parahyba como aquela mais bem provida de tais serviços.

Figura 15 – Setor Bessa no Macrozoneamento Urbano de 2021



Fonte: Base PMJP, site Filipéia. Elaborado pela autora, 2024.

Em 2021, teve início o processo de revisão do Plano Diretor Municipal de João Pessoa que culminou, dentre diversas modificações, na Lei Complementar nº 164 de 2024, em que definiu-se um novo macrozoneamento urbano. A **figura 16** mostra o setor no âmbito do setor da cidade estudado.

Figura 16 – Setor Bessa no Macrozoneamento Urbano de 2024



Fonte: João Pessoa, 2024. Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

Diferentemente do macrozoneamento anterior, toda a área foi classificada como Macrozona Adensável 1 (MAD-1), ou seja, área de maior densidade e dinâmica urbana de João

Pessoa e onde a infraestrutura básica e a capacidade de suporte ambiental possibilitam a intensificação do uso e ocupação do solo e o aproveitamento da infraestrutura existente. Pretende-se, nessa macrozona, conformar, assim, áreas urbanas que comportem maior densidade populacional e diversidade de usos e atividades, além de alto potencial construtivo. Admite-se índice de aproveitamento entre 1 e 6 (João Pessoa, 2024).

Já a Macrozona de Proteção Ambiental (MPA), no recorte, refere-se aos espaços dos atuais Parques Parahyba, Aeroclube – onde a área de proteção foi diminuída em relação à classificação anterior, e onde se estabelecerá o Parque da Cidade, com obras viárias já iniciadas – e as margens do Rio Jaguaribe até a sua foz, onde o manguezal faz a divisa do município com Cabedelo a norte. Nesses locais,

[...] a proteção e a conservação de seus aspectos ambientais e paisagísticos característicos são objetivos primordiais, junto do controle e do manejo do solo e do abastecimento público de água, da proteção e da conservação do sistema natural existente, e da

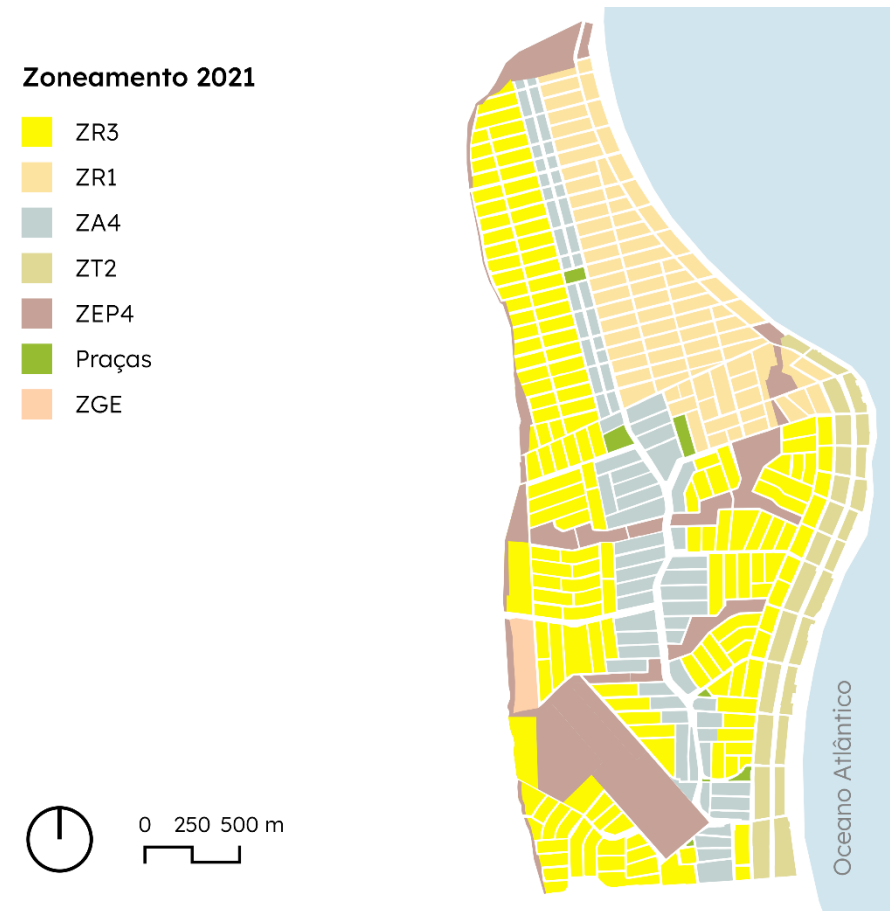
regulamentação e do controle da qualidade ambiental, necessitando de restrições de uso e ocupação do solo as quais serão melhores definidas no zoneamento e nos instrumentos próprios, quando for o caso (João Pessoa, 2024).

Com isso, nota-se o intuito de adensamento construtivo em todo o bairro estudado, mantendo-se a limitação de verticalização apenas na faixa de 500m da área de influência das praias. Esse fato já é possível de ser identificado atualmente diante do número de construções de edifícios residenciais verticais em andamento. Além disso, com o anúncio da criação e futura implantação do Parque da Cidade - mediante assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) em novembro de 2021 entre a Prefeitura Municipal e a diretoria do Aeroclube da Paraíba - e da infraestrutura viária a ele relacionado no bairro Aeroclube, sua área tem sido valorizada e visada por construtoras, que vêm substituindo residências unifamiliares por edifícios habitacionais de médio e alto padrão.

De acordo com o zoneamento urbano de 2021 de João Pessoa, o setor Bessa era composto por 6 zonas (**figura 17**).

Duas residenciais – ZR3 e ZR1 –, predominantes em questão de abrangência; uma zona axial – ZA4 – cortando todo o setor ao centro no sentido norte-sul, ao longo de vias com intenso movimento de comércios e serviços; uma zona turística – ZT2 – na extremidade leste do Jardim Oceania; uma Zona Especial de Proteção – ZEP4 – que coincide com a ZPA do macrozoneamento de 2021; e uma zona de grandes equipamentos – ZGE –, onde localizam-se o Carrefour Hipermercado e a loja de materiais de construção Ferreira Costa, ambos voltados à BR-230.

Figura 17 – Setor Bessa no Zoneamento Urbano de 2021

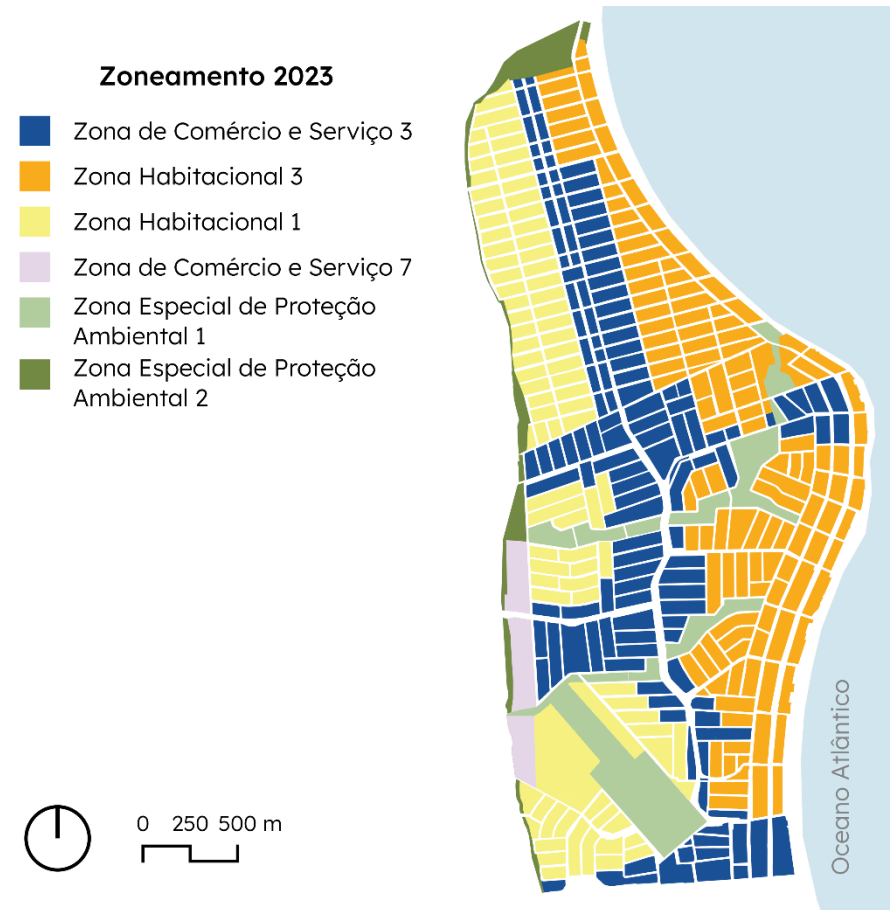


Fonte: Base PMJP, site Filipéia. Elaborado pela autora, 2024.

Em 2023, esse zoneamento sofreu alterações, resultando no mapa da **figura 18**. Quanto à Lei de Uso e Ocupação do Solo, instituída pela Lei nº 166 de 2024, o setor é dividido em zonas

habitacionais, de comércio e serviço, e de proteção ambiental. As zonas habitacionais são separadas pela zona central, que foi expandida em relação à versão anterior por novos eixos viários. Enquanto a zona turística foi reconsiderada como residencial, surge uma mudança nas Zonas Especiais de Proteção Ambiental: as margens do rio Jaguaribe, nos limites oeste e norte, se distinguem das áreas no cerne dos bairros – os Parques Parahyba e o Aeroclube. Ou seja, há uma expansão de duas zonas de forte influência no Jardim Oceania: a zona de comércio e serviços e a habitacional de maior densidade. Assim, confirma-se a intenção de adensar e valorizar as glebas desse setor.

Figura 18 – Setor Bessa no Zoneamento Urbano de 2023



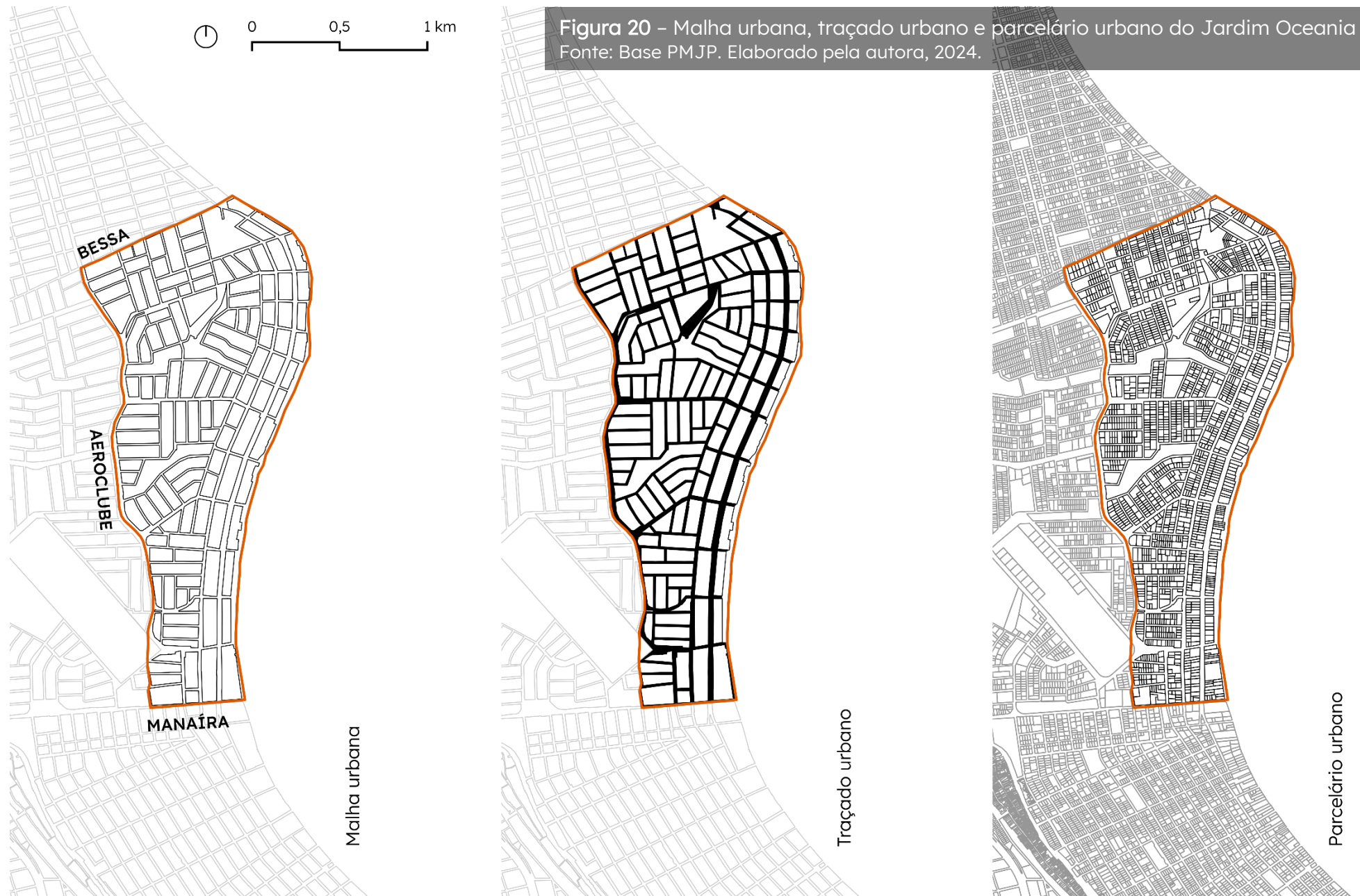
Fonte: PMJP, 2023. Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

Tais legislações urbanísticas são responsáveis diretas pela forma como a região do Bessa e, dentro dela, o Jardim Oceania, tem sido ocupada e como se apresentam

atualmente. Além do papel ecológico e ambiental, as áreas verdes e canais de drenagem presentes em seu território também tiveram sua importância na conformação do traçado urbano, servindo como linhas de força para o estabelecimento das quadras e vias do bairro ao longo da sua ocupação, assim como o Oceano Atlântico a leste (figuras 19 e 20).

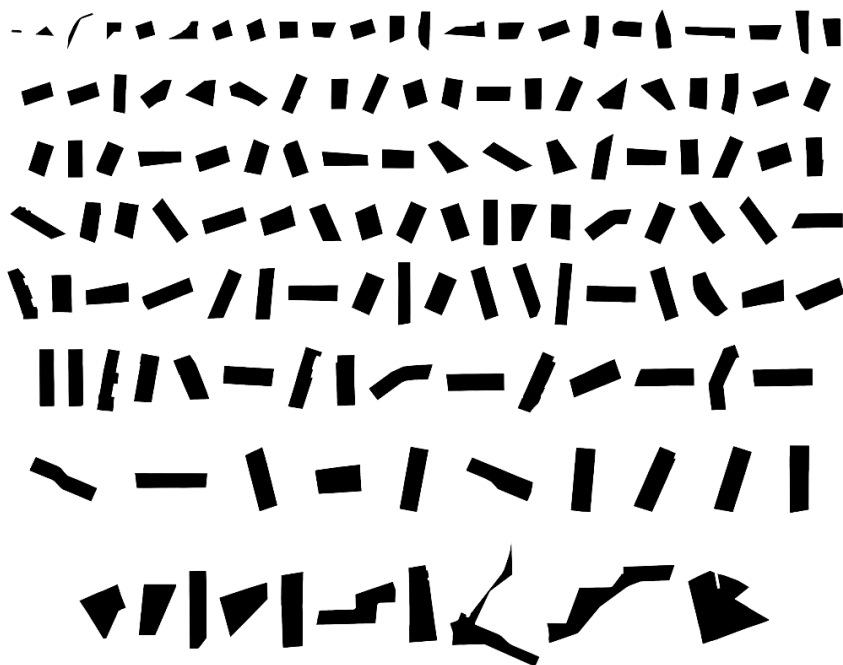
Figura 19 – Linhas de força do Jardim Oceania





As linhas de força que o delimitam – Oceano Atlântico, a leste, e vias importantes a norte, sul e oeste –, orientam o traçado ordenado do bairro, constituído por quadras e vias em grande parte ortogonais. As quadras se mostram com formatos pouco variáveis entre si – majoritariamente ortogonais e alongadas –, das quais se destacam os espaços destinados à preservação ambiental que serão estudados na presente pesquisa (figura 21).

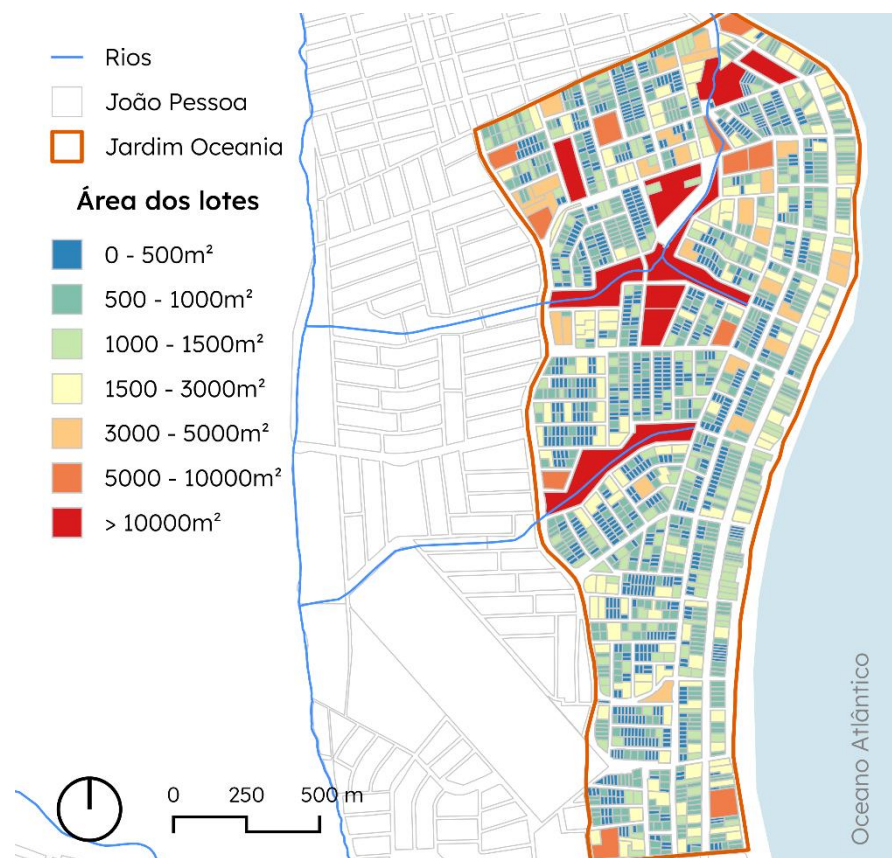
Figura 21 – Decomposição das quadras do Jardim Oceania



Fonte: Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

Os lotes (figura 22) próximos à praia, a leste, têm dimensões maiores, sendo esses predominantemente ocupados por residências uni e multifamiliares. No interior do bairro, os lotes e quadras são divididos de forma mais regular.

Figura 22 – Lotes do Jardim Oceania por área



Fonte: Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

Atualmente, o Jardim Oceania é um dos sete bairros que compõem a 1ª Região de Participação Popular da cidade – junto ao Aeroclube, Bessa, Brisamar, João Agripino, Manaíra e São José. Dentre esses, o Aeroclube, Bessa e Jardim Oceania foram os de maior crescimento populacional nas últimas décadas (PMJP, 2021). Nessa área, a verticalização anteriormente apontada ainda se encontra em processo, visto o número de obras em andamento, principalmente residenciais multifamiliares. Ademais, sua localização plana e litorânea e sua população residente de média e alta renda, contribuíram para a conformação de um novo subcentro na malha urbana da capital, provida de infraestrutura e serviços de qualidade (PMJP, 2021).

3.4. os Parques Parahyba

Compostos por quatro trechos lineares descontinuos (figura 23), os Parques Parahyba são estabelecidos ao longo de córregos provenientes do rio Jaguaribe nos bairros do Jardim Oceania e Aeroclube. De acordo com Lima (2022), os parques são fruto do Plano Municipal de Conservação e

Recuperação da Mata Atlântica, do ano de 2010.

Para este trabalho, o recorte espacial volta-se especificamente ao trecho II, sem excluir os demais segmentos para as discussões teóricas ou para a compreensão da área como tecido urbano. Como já mencionado na introdução (capítulo 01), reitera-se aqui que a escolha por esse Parque se deu, primeiramente, pelo destaque recente à área por políticas públicas de melhoramento da infraestrutura urbana, onde em um período de 7 anos, 4 parques foram inaugurados – trechos I, II, III e IV do Parque Parahyba –, além de um atualmente em execução, o Parque da Cidade. Um segundo fator decisivo para a opção desse recorte espacial foi a manutenção dessa grande área de preservação ambiental durante a intensa ocupação do bairro.

Já a definição do trecho II dentre os demais decorreu diante da sua área de 99.151m² se apresentar bem consolidada e diversificada, muito embora o projeto executado não tenha sido elaborado a partir de um processo participativo, sendo

possível analisar os impactos da ausência dessa etapa projetual num espaço construído.

Figura 23 – Bairro Jardim Oceania e os Parques Parahyba



Fonte: Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

O Parque Parahyba II (**figura 24**) situa-se em uma área predominantemente residencial, mas de usos diversificados, e atualmente mais adensada do que antes da sua inauguração, em 2018, tanto por edificações residenciais verticais como por outras tipologias – comercial, institucional, entre outras –. Margeando a extensa faixa central delimitada pelo canal de drenagem nos sentidos oeste-leste e oeste-nordeste, possui pistas de caminhada e ciclovia (**figura 25 a**), empraçamentos (**figura 25 b e c**), quadras esportivas (**figura 25 d e e**), playgrounds (**figura 25 f, g e h**), academias ao ar livre (**figura 25 i**), espaço para animais (**figura 25 j**), lanchonetes (**figura 25 k**), estacionamento e um anfiteatro (**figura 25 l**). É ainda próximo a escolas, igreja, *shopping center*, academias e restaurantes, servindo, muitas vezes, como extensão para tais estabelecimentos. Apropriado pela população local de diferentes maneiras – espaços, horários, atividades e perfis individuais –, o Parque também acomoda eventos como a Feira Agroecológica, o Programa Saúde em Movimento e a Corrida dos Parques.

Figura 24 – Imagem de satélite do Parque Parahyba II
Fonte: Google Earth. Editado pela autora, 2024.





a. Pistas de caminhada e ciclovia



b. Empreçamento



c. Empreçamento



d. Quadras esportivas



e. Quadra de areia



f. Playground



g. Playground



h. Mini Cidade



i. Academia



j. Pet Place



k. Lanchonete



l. Anfiteatro

Figura 25 – Espaços do Parque Parahyba II
Fonte: Acervo pessoal, mai. 2024.

Decifrando o espaço:

Análise e diagnóstico do
recorte espacial

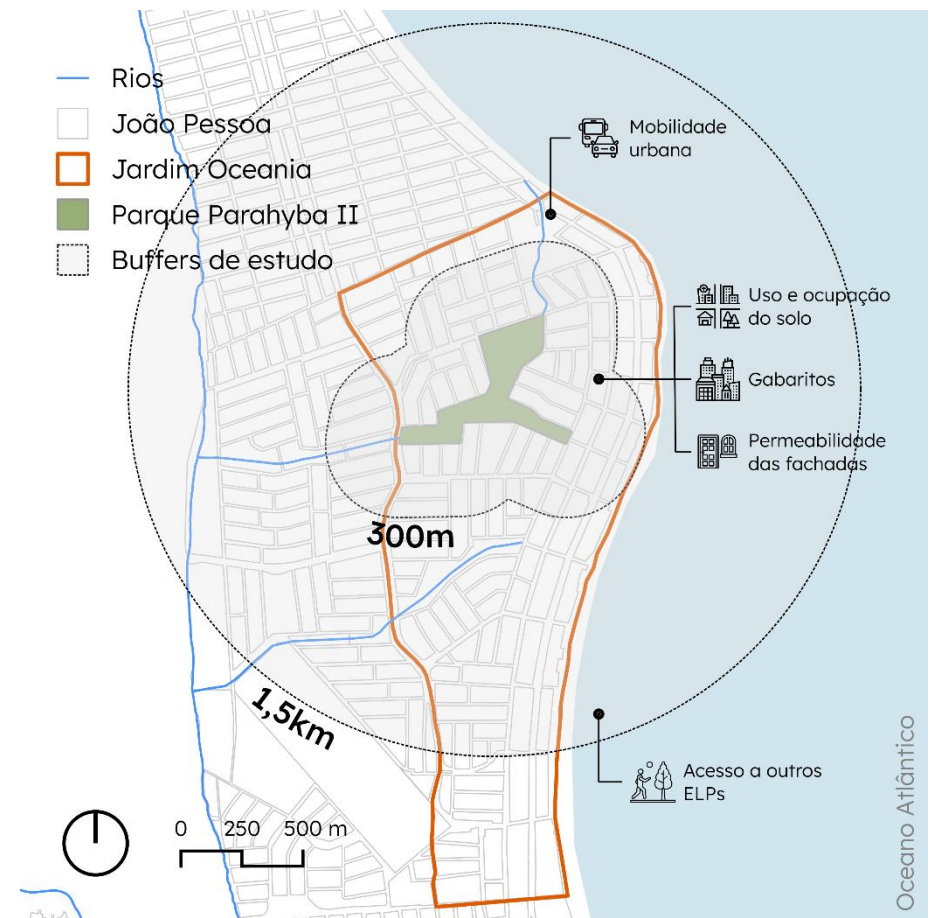
04.

O presente capítulo volta-se ao estudo de aspectos do recorte espacial, ora na escala do bairro, ora no entorno caminhável do Parque Parahyba II. O diagrama a seguir (**figura 26**) representa os alcances analisados em cada um desses itens, visto que suas áreas de influência interferem no estudo de forma diferente: mobilidade urbana; uso e ocupação do solo; gabarito; permeabilidade de fachadas; infraestrutura e mobiliário do Parque; e ELPs próximos.

A mobilidade urbana foi observada a partir da delimitação do bairro, enquanto, para a relação com outros ELPs, considerou-se um *buffer* de 1500 metros. A visão ampla para esses dois fatores se deu diante da importância de compreender o Parque perante a malha viária e o traçado consolidados do Jardim Oceania. Já o uso e ocupação do solo, os gabaritos e a permeabilidade das fachadas de construções e lotes foram estudados numa abrangência de 300 metros a partir do perímetro do Parque, considerada pela literatura como uma distância caminhável para um percurso a pé (Gehl, 2013 *apud* Lima, 2022; Ferreira, 2012 *apud* Lima, 2022). A solução de utilizar o contorno do Parque

como determinação da poligonal de estudo se deu diante da dificuldade de englobar toda sua área – de formato disperso e de grandes dimensões – num *buffer* único.

Figura 26 – Diagrama das áreas analisadas em cada item



Fonte: Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

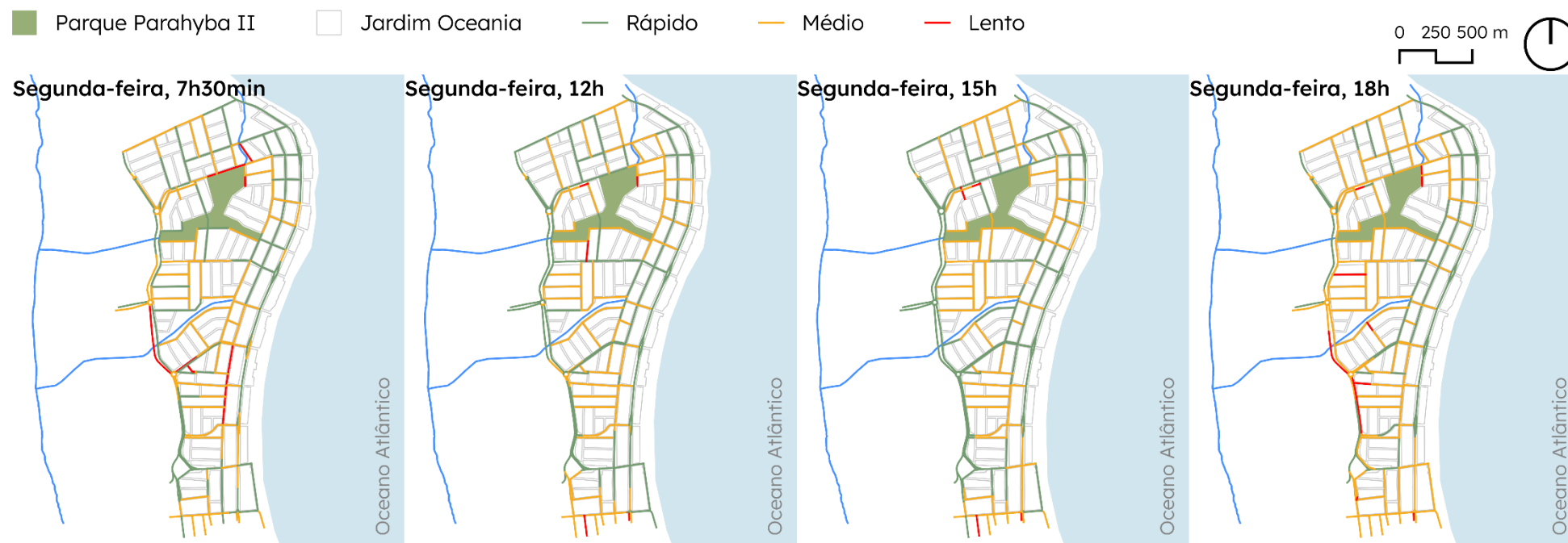
4.1. mobilidade urbana

Com a rápida e recente densificação populacional no bairro, houve o aumento do fluxo de pessoas e veículos, seja dentro da própria área, seja em outros setores da cidade. Nos cartogramas a seguir (**figuras 27 e 28**), é possível analisar a intensidade desse trânsito no bairro em dois dias – segunda-feira e sábado –, em quatro diferentes horários – 7h30min, 12h, 15h e 18h. A construção dessas imagens se deu a partir dos dados disponíveis na ferramenta Google Maps, que informa o fluxo típico do trânsito a partir de uma escala de intensidade que varia entre “rápido” e “lento”.

No tráfego de veículos da segunda-feira (**figura 27**), percebem-se dois momentos de pico: 7h30min e 18h – horários de início e fim do horário de jornada de trabalho. Esse fluxo concentra-se, principalmente, do centro ao sul do bairro e indica movimento de saída – no início do dia – e chegada – à noite. Ou seja, o Jardim Oceania comporta-se como um bairro dormitório, caracterizado pela predominância de uso residencial, em que as pessoas se

deslocam a outros locais da cidade para trabalhar, estudar, entre outros afazeres – o que pode ser confirmado através da análise de outros fatores, como o uso do solo, por exemplo.

Além disso, nota-se também a presença de quatro vias principais: a R. Bacharel José de Oliveira Curchatuz, que faz divisa com o bairro Aeroclube; a Av. Governador Argemiro de Figueiredo e a R. Fernando Luiz Henriques dos Santos, paralelas; e a Av. Governador Flávio Ribeiro Coutinho, limite com Manaíra. No entorno do Parque Parahyba II, o trânsito se intensifica próximo às escolas no setor norte nos horários de chegada e saída dos estudantes – 7h30min, 12h e 18h –, comprometendo o tráfego nas ruas próximas.

Figura 27 – Trânsito típico numa segunda-feira, às 7h30min, 12h, 15h e 18h

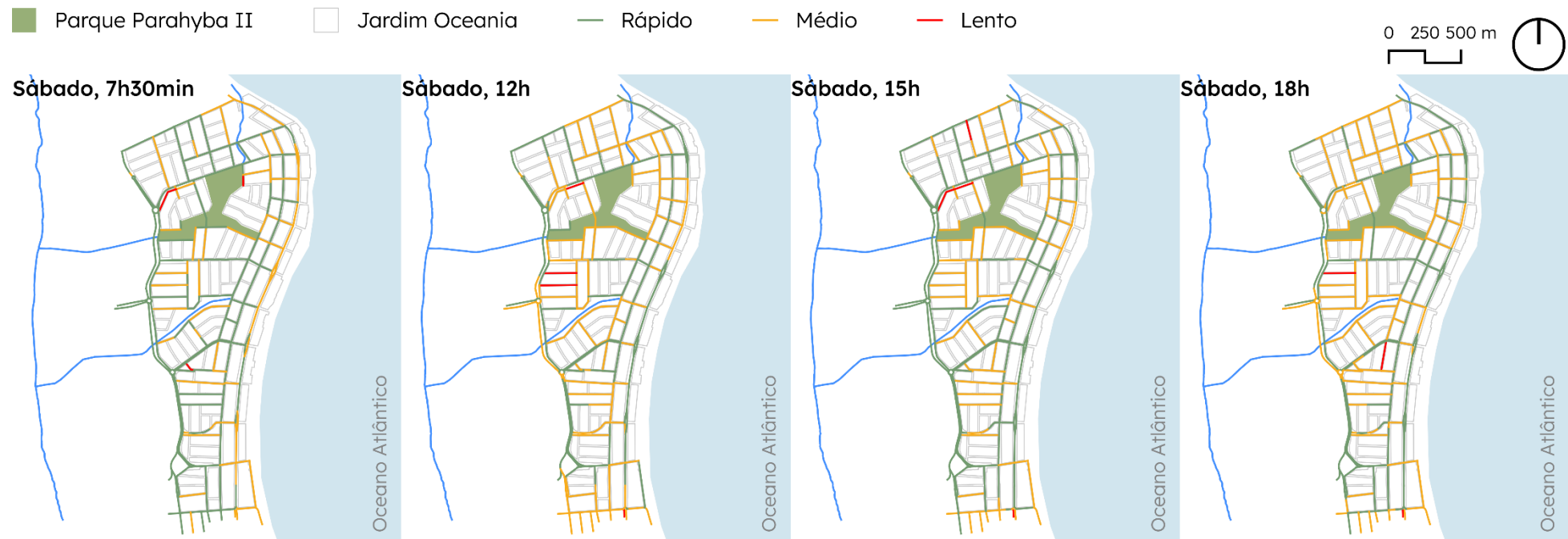
Fonte: Google Maps. Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

No sábado (**figura 28**), a realidade muda um pouco. Pela manhã, destaca-se o trânsito na Av. Gov. Argemiro de Figueiredo, provavelmente relacionado ao deslocamento das pessoas em direção aos bares e restaurantes à beira-mar e às praias do litoral norte – Bessa e Cabedelo. No restante do dia, o movimento é menor do que num dia de semana, mas ainda nota-se o fluxo em ruas locais, internas

ao bairro.

Em volta do Parque, há um aumento do fluxo na parte sul e nos acessos a vias como a R. Bacharel José de Oliveira Curchatuz, R. Severino Nicolau de Melo e a R. Norberto de Castro Nogueira.

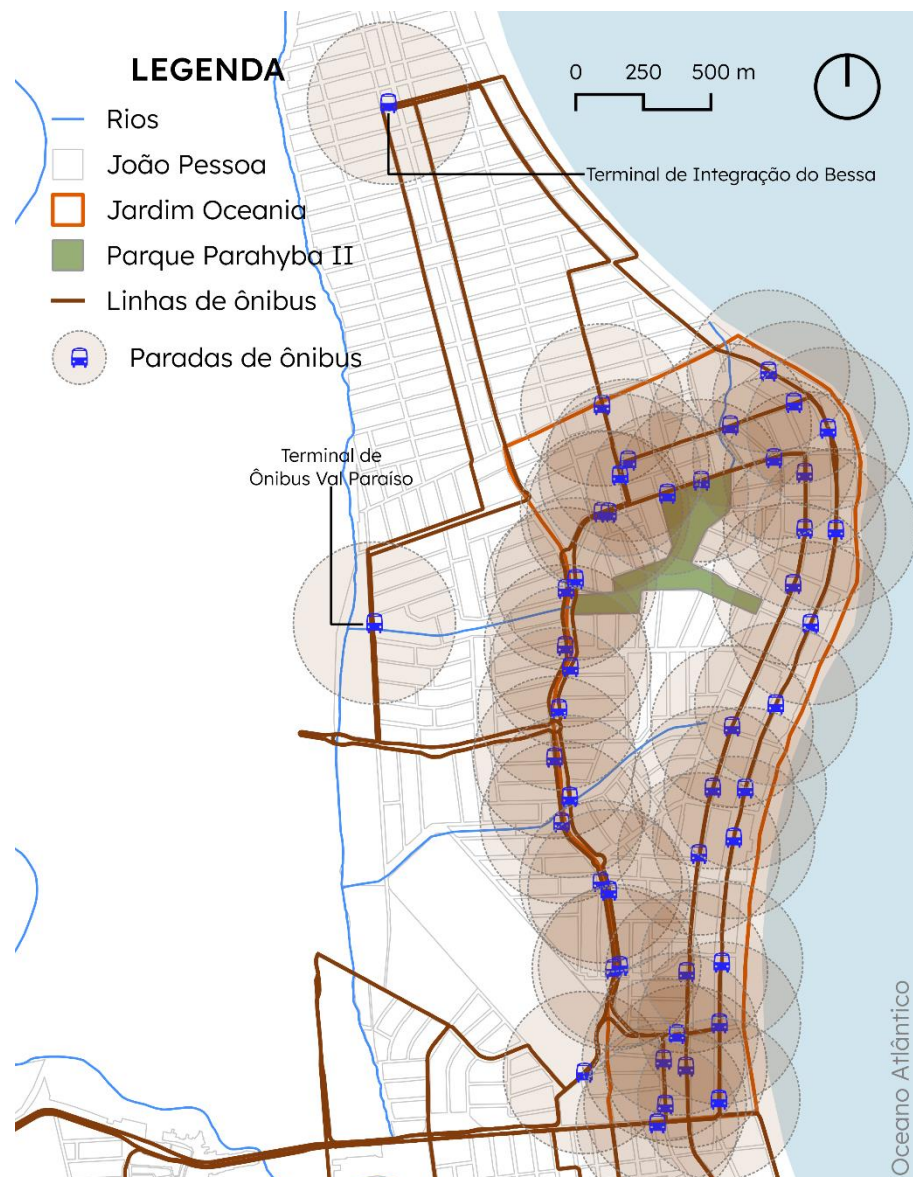
Figura 28 – Trânsito típico num sábado, às 7h30min, 12h, 15h e 18h



Fonte: Google Maps. Base PMJP. Elaborado pela autora, 2024.

O sistema de transporte público está distribuído ao longo das principais vias da malha viária do bairro (**figura 29**), que o contornam, mas deixam o centro num “ponto cego”, não atendido pelo raio de 300m das paradas existentes – abrangência indicada como distância caminhável para um percurso a pé (Gehl, 2013 *apud* Lima, 2022; Ferreira, 2012 *apud* Lima, 2022). Treze linhas de ônibus transitam na área

e, em suas proximidades, há duas integrações – do Bessa e do Val Paraíso, no Aeroclube.

Figura 29 – Itinerário e pontos de ônibus do Jardim Oceania

Fonte: Base PMJP, site Filipéia. Elaborado pela autora, 2024.

No entanto, grande parte das paradas de ônibus existentes não apresentam infraestrutura de qualidade para atender os usuários. Muitas não possuem o mobiliário necessário ou adequado nos locais de espera – abrigo e banco –, incluindo as localizadas nos próprios parques, que possuem apenas uma placa de sinalização. No caso do Parque Parahyba I, há também uma baia para embarque e desembarque de passageiros (figura 30).

Figura 30 – Ponto de ônibus do Parque Parahyba I

Fonte: Google Street View, nov. 2021.

Quanto ao sistema ciclovitário, assim como parte significativa da cidade de João Pessoa, o Jardim Oceania não apresenta uma malha ideal voltada aos ciclistas, ou seja, conectada com bairros e equipamentos, segura e com infraestrutura de qualidade. Como é possível ver na **figura 31**, ela se encontra na Av. Gov. Argemiro de Figueiredo, na forma de ciclorrota, dividindo o espaço também com ônibus; na R. Fernando Luiz Henriques dos Santos (**figura 32**); e bidirecional na Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho e na R. Poeta Luiz Raimundo Batista de Carvalho. Há ciclovias também dentro das áreas dos parques. No entanto, não estão conectadas com o restante do bairro, voltando-se apenas circuitos internos.

Figura 31 – Sistema ciclovitário no Jardim Oceania



Fonte: Base PMJP, site Filipéia. Elaborado pela autora, 2024.

Figura 32 – Ciclofaixa da Rua Fernando Luiz Henriques dos Santos



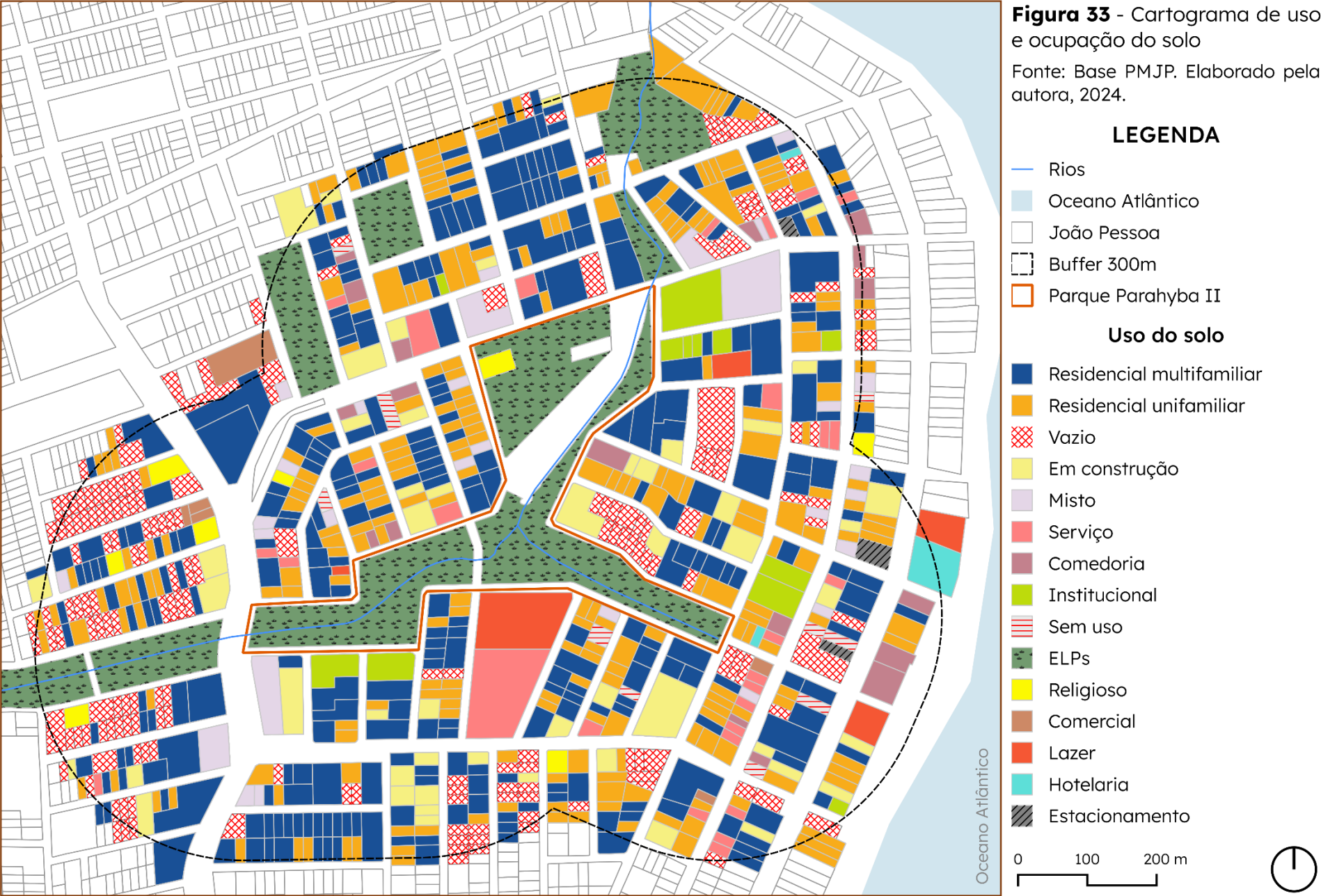
Fonte: Google Street View, nov. 2021.

Essa carência da infraestrutura do transporte público e da cobertura das ciclovias no bairro compromete o acesso de grande parte da população aos parques – ou aos espaços livres públicos e ao lazer como um todo, quando pensados na escala da cidade – e, conseqüentemente, a garantia ao direito à cidade. Espaços assim acabam se tornando

restritos à população do seu entorno. Por outro lado, indivíduos em locais mais distantes, onde não existem tais ambientes próximos à sua realidade – o que não deveria acontecer, visto que o direito à cidade diz respeito a todos os cidadãos e inclui o usufruto de espaços públicos e serviços de qualidade – não são atraídos a utilizarem dos ambientes disponíveis na cidade.

4.2. uso e ocupação do solo

O uso e ocupação do solo foi analisado no entorno de 300m do Parque. O cartograma a seguir (**figura 33**) representa os usos identificados na área, onde se encontram quinze categorias distintas.



Há uma predominância do uso residencial multi e unifamiliar, seguido de lotes vazios e em construção – sendo a maior parte dos últimos voltados também à moradia. Nota-se, portanto, um desenvolvimento da área, marcado pelo ainda recorrente processo de ocupação e adensamento construtivo e populacional do bairro.

Figura 34 – Edifícios residenciais e lote em construção



Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Destaca-se a presença de equipamentos atrativos nas

redondezas do parque, que têm influência em sua ativação. Cinco escolas encontram-se no raio analisado, sendo quatro delas de contato direto com o parque. Como será possível ver no mapeamento realizado a partir da observação em campo (capítulo 5), algumas das zonas de concentração de pessoas se localizam em frente a essas instituições.

No entanto, o uso privado ainda se apresenta com mais força em relação ao uso público, representado no entorno por lotes comerciais, de serviço, mistos, de comédorias e uma igreja. Esse fato interfere na apropriação do espaço livre público visto que pode restringir os usuários ao público frequentador de tais equipamentos particulares e a determinados horários, se o ELP não fornecer espaço para atividades independentes.

4.3. gabarito

A **figura 36** indica a verticalização do entorno do Parque Parahyba II, onde é possível observar a variedade das alturas dos edifícios, que vão de construções térreas a

prédios residenciais com mais de 20 pavimentos.

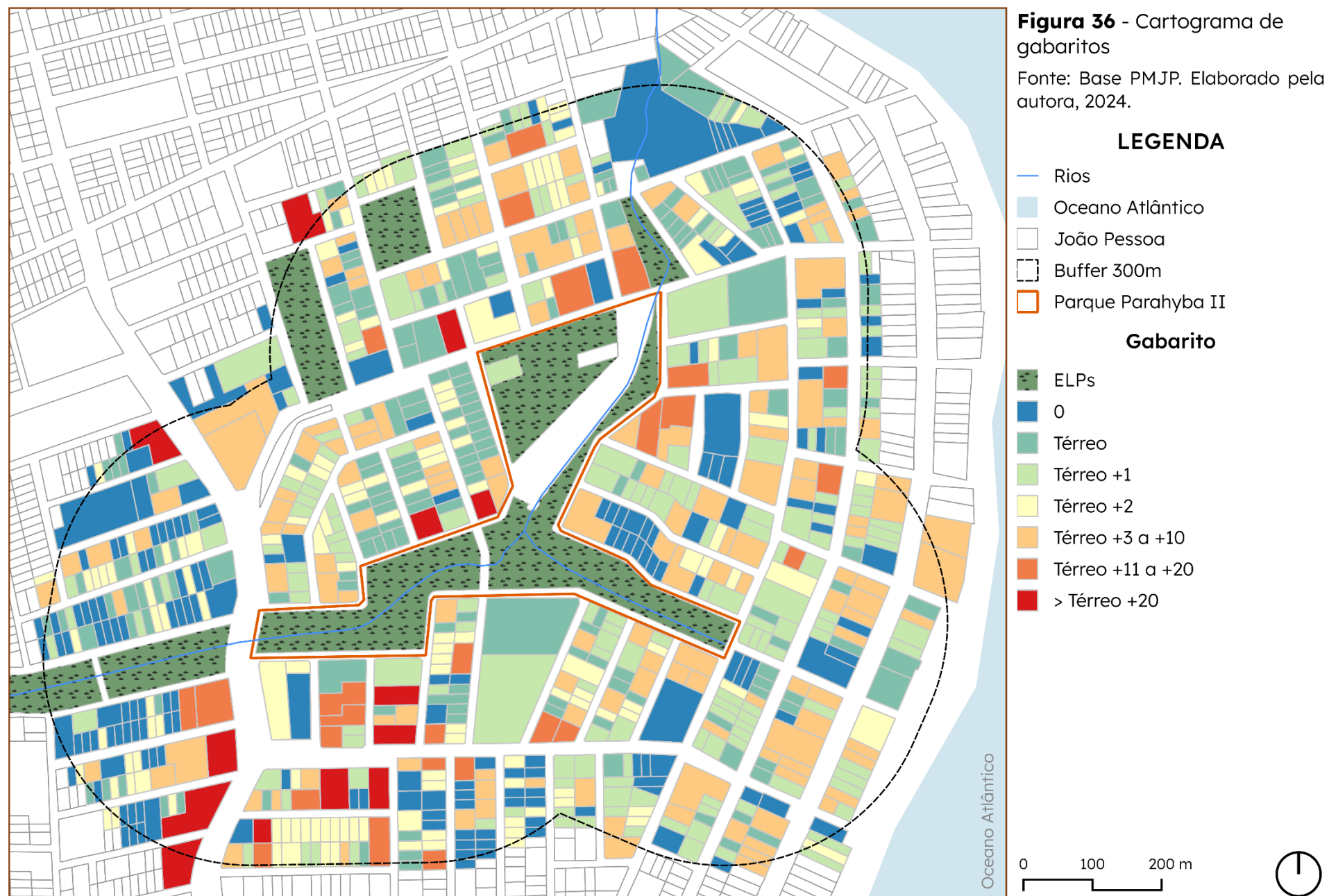
Em contraponto aos terrenos vazios a norte do Parque Parahyba IV, os edifícios altos concentram-se, sobretudo, a sudoeste, deixando visível a demarcação da faixa de 500m de restrição de altura a partir da praia. Já os prédios recentes e mais altos a norte do trecho II se destacam na silhueta ainda baixa do entorno do Parque, marcado por construções com menos de 10 pavimentos.

O trecho estudado representa a imagem do bairro, composto prioritariamente por edificações verticalizadas de maioria residencial. Assim como há construções em lotes que desde o loteamento não tinham sido ocupados, nota-se também a demolição de moradias unifamiliares de pequeno e médio porte, para a construção de altos prédios (**figura 35**).

Figura 35 – Comparativo de lote 7 anos e meio depois: (a) Residência unifamiliar com fachada semipermeável, 2011; (b) Edifício multifamiliar de 30 pavimentos em construção, 2024



Fonte: (a) Google Street View, dez. 2011; (b) Acervo pessoal, jul. 2024.



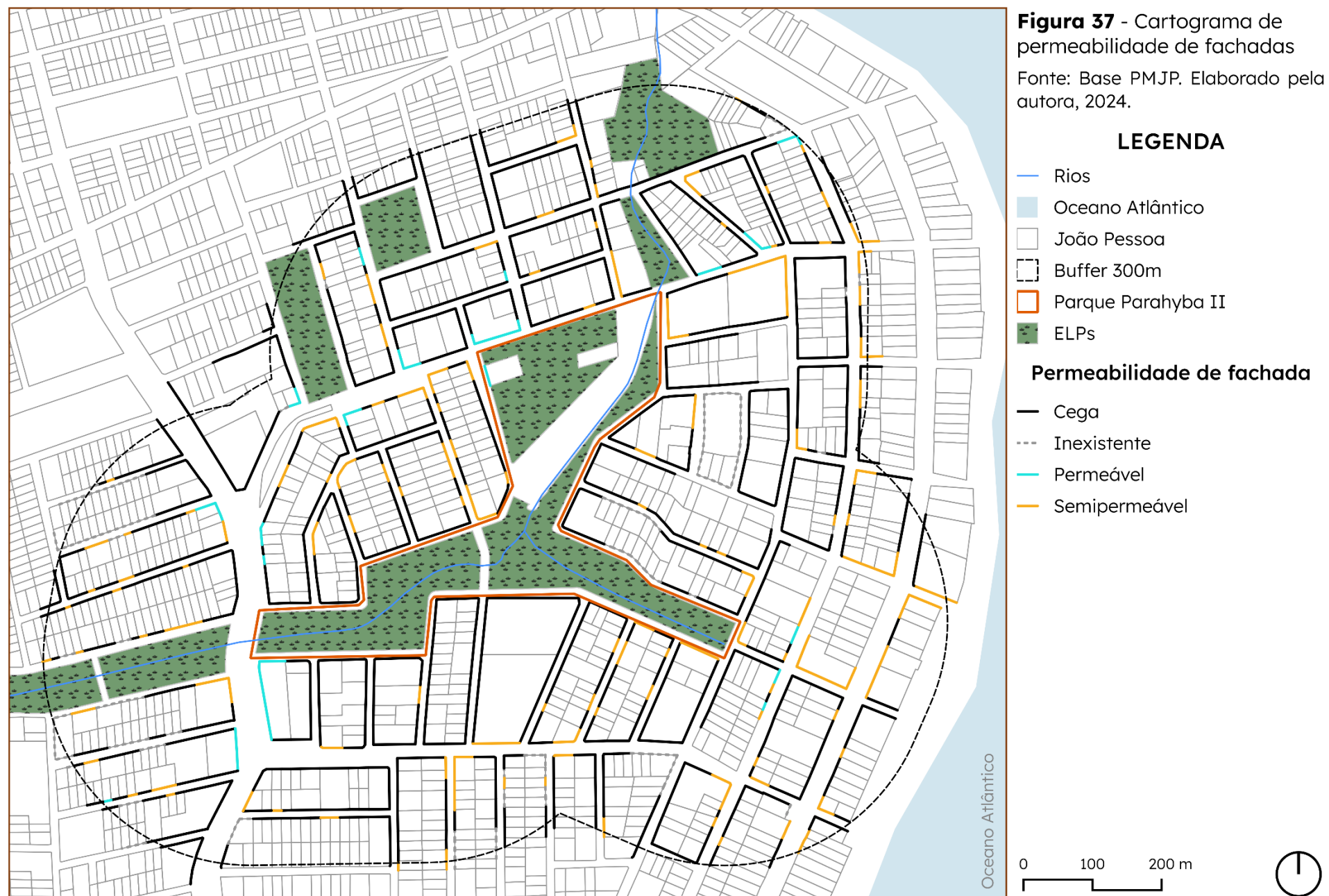
4.4. permeabilidade de fachadas

De acordo com Karssenberg e Laven (in Karssenberg *et al.*, 2015, p. 15), os *plinths* são o pavimento térreo das edificações, os quais os pedestres têm ao nível dos seus olhos, e que “são cruciais para a experiência e atratividade do espaço urbano, seja em áreas residenciais ou comerciais”. São os espaços de transição das cidades e são definidores para a dinamicidade do lugar e da qualidade dos percursos dos transeuntes (Gehl, 2013).

Diante disso, a verticalização e a permeabilidade e atividade das fachadas andam juntas na consolidação do movimento e da sensação de segurança nas vias. A isto, Jane Jacobs (2011) chama de “olhos nas ruas”, ou seja, a vigilância proporcionada pelas faces dos edifícios compostas por portas, janelas, varandas que permitem a visibilidade entre o interior e o exterior das construções.

A **figura 37** mostra o mapeamento feito da área quanto à permeabilidade das fachadas, sendo classificada em: a) inexistente, quando não há construção no lote; b) cega,

quando a interface presente não apresenta conexão visual ou física com a via pública; c) semipermeável, quando permite apenas a visualização, mas não é possível entrar livremente ao prédio; e d) permeável, quando o acesso é direto ao interior do edifício.



Como é possível observar no cartograma apresentado, a realidade do recorte analisado não se assemelha à situação idealizada por Karssenberg, Gehl ou Jacobs. Percebe-se que a grande maioria dos lotes possui fachadas cegas, sem nenhuma interação com o meio externo, em que a forma mais recorrente é a de muros e portões opacos (**figura 38**). Outros lotes, identificados como semipermeáveis, apresentam portões vazados, permitindo certa visualização ao seu interior.

Este é um caso frequente em edifícios residenciais que almejam pela privacidade e “segurança” de seus moradores. Porém, diversos estudos apontam que geram o efeito oposto, aprisionando os moradores cada vez mais espaços privatizados e confinados, com pouca ou nenhuma relação interpessoal, muitas vezes voltada a um público restrito, além de aumentarem a sensação de insegurança às pessoas que transitam nas calçadas do entorno diante da ausência de fachadas ativas e olhos voltados para a rua.

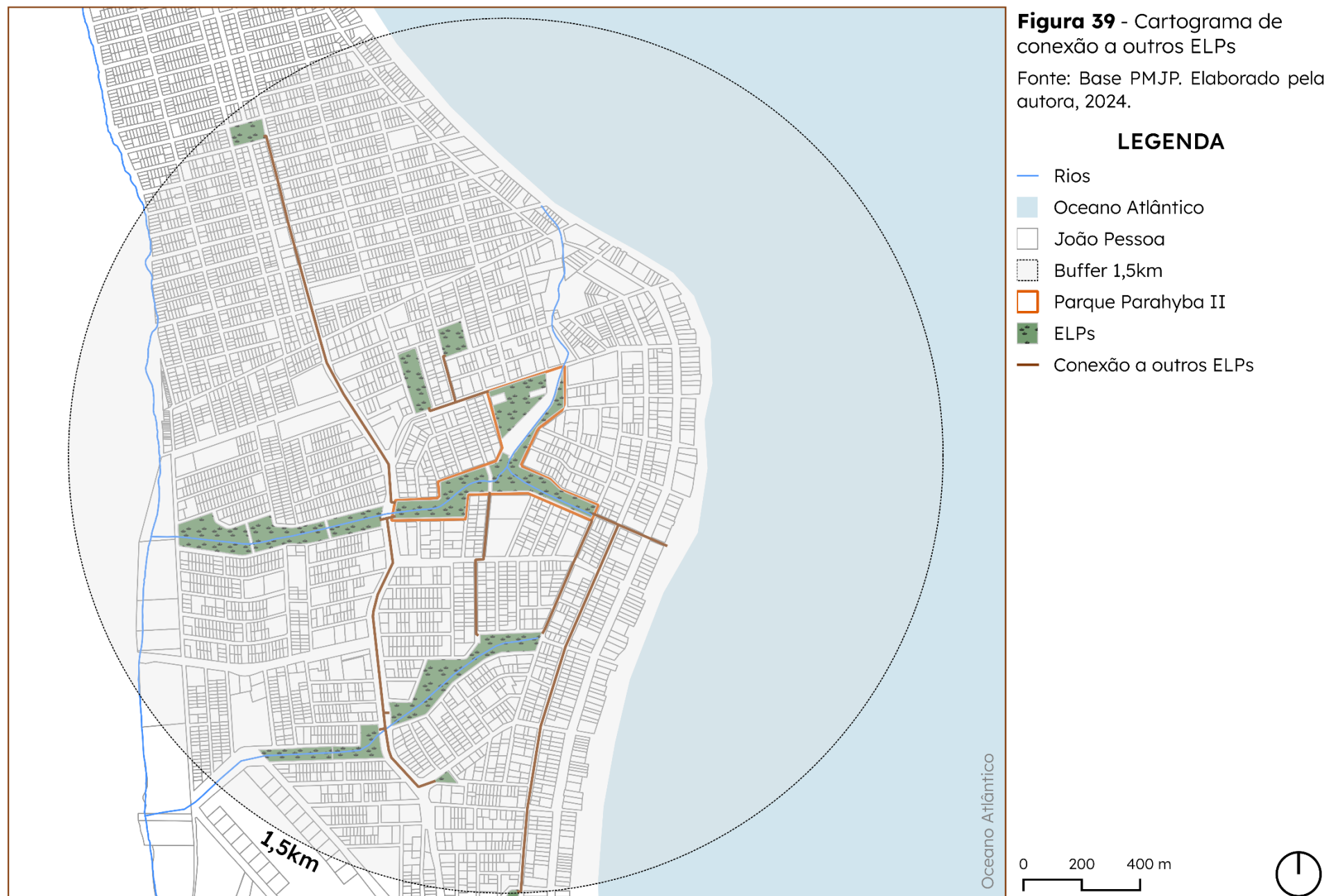
Figura 38 – Fachadas cegas



Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

4.5. conexão a outros espaços livres públicos

No raio de 1500 metros a partir do Parque Parahyba II, encontram-se nove outros espaços livres públicos: os trechos I, III e IV do Parque Parahyba, a praia e as praças Ben-Hur Cardoso, do Caju, Francisca Fernandes Nogueira e Wanda Braga de Lucena.



O Parque Parahyba IV, inaugurado em junho de 2024, é o mais próximo deles, sendo a continuação do trecho II ao cruzar a R. Bacharel José de Oliveira Curchatuz. Apesar disso, até então não apresenta uma conexão fácil entre os dois equipamentos – a faixa de pedestres que liga ambos se encontra desalinhada dos parques (**figura 40**).

Figura 40 – Conexão entre os Parques Parahyba II e IV



Fonte: Google Earth. Editado pela autora, 2024.

Aos trechos I e III, o acesso também não é legível, convidativo ou acessível, visto que em alguns pontos não há calçada e não existe sinalização quanto aos mesmos. O acesso à praia, apesar de próximo – aproximadamente 270m – e linear, é pouco utilizado. O trajeto mais curto se dá por uma via apenas – R. Marino Oliveira Luna –, cruzando a R. Fernando Luiz Henriques dos Santos e a Av. Gov. Argemiro de Figueiredo, chegando diretamente à areia, próximo a bares e restaurantes à beira mar, mas apresenta calçadas estreitas e sem atrativos ao pedestre.

Das praças englobadas no raio em questão, a mais próxima é a Ben-Hur Cardoso, que possui quadras, equipamentos de academia e brinquedos infantis. O espaço é bastante aproveitado pela população local, mas, assim como os demais espaços citados, se encontra isolado do Parque. A integração e criação de uma rede entre os ELPs encontrados no recorte estudado através de vias arborizadas, calçadas acessíveis, sinalização e definição de uma identidade poderia não apenas auxiliar na qualidade ambiental da área como conformar-se como uma infraestrutura verde.

Explorando as vivências:

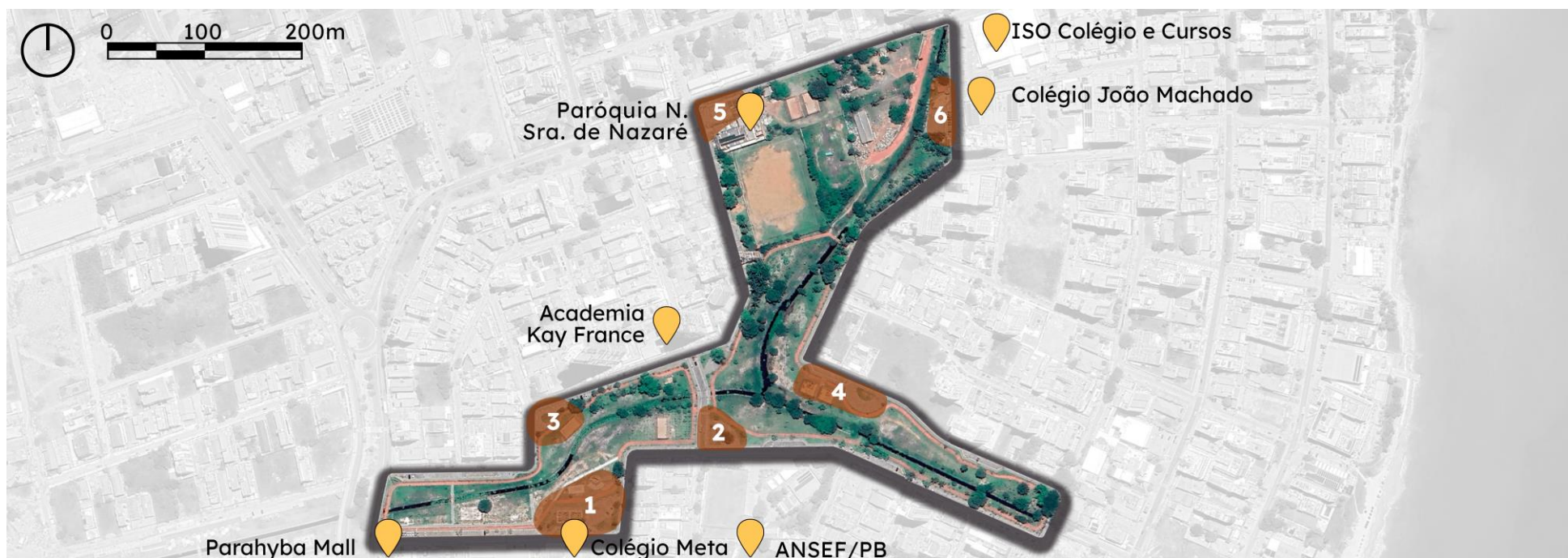
Análises do levantamento de campo com foco no usuário

05.

Este capítulo traz a análise a partir das observações de campo realizadas na área investigada. Para esse estudo, foram definidos seis portais (figura 41) dispersos em toda a extensão do Parque. Sua definição buscou abranger o máximo de perfis de público e atividades presentes. Assim, os ambientes apresentam realidades distintas, seja pelos

equipamentos existentes - quadra, equipamentos de academia, brinquedos, parada de ônibus -, pelos indivíduos e atividades desenvolvidas - crianças brincando, idosos caminhando, jovens praticando esportes, pessoas se deslocando -, pelo horário de utilização do local, ou pela frequência e permanência de pessoas.

Figura 41 – Portais de observação



Fonte: Google Earth. Editado pela autora, 2024.

5.1. metodologia de análise

A metodologia para essa etapa do trabalho se desenvolveu a partir da pesquisa bibliográfica, como já citado anteriormente, sobretudo no livro “A vida nas cidades: como estudar”, por Jan Gehl (2018). Nele, discorre-se sobre a observação direta da “vida urbana e sua interação com o entorno” (Gehl, 2018, p. 11), ressaltando que o pesquisador deve se inserir na realidade do momento na área em estudo, mas sem interferir na dinâmica consolidada. Gehl (2018) exemplifica questões a serem analisadas: quantos, quem, onde, o quê e quanto tempo. Com isso, o autor se refere à quantidade de pessoas que se deslocam e permanecem; à identificação individual desses transeuntes – de forma ampla e aproximada, quanto ao gênero e à faixa etária –; aos seus deslocamentos e aos locais onde permanecem; às atividades por eles realizadas; e ao tempo de duração dessa dinâmica, seja ela de deslocamento, de permanência ou de atividade.

No livro, são ainda apresentadas ferramentas para a sistematização das informações obtidas em campo, como

fotografias, caminhada-teste e vestígios – todas aplicadas na presente pesquisa. Além dessas, outras três podem ser destacadas: contagem, mapeamento e traçado. Para Jan Gehl (2018), a contagem de indivíduos deve ser feita durante dez minutos – ou por mais tempo, se houver pouco movimento de pessoas – e deve-se apontar se houver um caso eventual. Já o mapeamento serve para registrar pontos de permanência num momento exato. Por fim, o traçado considera o deslocamento das pessoas num intervalo de dez a trinta minutos. Os registros desses levantamentos são realizados diretamente na planta baixa da área investigada a fim de indicar os locais exatos onde ocorrem e possibilitar a análise posterior (Gehl, 2018).

Sendo assim, as visitas *in loco* aos seis portais foram realizadas em situações diversas: dias úteis e finais de semana; e nos três turnos – entre 06h58min e 8h45min, 15h36min e 16h50min, e 18h35 e 19h39min. Em cada caso desses, a observação foi feita durante 20 minutos, período em que analisou-se os seguintes pontos:

- contagem e identificação dos indivíduos em homem, mulher, criança e idoso;
- registro dos trajetos dos deslocamentos e dos pontos de permanência;
- identificação das atividades executadas;
- mapeamento de equipamentos.

Para o registro dessas informações, foi elaborado um modelo de ficha (ver **apêndice 02**), impressa junto à planta de cada portal em escala ampliada.

Ademais, em passeios em torno do Parque, foram registrados vestígios de presenças humanas, pontos de acesso por rampas e faixas de pedestres, intervenções posteriores não previstas no projeto inicial – de acordo com os desenhos técnicos fornecidos pela SUPLAN (2018) – e pessoas em situação de rua.

A sistematização de todos os dados foi feita por meio do Excel (ver **apêndice 03**) e as análises resultaram em gráficos, cartogramas, diagramas e imagens, apresentados a seguir.

5.2. acessos e vestígios de presenças

As calçadas do Parque Parahyba II são todas revestidas em pavimento intertravado, guiadas por piso tátil e com rampas de acesso distribuídas ao longo do perímetro do ELP, como pode-se observar na **figura 42**. De forma geral, apresentam-se em boas condições de conservação. Encontrou-se, porém, um espaço público com focos de muitos resíduos a serem coletados – lixo, sacolas plásticas, embalagens – em todo o recorte, além da vegetação rasteira aparentar falta de manutenção.

Outrossim, foram encontradas passagens alternativas identificadas através de marcas de grama pisoteada, na sua maioria em locais onde não há conexão entre a calçada e a ciclovia adjacente e próximo a ruas que chegam ao parque. A **figura 43**, por exemplo, mostra o ponto de retorno da ciclovia, que não se estende ao limite norte do trecho II. Assim, para evitarem um percurso mais longo e com menor presença de pessoas – o que poderá ser confirmado adiante, nas análises das observações em campo –, muitos pedestres utilizam da ciclovia como trajeto para voltar ao núcleo

dinâmico do parque.

Figura 42 – Piso tátil e rampas em estacionamento



Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

A apropriação da comunidade local pela área também é perceptível a quem utiliza do parque. Em uma das árvores, foi posicionada uma placa feita à mão com uma epígrafe (**figura 44**). Em outros lugares, mudas de plantas são identificadas com o nome da espécie, seguida do nome de

uma pessoa e uma data – possivelmente uma homenagem a um morador e a data do plantio.

Figura 43 – Grama pisoteada como rotas alternativas



Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Figura 44 – Apropriação da área pela comunidade



Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Durante as idas à área de estudo, em dois locais foram encontradas pessoas em situação de rua: próximo ao

campo de futebol e em um dos quiosques da Rua Severino Nicolau de Melo, quando fechado, ambos a norte, em lugares de menor visibilidade e permanência de transeuntes. O primeiro consistia num agrupamento de mais de um indivíduo, aparentemente consolidado, e foi identificado durante o dia. Já o segundo tratava-se de um homem, apenas com objetos de dormir, à noite.

Por outro lado, também foram identificadas áreas de transição, sem apropriação consolidada, nem equipamentos ou mobiliários atrativos aos usuários, como em partes das calçadas entre ambientes do parque e no centro do trecho norte do mesmo – onde os trajetos mais comuns são contornando o espaço. Esses vazios, no entanto, interferem negativamente na vivacidade do parque como um todo, visto que tornam-se desagradáveis ao usufruto prolongado pelas pessoas, e é possível que estejam relacionados à ausência do uso comercial. Dada essa realidade, não houve a necessidade de serem acrescentados portais em tais locais.

A **figura 45** situa esses vestígios encontrados ao longo do Parque, sejam eles indícios, atividades ou ausências. Pela imagem, também é possível notar que os novos ambientes, que não constavam no projeto original – como caminhos, arena de calistenia e espaço melhor idade –, foram implantados numa área do parque onde há duas escolas e um shopping. Isso ratifica a percepção de que a permanência de pessoas nos espaços do Parque está relacionada à presença – ou não – de outros usos em seu entorno.



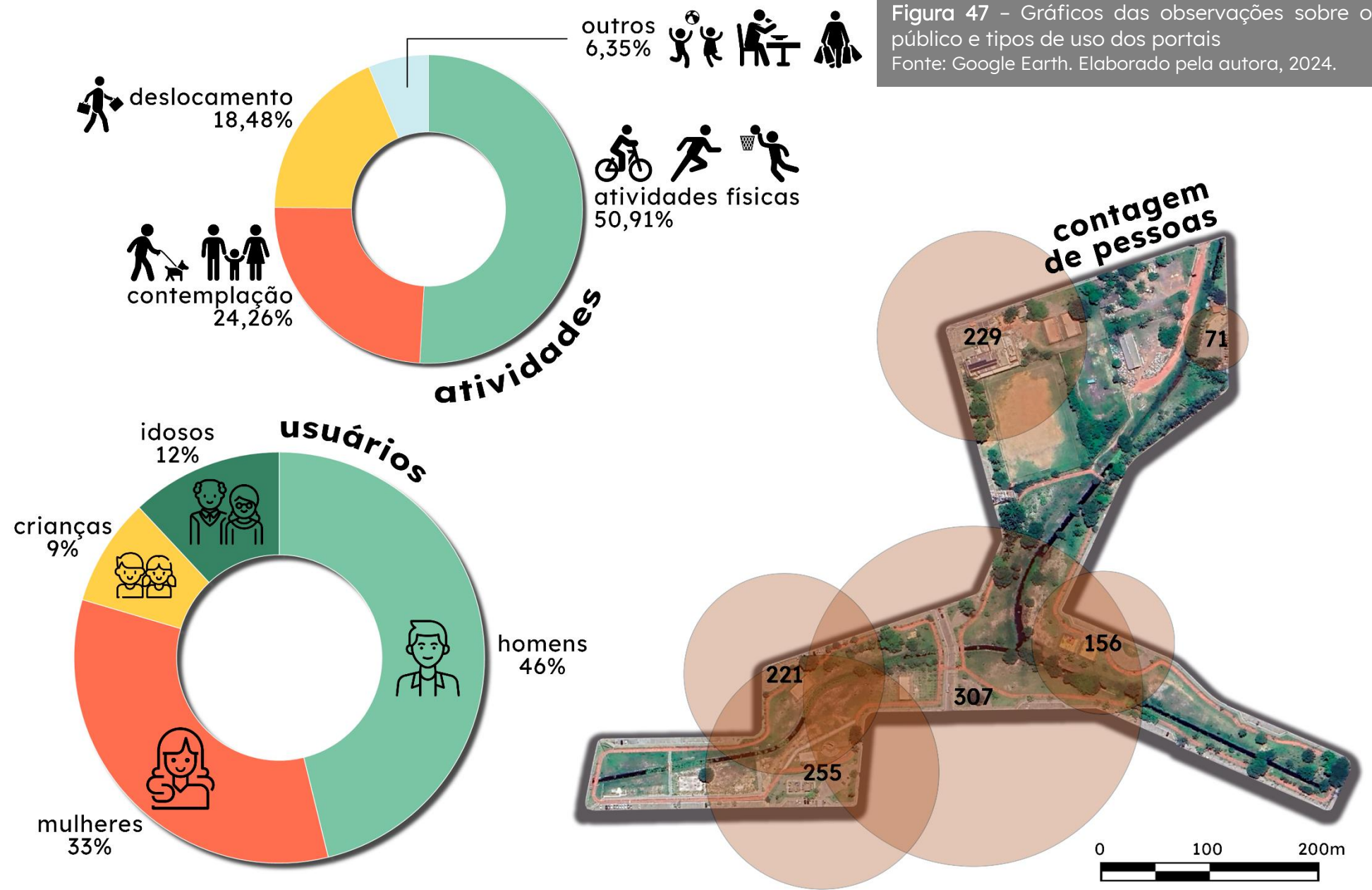
5.3. mapeamento de deslocamentos e permanências do público e atividades

De forma geral, a partir das observações feitas nos seis pontos anteriormente apresentados, entre homens, mulheres, idosos – com mais de 60 anos – e crianças – até 12 anos –, notou-se a predominância dos primeiros em todos os locais. Além disso, a maior parte das atividades realizadas no parque está relacionada a atividades individuais de exercícios físicos – sobretudo corrida, caminhada e ciclismo. A **figura 47** a seguir resume algumas dessas informações: o número de pessoas que passaram em cada portal durante os dias examinados; o público predominante; e as atividades identificadas.

Figura 46 – Quadro de contagem total de indivíduos por turno nos seis portais

		dia útil			fim de semana		
		manhã	tarde	noite	manhã	tarde	noite
	homens	80	109	150	77	69	86
	mulheres	59	86	82	62	83	41
	crianças	2	22	15	9	40	19
	idosos	54	29	13	28	15	9
total		195	246	260	176	207	155

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.



O **portal 1** se refere à área em frente a um colégio do sistema privado de ensino, onde são encontrados bancos, equipamentos de brinquedos para crianças, uma minicidade e está próximo ao anfiteatro do parque. Além disso, no período do fim da tarde, em alguns dias da semana, são montados brinquedos temporários como pula-pula e brinquedos infláveis. A **figura 48** retrata os mobiliários do local, os deslocamentos dos usuários mapeados durante a análise e os seus locais de permanência.

Nesse espaço, há um destaque ao uso das crianças. Apesar da contagem de pessoas ter sido feita num período de férias escolares – em julho de 2024 –, esse público, ainda assim, se fez bastante presente, principalmente no final da tarde. Foi identificado que, além das atividades de passagem detectadas em todo o parque – com destaque ao deslocamento de pessoas às duas academias próximas –, esse é um destino de permanência por famílias que vão com crianças – seja chegando a pé, seja de carro próprio – para brincar nos equipamentos existentes, sobretudo na minicidade.

Pela manhã, notou-se também indivíduos utilizando o espaço como apoio antes da abertura da escola. Presenciando uma situação de chuva na presença de pessoas, percebeu-se o despreparo, nesse sentido, do espaço diante da inexistência de ambientes cobertos. Nesta ocasião, os usuários presentes recorreram às marquises dos dois colégios adjacentes e a uma árvore de pequeno porte próxima ao estacionamento. À noite, apesar da pouca iluminação no empraçamento, a qual se restringe ao anfiteatro, ainda foi possível identificar crianças brincando e pessoas realizando outras atividades – exercícios físicos, passeios, deslocamentos –, mais frequente em dia útil do que em final de semana. Tal fato pode indicar que esse é um local mais buscado para o usufruto da rotina diária dos moradores locais do que um destino visado para momentos de mais tempo livre por indivíduos ou grupos de pessoas. Seu mobiliário simples, de grande aproveitamento pelos usuários, atende essa demanda cotidiana, mas não atrai novos públicos distantes.

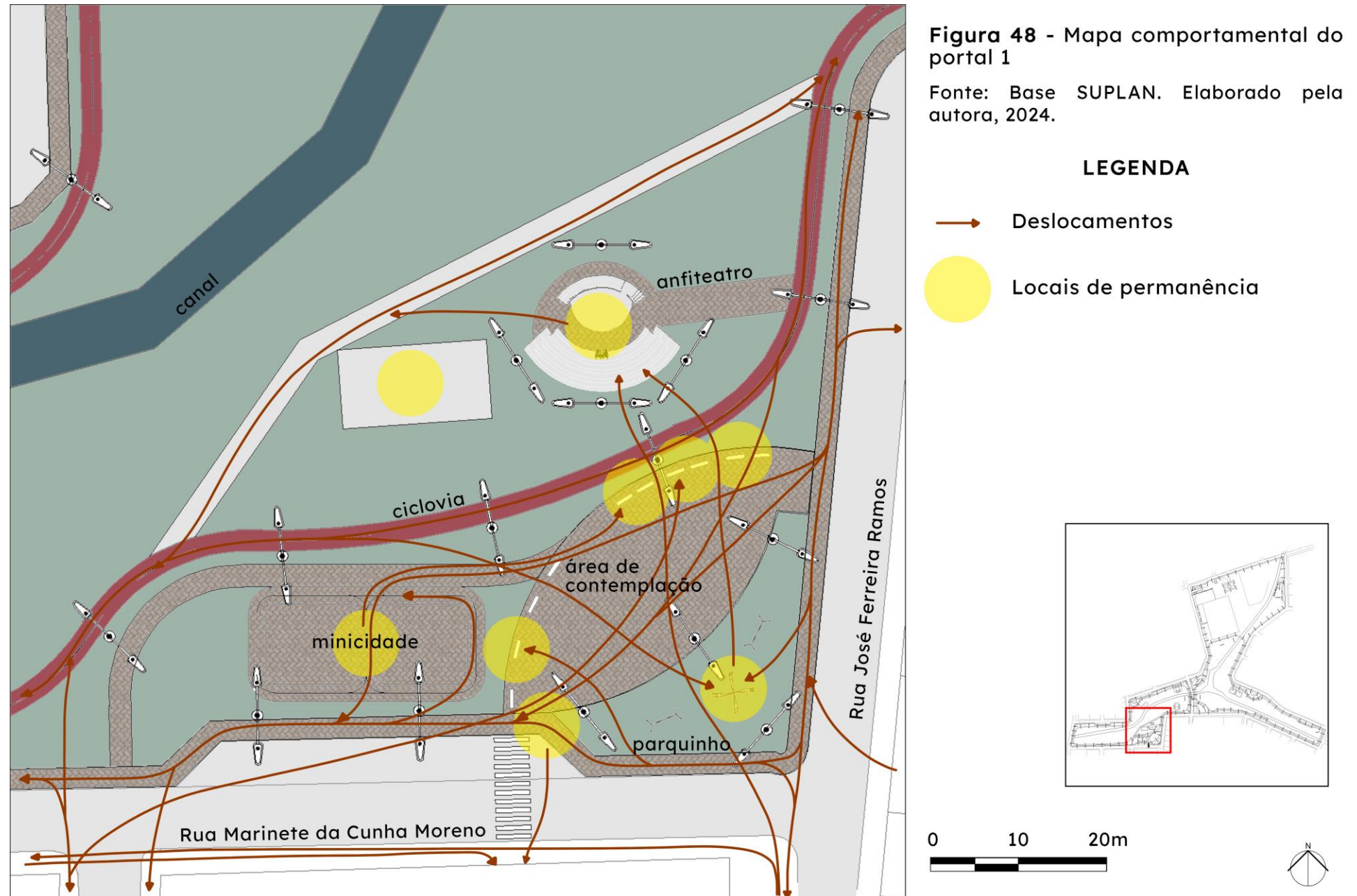
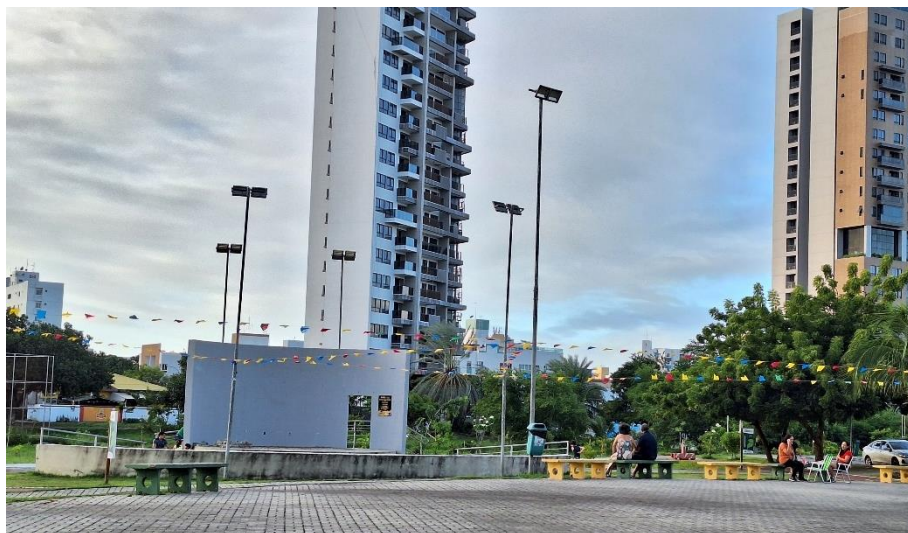


Figura 49 – Portal 1 à tarde

Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

O **portal 2** encontra-se numa posição de grande visibilidade pelo entorno: numa esquina da rua que cruza o parque, onde há trânsito frequente de veículos, sobretudo à tarde. Por esse motivo, foi o local em que mais se contabilizou pessoas transitando ou permanecendo, com uma média de 51 pessoas por turno observado. Apesar dos poucos equipamentos – oito bancos, um balanço, quatro gangorras, um gira-gira – e da única árvore central de médio porte e consequente ausência de sombreamento, é um espaço bastante utilizado. A imagem a seguir (**figura 50**) mostra os

bancos citados como espaço de permanência, e os diferentes trajetos percorridos pelas pessoas.

Assim como os demais portais, a predominância das atividades nele realizadas volta-se ao exercício físico – caminhadas, corridas, bicicleta, patins ou patinete – seguido de passeios de contemplação ou descontração.

O destaque nesse caso deve ser dado à aula de ginástica da prefeitura, que acontece às segundas, terças e quintas-feiras às 16h30min. A partir da análise feita em campo, notou-se a unanimidade da presença do público feminino, que se reúne no local minutos antes do início da aula para socialização (**figura 51**).

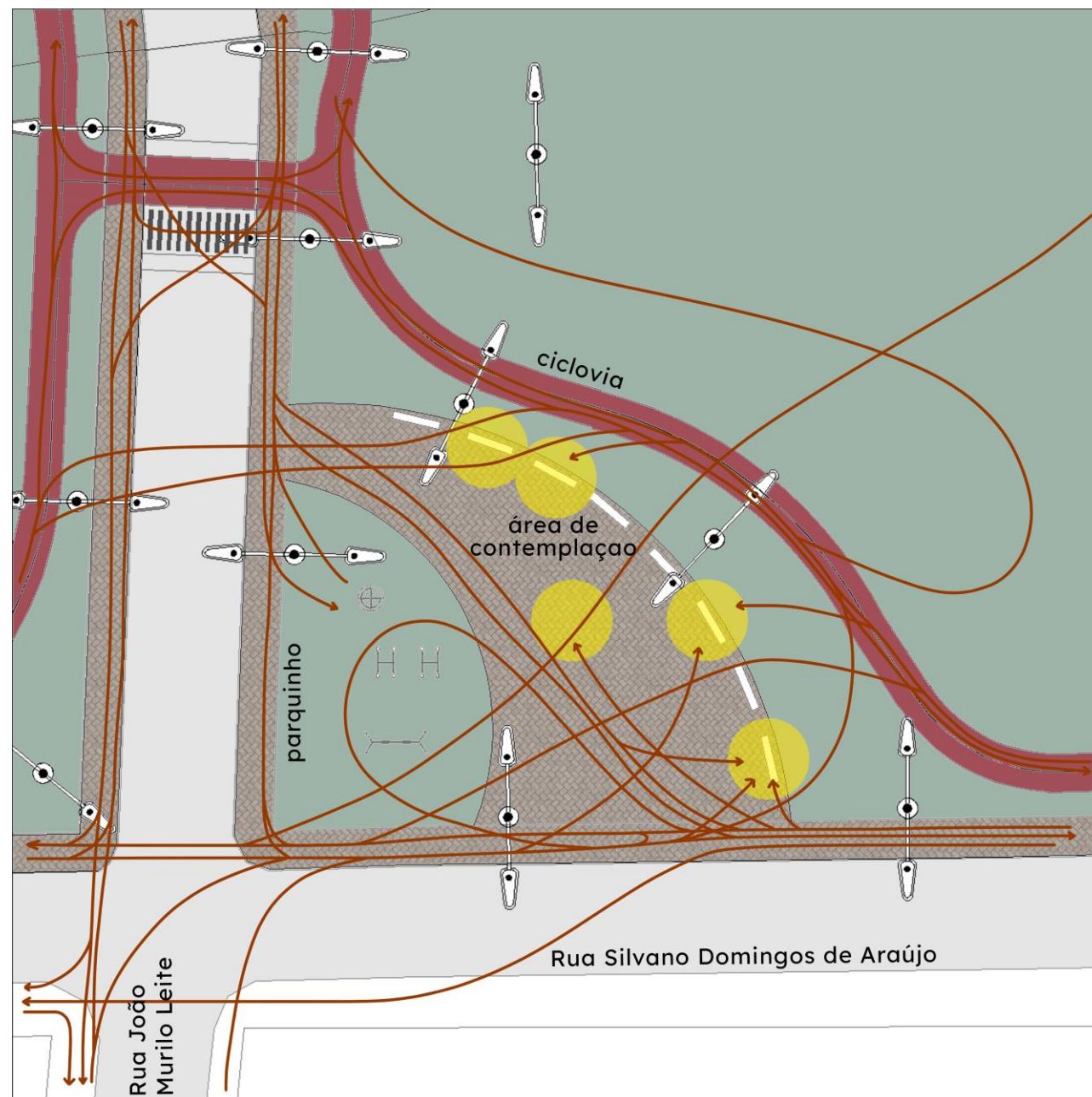
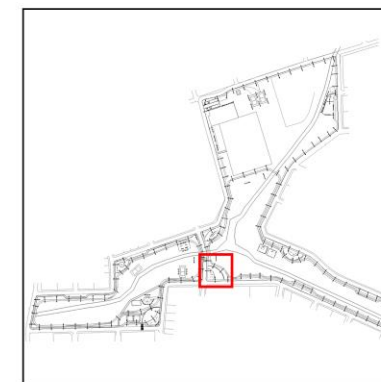


Figura 50 - Mapa comportamental do portal 2

Fonte: Base SUPLAN. Elaborado pela autora, 2024.

LEGENDA

- Deslocamentos
- Locais de permanência



0 10 20m



Figura 51 – Preparação para aula de ginástica da prefeitura no portal 2



Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Pela manhã, em dia útil, o **portal 3** é marcado pela predominância de idosos realizando atividades físicas. Enquanto isso, à noite tanto de uma quinta-feira como do domingo, a dinâmica do mesmo espaço sofre influência do “Mundo dos Pastéis”, lanchonete em frente à área. À tarde, observou-se certo movimento de veículos contornando o parque.

A **figura 52** a seguir aponta a utilização do mobiliário

presente neste portal. Foi possível notar o uso dos bancos como ponto de permanência principalmente à noite, onde grupos de pessoas se reuniam para conversar ou ficar com crianças e cachorros (**figura 53**); assim como os equipamentos de também apresentaram bom proveito por idosos, que paravam para se exercitar nos equipamentos de ginástica. No entanto, notou-se a ausência de sombreamento por arborização ou algum tipo de estrutura construída. Esse pode ser um dos motivos da ausência ou reduzido número de indivíduos permanecendo no local de manhã e à tarde – em relação ao uso noturno –, onde o sol incide diretamente.

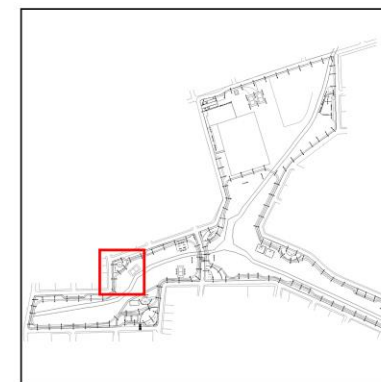


Figura 52 - Mapa comportamental do portal 3

Fonte: Base SUPLAN. Elaborado pela autora, 2024.

LEGENDA

- Deslocamentos
- Locais de permanência



0 10 20m



Figura 53 – Uso noturno do portal 3 em dia de semana

Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

O **quarto portal** apresentou uma realidade pela manhã de pouco trânsito de pessoas: menos de 1 pessoa por minuto. O diferencial do local é a presença de duas meias quadras de basquete, as quais são utilizadas por jovens que se reúnem para jogar nos três turnos, conforme verificado *in loco*. À tarde do domingo, houve um crescimento do movimento a partir das 16h, momento em que se intensificou o número um pouco maior de indivíduos passeando em grupos – casais, crianças e cachorros.

O mapa comportamental a seguir (**figura 54**) evidencia um movimento recorrente percebido durante as observações dos usuários que destoa das calçadas e ciclovias demarcadas. Por se tratar de um trecho estreito do Parque Parahyba II, muitas pessoas o cruzam através de um caminho alternativo. Analisando o parque de forma total, em relação à sua extensão, nota-se a insuficiência de caminhos como esse, ou seja, que permitam o deslocamento de um lado ao outro sem precisar percorrer todo o seu perímetro.

Comprovando esse fato, tem-se que, no projeto inicial, apenas a via central que divide o parque em dois blocos e a ciclovia, que acaba antes do extremo norte, possibilitam essa liberdade do movimento do pedestre. No entanto, percebe-se duas novas pontes que atravessam o canal – ambas próximas ao *shopping center* e à escola – e marcas de grama pisoteada entre a calçada e a ciclovia (**figura 43**). Isso indica, portanto, que, na etapa projetual do traçado dos caminhos, não considerou-se a escala do pedestre e seus possíveis movimentos a partir da intervenção na área.

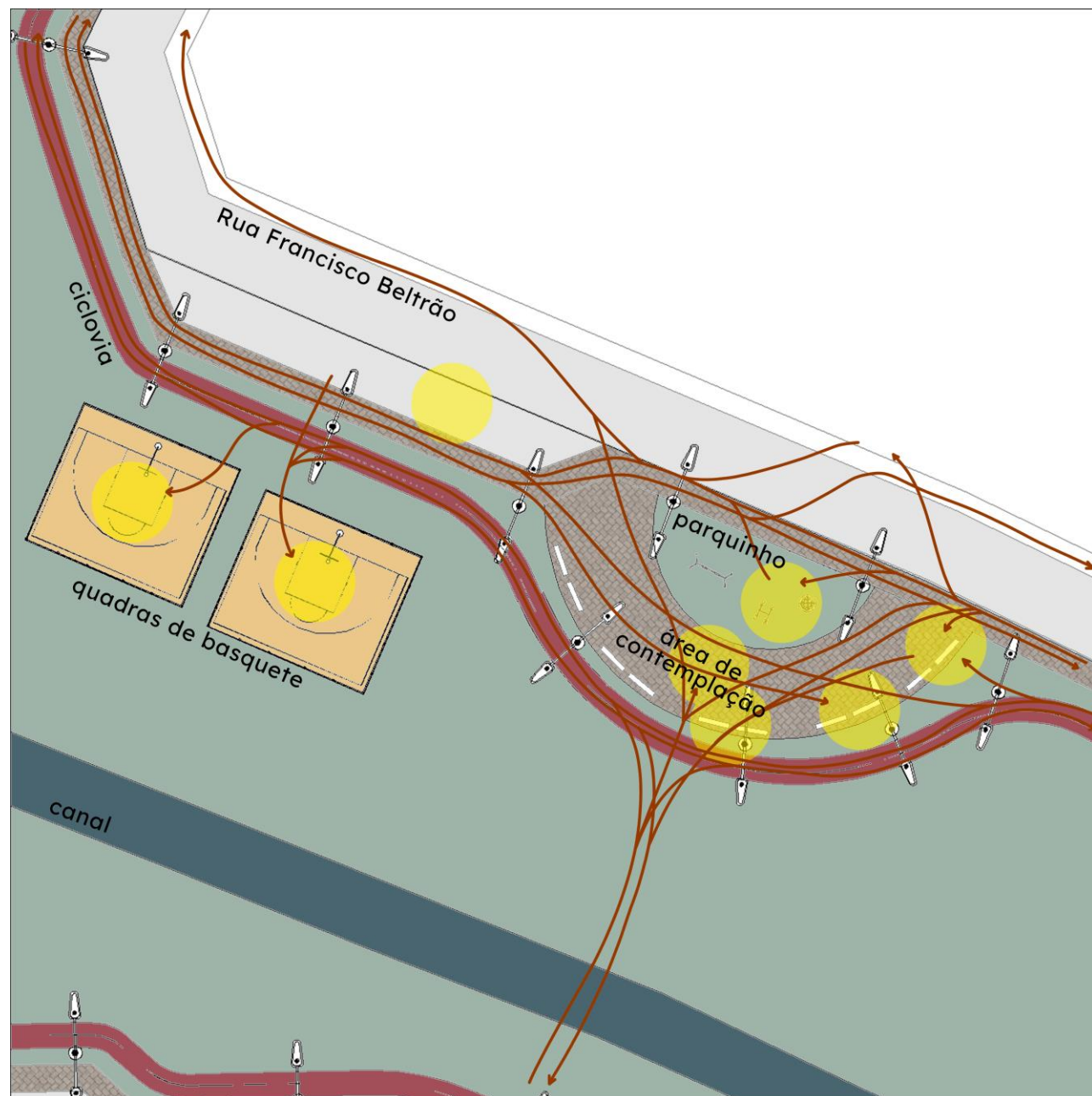
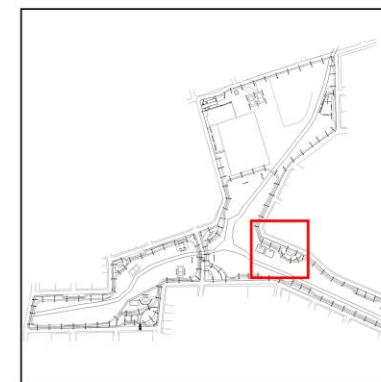


Figura 54 - Mapa comportamental do portal 4

Fonte: Base SUPLAN. Elaborado pela autora, 2024.

LEGENDA

- Deslocamentos
- Locais de permanência



0 10 20m



Figura 55 – Empacotamento do portal 4

Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Os dois últimos portais se comportam de forma diferente daqueles já apresentados. O **portal** de número 5 (**figura 56**) se caracteriza menos pela prática de exercícios físicos e mais pelo frequente deslocamento de pessoas devido à parada de ônibus da Rua Severino Nicolau de Melo – em todos os turnos –, aos dois quiosques e às lanchonetes do centro comercial – sendo as comédias mais movimentadas à noite. Além disso, o fato da ciclovia não chegar até esse ponto do parque faz com que menos pessoas caminhem ou andem de bicicleta pelo trecho. À

noite, por se tratar de uma rua hierarquicamente relevante no traçado do bairro no sentido oeste-leste, o trânsito de carros é intenso, visto que, nessa área, o número de usuários é maior devido ao uso comercial do entorno do que em virtude do próprio parque.

Aos sábados pela manhã, a partir das 5h, acontece a feira agroecológica do bairro (**figura 57**), onde foram contabilizadas oito barracas no estacionamento ao lado da igreja e um fluxo constante de compradores chegando a pé, de veículo particular ou de bicicleta, dentre eles, homens, mulheres e idosos, além de dois garis trabalhando no local. Identificou-se, ainda, que alguns transeuntes pararam na feira durante sua caminhada para observá-la. Três moradores de rua foram vistos nos fundos do quiosque do parque, dos quais dois foram vistos novamente à tarde e à noite no mesmo lugar (**figura 58**).

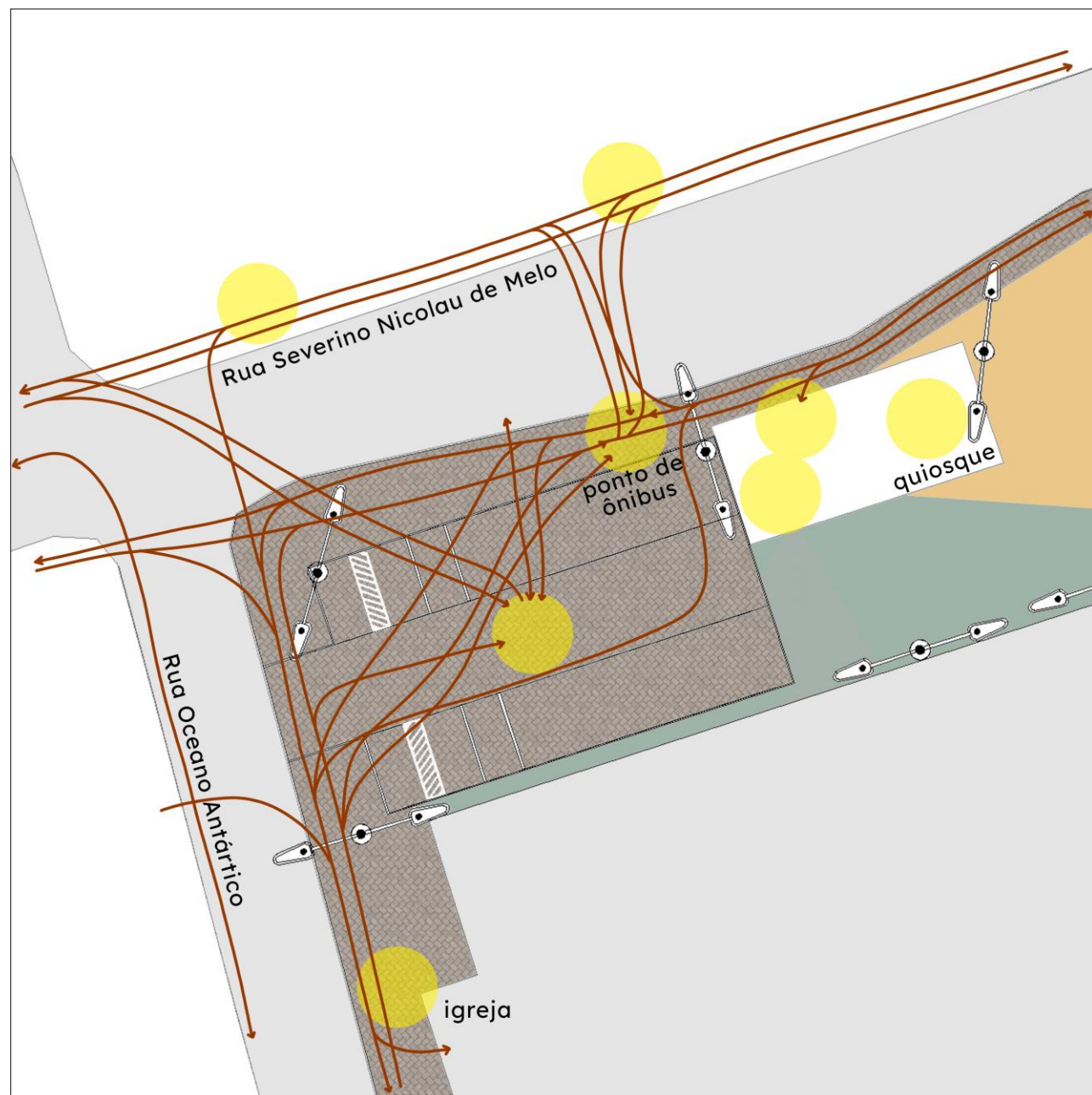
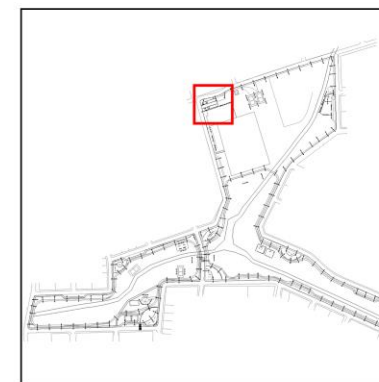


Figura 56 - Mapa comportamental do portal 5

Fonte: Base SUPLAN. Elaborado pela autora, 2024.

LEGENDA

- Deslocamentos
- Locais de permanência



0 10 20m



Figura 57 – Feira agroecológica

Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Figura 58 – Pessoas em situação de rua

Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Já o último **portal**, de número **6** (**figura 59**), foi o que se registrou menor movimento de pedestres em todas as situações analisadas – nos três turnos, em dia de semana e em final de semana. Porém, ressalta-se novamente que as observações foram realizadas em período de férias escolares, o que interfere na dinâmica local, visto a presença de duas escolas do ensino privado em frente ao trecho. A área possui um ambiente pavimentado com bancos, e uma

parte em areia com brinquedos infantis (**figura 60**). Dos dois quiosques existentes, um foi demolido durante a execução desta pesquisa, e o outro se encontrou fechado durante todas as visitas feitas.

Assim como o portal 5, o trajeto da ciclovia não chega a essa parte do parque, impactando também na pequena quantidade de indivíduos contabilizados – um total de 71 pessoas nos seis momentos de análise, das quais 35 eram homens, 20 mulheres, 13 idosos e 3 crianças. Em relação aos usos identificados, 56% eram atividades físicas, e nenhuma de permanência. Devido a esses motivos, observa-se que o espaço não se configura como atrativo ao público.

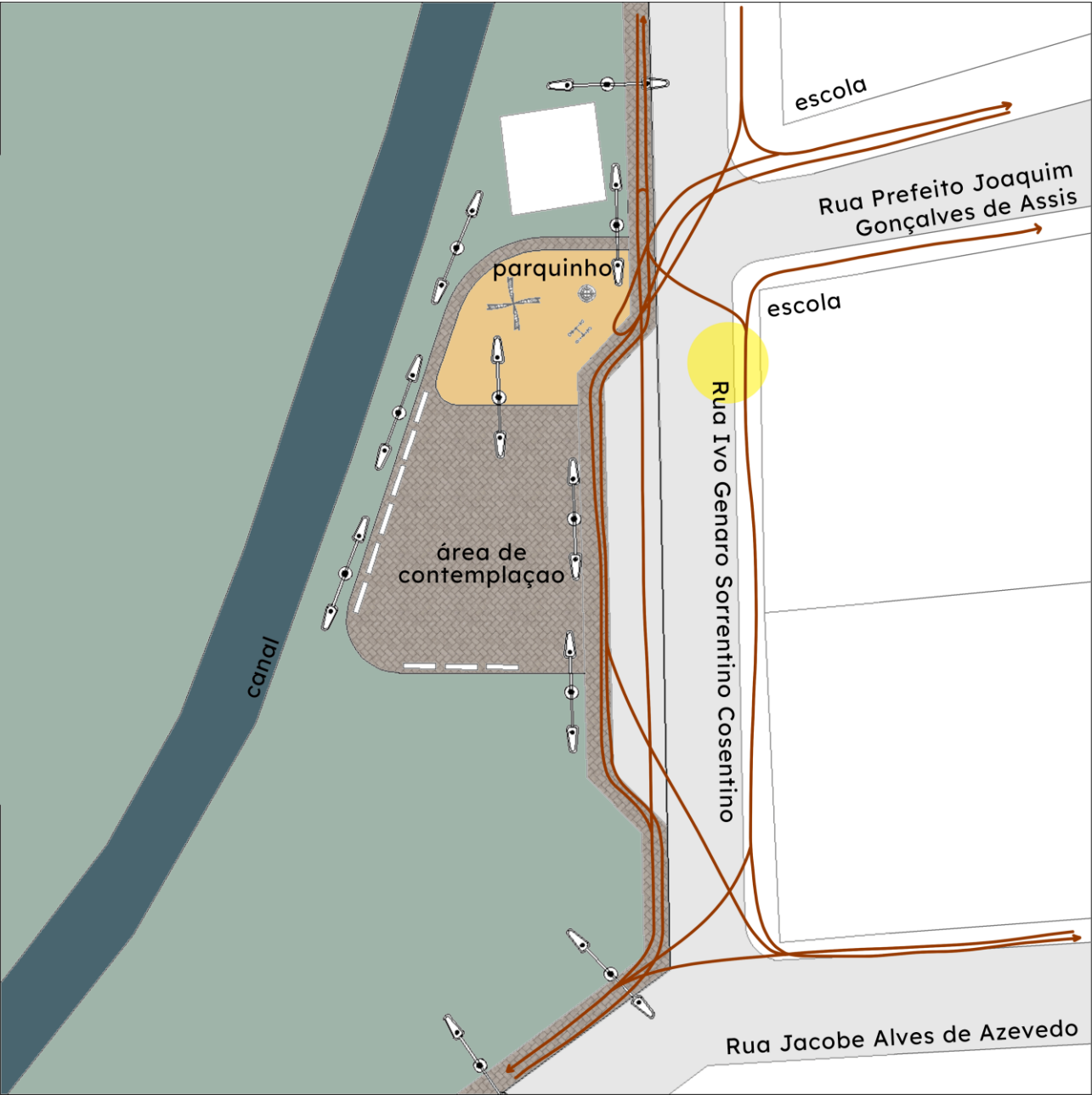
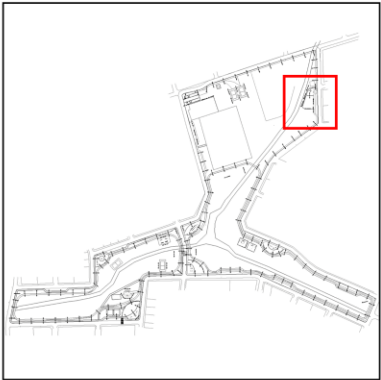


Figura 59 - Mapa comportamental do portal 6

Fonte: Base SUPLAN. Elaborado pela autora, 2024.

LEGENDA

- Deslocamentos
- Locais de permanência



0 10 20m



Figura 60 – Empacotamento do portal 6

Fonte: Acervo pessoal, jul. 2024.

Diante das observações feitas nos seis portais, nota-se a relação entre o entorno do parque e sua dinamicidade, seja pelos estabelecimentos próximos, sobretudo comerciais e de serviço, seja pelas vias que o circundam. Essa percepção confirma, então, o que dizem autores como Gehl (2013), Karssenberg *et al* (2015) e Jacobs (2011) a respeito da influência das fachadas ativas e dos térreos na vida do espaço urbano. A partir dessa vivência na escala humana: diferentes grupos sociais passam a dividir os mesmos ambientes; surgem novas atividades e pontos de

permanência; lugares são apropriados a partir de outras perspectivas; o tempo de funcionamento do local se estende, tornando-se uma área convidativa também ao deslocamento cotidiano; e, assim, o ciclo continua acontecendo e repercutindo positivamente na ativação do espaço público.

5.4. entrevistas aos usuários

Após a submissão e aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética da UFPB (ver **anexo 01**), aplicou-se a entrevista a 50 usuários (maiores de idade) do Parque Parahyba II entre os dias 28 de agosto e 09 de setembro de 2024, diretamente pela pesquisadora no local de estudo, durante os períodos da tarde e noite. As respostas foram registradas de forma manual, posteriormente catalogadas através da plataforma Formulários Google e, por fim, sistematizadas em forma de tabelas mediante a análise das mesmas (ver **apêndice 04**).

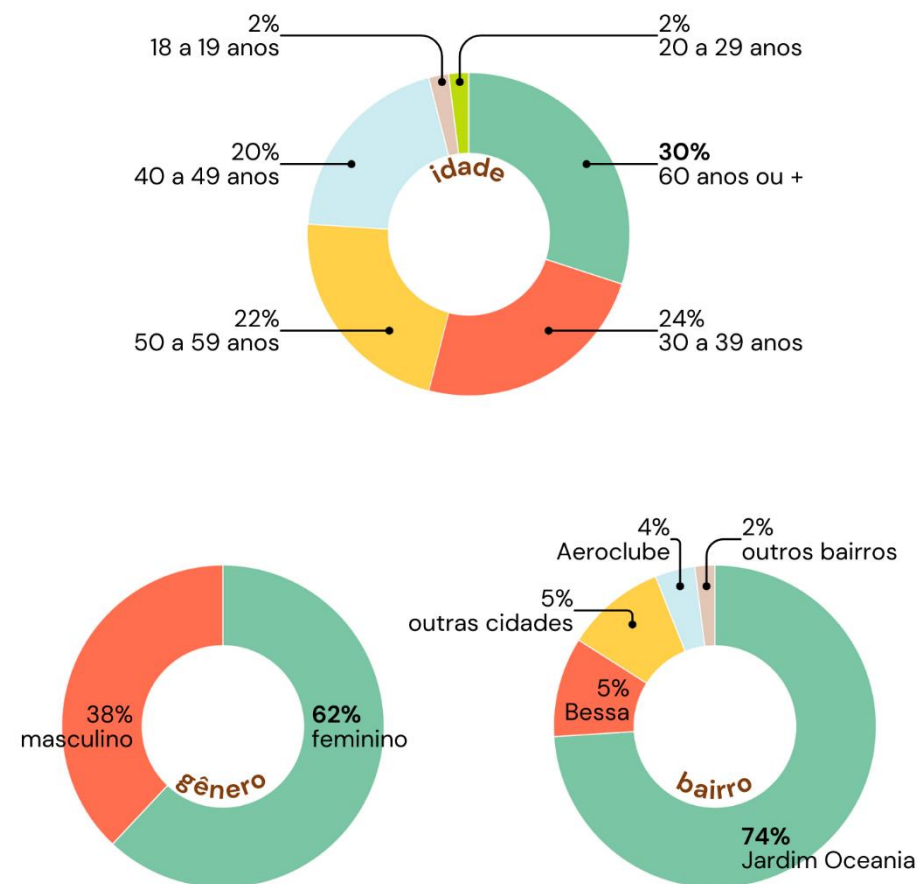
Como mencionado anteriormente, a entrevista foi elaborada em 5 seções:

- **identificação do usuário** – duas perguntas objetivas e uma aberta para a identificação do perfil do entrevistado;
- **acesso ao parque** – duas perguntas objetivas para o mapeamento dos trajetos mais comuns;
- **uso e apropriação** – sete questões objetivas para a compreensão da forma de uso dos espaços (horário, duração, companhia, locais e atividades) pelas pessoas;
- **percepção do usuário** – cinco perguntas abertas para reflexão dos entrevistados a respeito da sua orientação no lugar, as primeiras impressões sobre ele, a conexão com os parques adjacentes, elemento de destaque do recorte estudado e possíveis mudanças e permanências;
- **avaliação quantitativa** – oito aspectos a serem avaliados numa escala de 1 a 5 de satisfação: a) sensação de segurança, b) conforto, c) manutenção, d) infraestrutura, e) disponibilidade de oportunidades, f) acessos e conexões, g) vitalidade e h) elementos naturais.

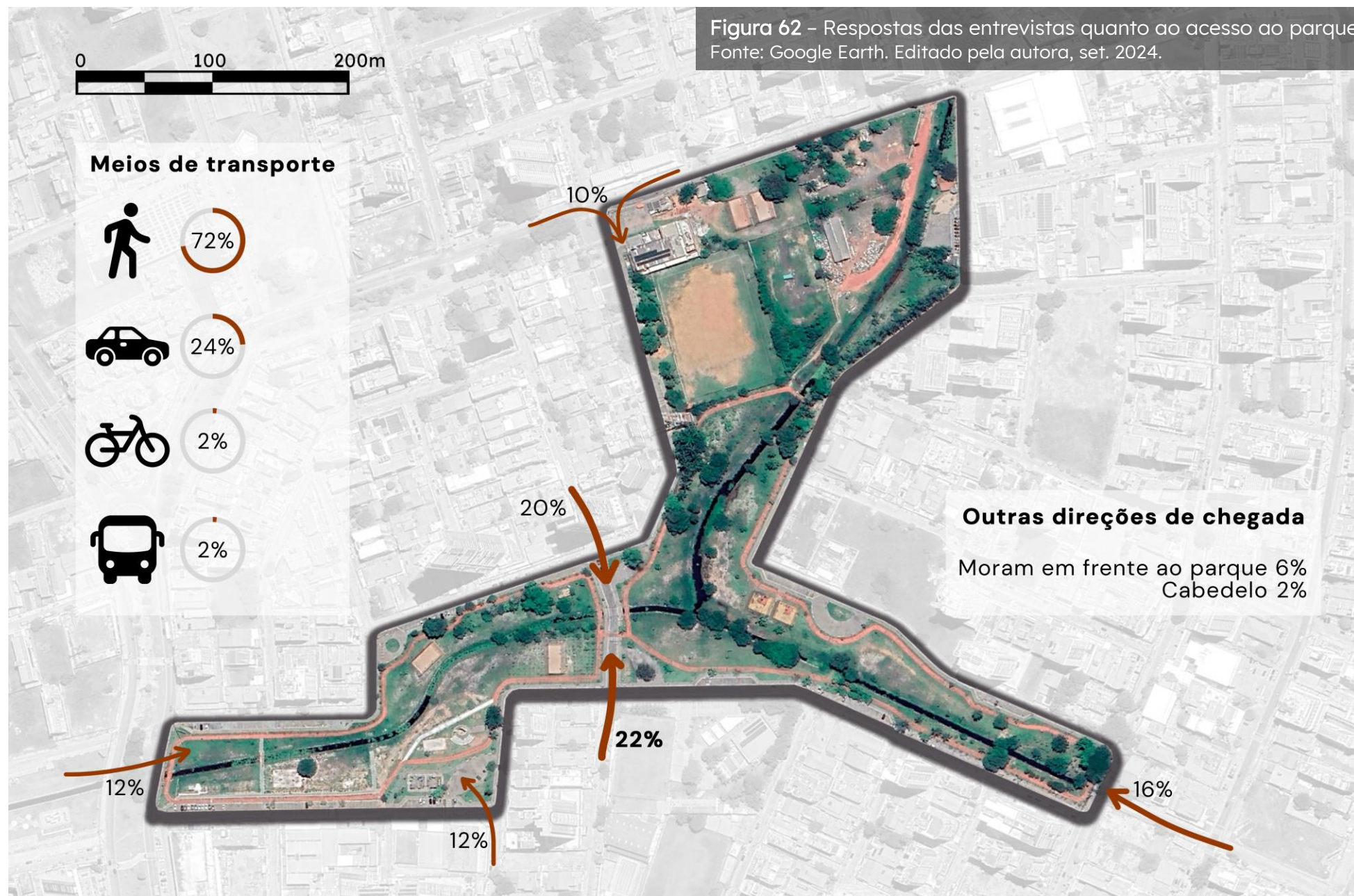
Dos 50 entrevistados, 30% têm 60 anos ou mais, com maioria do gênero feminino – 62% do total –, e 88% são moradores do setor Bessa – mais especificamente, 74% do

Jardim Oceania, 10% do Bessa e 4% do Aeroclube –, além de 4 pessoas que trabalham no bairro e 2 moradores de outras cidades – Cabedelo e Recife – (figura 61).

Figura 61 – Respostas das entrevistas quanto à identificação dos usuários



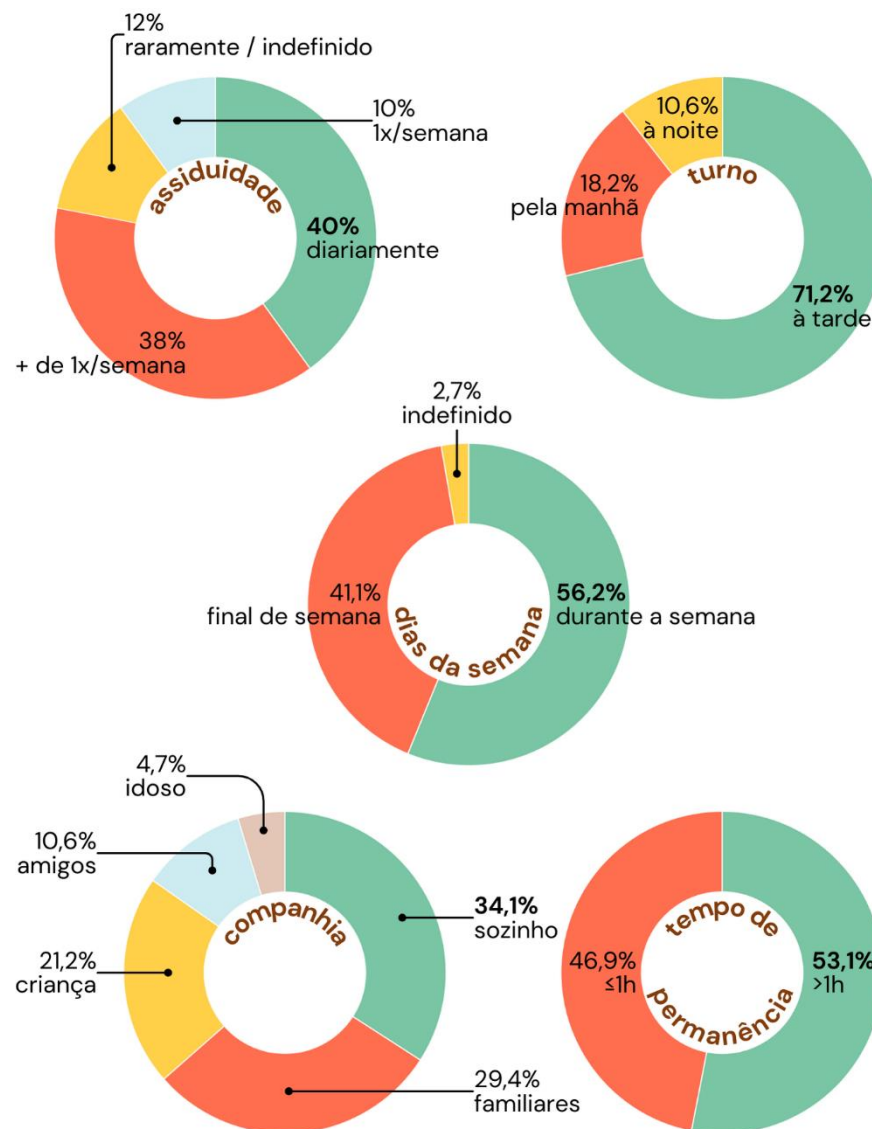
Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.



Quanto ao acesso desse público ao Parque (**figura 62**), 72% chegam como pedestres, sobretudo pelo trecho central, seguido dos sentidos leste – praia –, oeste – bairro Aeroclube –, do Colégio Meta e da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, além de pessoas que moram em frente ao local.

40% dos indivíduos afirmaram ter contato diário com o Parque e 38% frequentam regularmente mais de uma vez por semana. Atividades como as aulas de vôlei e de ginástica são responsáveis por essa rotina percebida através das conversas. Além disso, constatou-se que o espaço é mais utilizado de segunda a sexta-feira do que no final de semana, que a preferência da grande maioria em relação ao período de uso da área é durante o turno da tarde, com 94% das respostas obtidas, e que mais da metade dos entrevistados costumam permanecer por mais de 1 hora no local. Sobre as companhias nas visitas, 29 pessoas dizem frequentar o lugar sozinhas, 25 com familiares, 18 com crianças, 9 com amigos e 4 com idosos (**figura 63**).

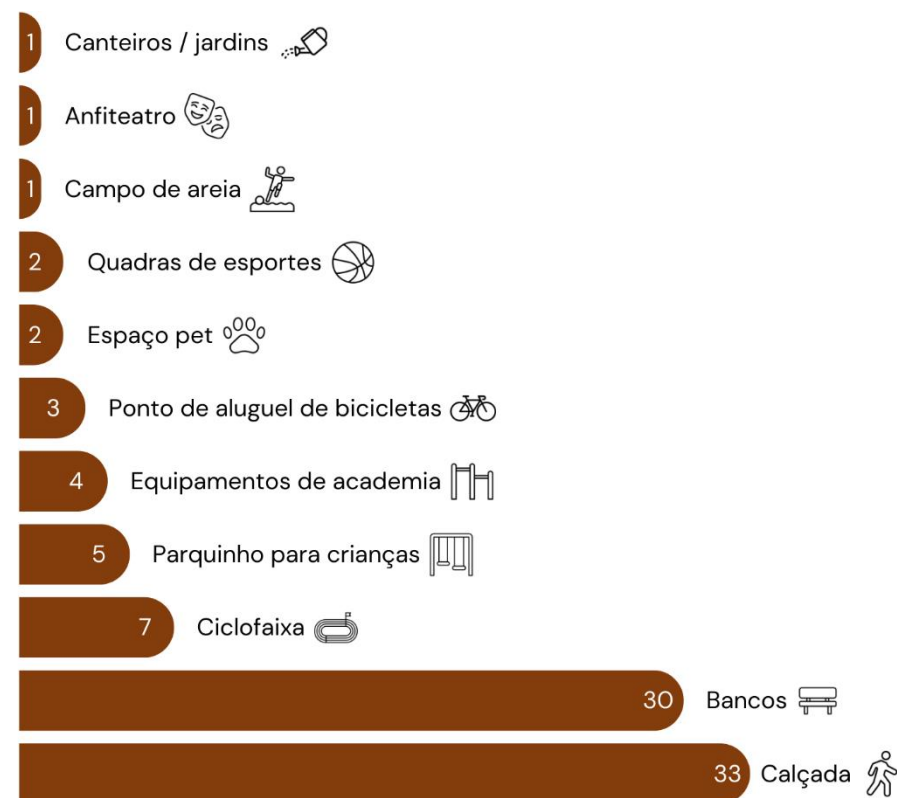
Figura 63 – Respostas das entrevistas quanto ao uso e apropriação do espaço



Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

A **figura 64** a seguir indica os ambientes, equipamentos e mobiliários mais utilizados citados nas entrevistas. As calçadas e os bancos são os mais frequentados, com mais de 30 alusões cada, enquanto o campo de areia, o anfiteatro e os canteiros/jardins receberam, cada um, uma única resposta. Aqui, vale ressaltar que, para responderem às entrevistas, foram priorizadas as pessoas que se encontravam disponíveis no local, visto que alguns presentes praticavam esportes nas quadras, ciclismo ou corrida com fones de ouvido, o que inviabilizava a abordagem pela pesquisadora. Enquanto os bancos são peças utilizadas por todos os públicos, os demais espaços geralmente apresentam uso restrito a um público específico, a depender da atividade executada.

Figura 64 – Respostas das entrevistas quanto aos ambientes, equipamentos e mobiliários utilizados



Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

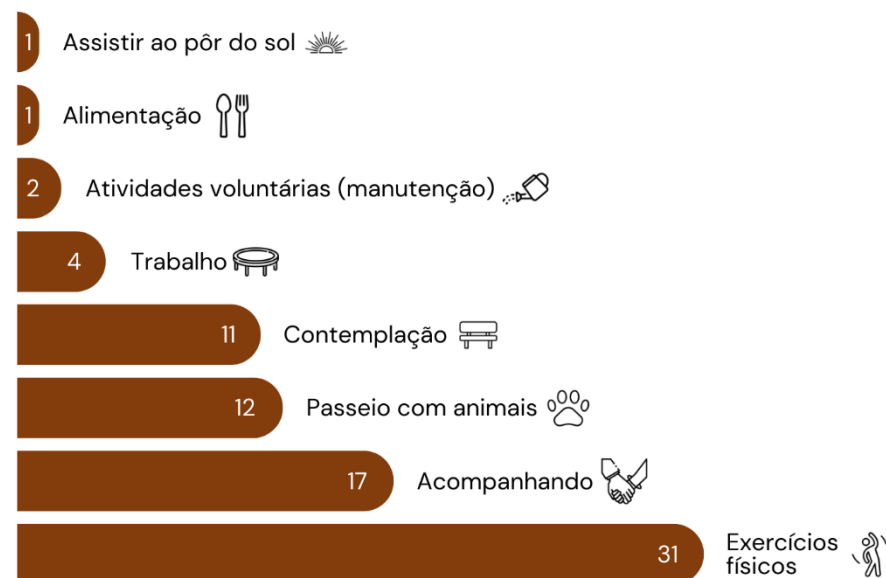
Com as respostas obtidas a respeito das atividades executadas (**figura 65**), confirmou-se o majoritário uso do parque para a prática de exercícios físicos, com 31 respostas. Em seguida, com 17 menções, acompanhamento

de crianças ou idosos; passeio com animais, com 12; e 11 referências ao uso para contemplação. Dos entrevistados, 4 deles têm o parque como local de trabalho, seja para ministrar aulas de ginástica ou jiu-jitsu, aluguel de bicicletas e montagem de brinquedos infantis. Tais resultados relacionam-se aos da pergunta anterior, sobre os equipamentos e ambientes utilizados.

Além disso, 2 pessoas relataram atuar com atividades voluntárias de manutenção do parque – como rega, plantio e limpeza dos jardins. Segundo a organização PPS ([*s.d.*]), a interação entre pessoas num ambiente gera o sentimento de lugar, pertencimento e comunidade, consequentemente despertando o cuidado e a manutenção com o espaço.

A versatilidade das calçadas livres permite seu usufruto de diferentes formas – rápidas como corridas, lentas como passeios, ou apenas transitórias, como parte do trajeto cotidiano –, assim como os bancos para socialização, espera ou contemplação, por exemplo.

Figura 65 – Respostas das entrevistas quanto às atividades realizadas

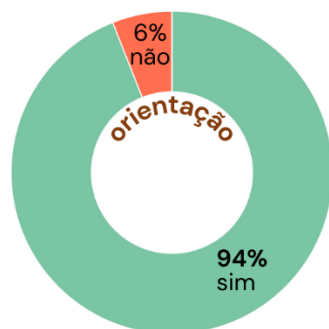


Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

Para a análise das respostas às perguntas subjetivas apresentadas a seguir referentes à percepção do lugar, foi realizada uma sistematização em categorias de acordo com a orientação no espaço, a primeira impressão do local, a conexão com os outros parques, o elemento de destaque do parque e possíveis mudanças e permanências para o lugar em questão.

Quanto à orientação das pessoas no espaço, apesar de 94% se sentirem confortáveis com isso, houve relatos frequentes justificando essa situação ao fato de usufruírem do parque frequentemente, mas ressaltando que questões como a falta de iluminação e sinalização atrapalham o uso do espaço para quem não o conhece. As demais respostas negativas foram creditadas à falta de manutenção e sinalização.

Figura 66 – Respostas da pergunta: “Você se sente orientado nesse espaço?”

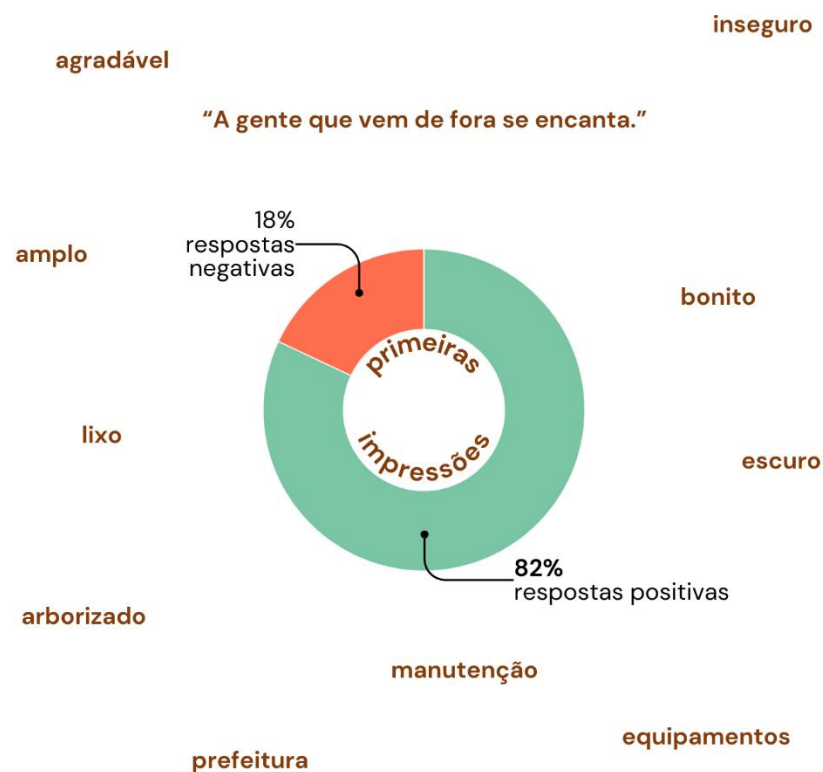


Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

A respeito da primeira impressão percebida ao chegar no local (**figura 67**), 82% foram respostas positivas – sendo algumas firmes, relacionadas à sua agradabilidade e amplitude, e outras, apesar de afirmativas, ressaltavam

sensação de insegurança ou que “não tem cara de parque, tem cara de praça” (entrevistado 39), por exemplo. 18% dos entrevistados, por outro lado, relataram que a não manutenção do espaço pelo Poder Público – limpeza e cuidado da vegetação – e equipamentos enferrujados não contribuem para uma boa sensação, sendo o trecho II frequentemente comparado negativamente com os parques I e IV.

Figura 67 – Respostas da pergunta: “O Parque Parahyba II te causa uma boa primeira impressão?”

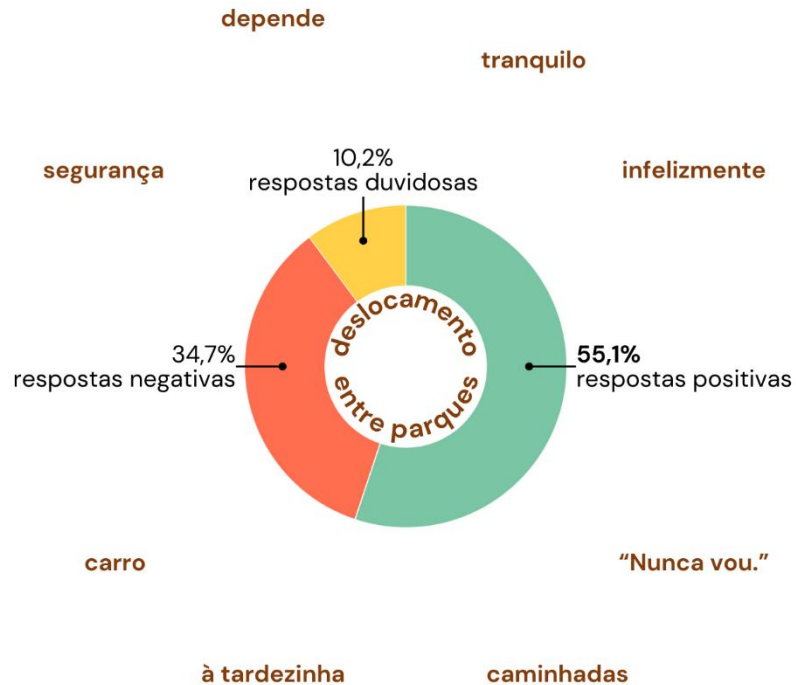


Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

localização. Esse fato relaciona-se ao que Jane Jacobs (2011) denomina de “olhos nas ruas”, em que as ruas são observadas pelas janelas e fachadas dos edifícios. A ausência de fachadas ativas no térreo, ocasionada pela predominância do uso residencial numa área em que há pouco movimento de pedestres nas calçadas confere uma sensação de insegurança e vulnerabilidade aos pedestres. Ademais, à noite, as ruas são escuras e muitos trechos não possuem calçadas acessíveis.

As respostas relativas ao conforto, segurança e atração ao parque foram organizadas em três categorias: positivas – maioria –, imprecisas e negativas (**figura 68**). Tal hesitação se deu, sobretudo, diante da falta de segurança percebida pelos indivíduos, tanto a depender do horário como pela

Figura 68 – Respostas da pergunta: “Você se sente seguro/confortável e/ou atraído(a) a ir do Parque Parahyba II aos outros parques adjacentes?”



Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

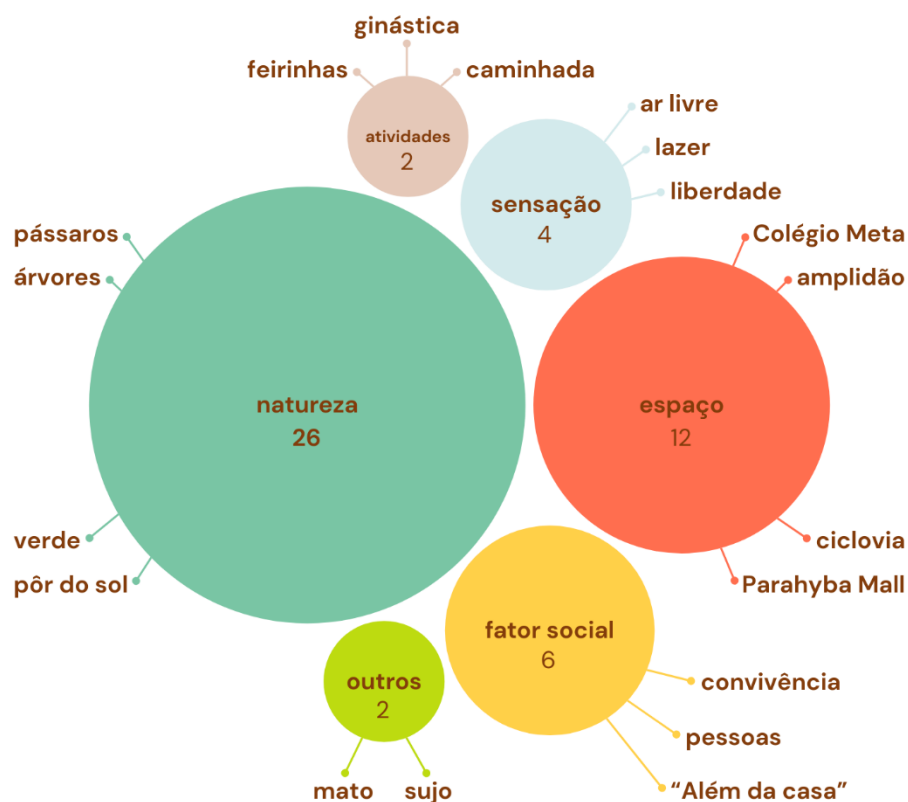
A pergunta a respeito dos elementos de destaque foi elaborada a partir do conceito de elementos marcantes na imaginabilidade de um lugar, definido por Lynch (1999) como referências físicas capazes de dar identidade a um lugar. Nas respostas, os mais referenciados foram

classificados em seis categorias (**figura 69**). Quando se referiam à natureza, foram citados os pássaros, a vegetação e o pôr do sol, “um fragmento de natureza” no meio urbano (entrevistado 8). Já referente ao espaço físico, além da amplidão do parque como um todo, do seu tamanho e das áreas livres, também foram aludidos ambientes específicos como o Colégio Meta, o Parahyba Mall, a academia e a ciclovia. A socialização existente no espaço também é bastante reconhecida pelos usuários, assim como as sensações percebidas, sobretudo de liberdade e tranquilidade.

Assim, com base nas respostas obtidas, nota-se que a imagem do Parque Parahyba II a partir da perspectiva das pessoas que o frequentam é composta tanto por elementos concretos – ambientes, equipamentos, vegetação, pessoas – como subjetivos e imateriais – sensações, aspectos socioculturais e atividades. Tal apreensão corrobora o que afirmam autores que prezam também pela subjetividade humana, e não apenas pela qualidade visual, como Whyte (1988 *apud* Gehl, 2013) em sua definição de “local 100%”:

espaços e localidades onde todas as qualidades importantes do espaço urbano estão presentes. Preocupações práticas com as necessidades dos usuários fundem-se com a preocupação com detalhes e a totalidade: é aqui que as pessoas querem estar (Gehl, 2013, p. 177).

Figura 69 – Respostas da pergunta: “Para você, qual o elemento de destaque do Parque Parahyba II?”



Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

Muitas sugestões foram dadas pelos usuários ao responderem à pergunta sobre possíveis mudanças e permanências no parque Parahyba II (**figura 70**). A proposta mais mencionada foi relacionada à implantação de novos equipamentos ou mobiliários, como áreas cobertas para permanência e prática de exercícios físicos – houve, com frequência, relatos reforçando a inexistência desses espaços –; mais equipamentos infantis; mais bancos distribuídos ao longo do perímetro do parque com desenho mais confortável; posto de saúde; mais equipamentos de exercícios; bebedouro de água e banheiros públicos.

Em seguida, também foram registradas reclamações quanto à iluminação e à segurança, em que os entrevistados citaram a precariedade de ambos, sobretudo à noite, turno que muitos evitam frequentar o espaço. Além disso, sentem falta também de mais elementos naturais, seja arborização, árvores frutíferas, floração e o cuidado com o córrego central, que apresenta mau cheiro em alguns momentos.

Mais uma vez, a manutenção e a limpeza do parque foram

alvo de queixas de quem convive com o parque diariamente. Nesse aspecto, as próprias pessoas percebem e reconhecem as ações feitas pela comunidade local, ressaltando que o que falta é a atuação do Poder Público, que deveria investir num cronograma de manutenção e limpeza do espaço e da vegetação, além de disponibilizar mais lixeiras aos transeuntes – sobretudo devido à quantidade de dejetos de animais de estimação.

O trânsito de carros na via central que corta o parque em duas partes foi relatado três vezes. “É um caos” (entrevistado 46) e “Os carros que deveriam parar para que nós [...] pudéssemos passar” (entrevistado 8) foram algumas das falas referentes a isso. Essa percepção dos próprios frequentadores a respeito da priorização da escala humana no meio urbano pode ser confirmada por Gehl (2013, p. 6), que afirma que “cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis” devem apresentar

uma intervenção política unificada por toda a cidade para garantir que os moradores sintam-se convidados a caminhar e pedalar, tanto quanto possível, em conexão com suas atividades cotidianas (Gehl, 2013, p. 6).

No perímetro interno do parque, por sua vez, as falas relacionadas à mobilidade se deram no sentido da orientação de uso da ciclovia, que não deveria ser compartilhada com pedestres, e da necessidade de novos caminhos alternativos além do contorno do parque. Esse último, como já apresentado anteriormente nesse trabalho, foi uma recente intervenção, posterior ao projeto inicial do parque, e, por esses relatos e pelas marcas deixadas nos gramados, tem a demanda real mais uma vez reforçada.

As demais mudanças propostas tratam da promoção de mais eventos de recreação e socialização, de realizar uma mudança visual ao parque e de reclamação de música alta pela manhã. Apenas cinco pessoas (6,6%) afirmaram a não necessidade de mudanças na área.

Quanto às permanências, foram mencionadas a sensação de paz que o lugar transmite; os espaços para crianças e animais, as quadras e a ciclofaixa; a presença e o contato com a natureza; e a manutenção com o espaço, visto que, segundo o entrevistado 6, “É importante construir novos

parques, mas é necessário cuidar e melhorar o que já está feito”.

Figura 70 – Respostas da pergunta: “Para você, o que deveria mudar e permanecer no Parque Parahyba II?”

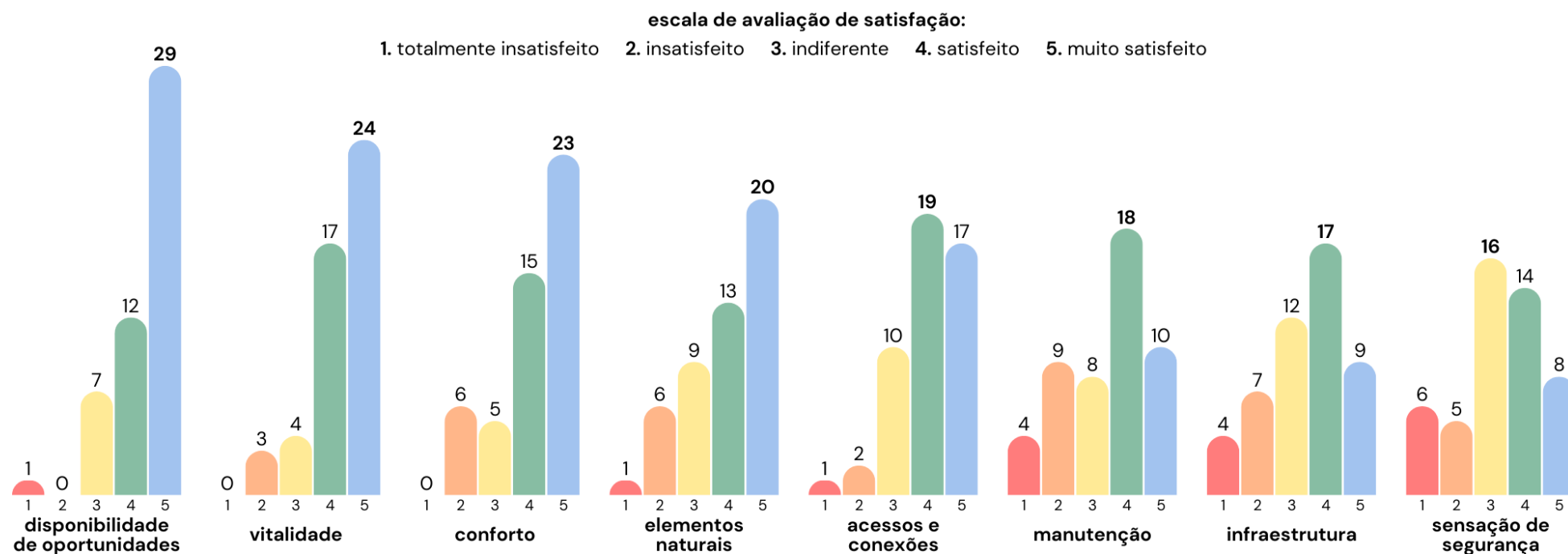


Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

importantes, principalmente quanto à segurança, aos acessos e conexões, à manutenção e à infraestrutura, conclusão essa diante dos relatos e das conversas feitas. Os aspectos mais bem avaliados foram os referentes à disponibilidade de oportunidades, à vitalidade, ao conforto e aos elementos naturais. Isso mostra, portanto, que boa parte dos entrevistados sentem-se bem no espaço, não invalidando, porém, os pontos negativos destacados e a necessidade da reflexão constante a respeito das demandas dos equipamentos públicos por parte da população.

Por último, a partir da avaliação quantiquantitativa (figura 71), nota-se que os usuários têm uma perspectiva positiva com relação ao parque, mas com ressalvas frequentes e

Figura 71 – Avaliação quantitativa das respostas à pergunta: “Avalie os seguintes aspectos do Parque Parahyba II de acordo com a sua experiência pessoal”



Fonte: Elaborado pela autora, set. 2024.

Dessa forma, foi possível perceber que a maior parte dos usuários têm uma relação diária com o Parque Parahyba II e são, sobretudo, moradores do próprio bairro. A partir das conversas e dos sotaques em suas falas, também identificou-se que muitos dos entrevistados são provenientes de outras localidades do Brasil, principalmente

sudeste e centro-oeste, além de um caso de outro país – não identificado, mas de língua inglesa. Estes, mais do que os locais, apresentam admiração pelo espaço, relatando encantamento pela natureza e pela qualidade de vida proporcionada. Esse fato reforça o processo de valorização imobiliária que tem passado pelo Jardim Oceania, explica a

quantidade de novos empreendimentos residenciais, assim como destaca o bairro como uma área que apresenta os requisitos buscados por novos habitantes. Ressalta-se, no entanto, que essas alterações na área devem ser analisadas e acompanhadas pelos pesquisadores, planejadores e gestores a partir de uma perspectiva crítica, com base na justiça social e espacial, no sentido de evitar a formação de espaços públicos de uso exclusivo de determinados grupos sociais, e de promover, por outro lado, um ELP de acesso amplo a todos os cidadãos.

O parque é visto como um espaço natural inserido no tecido urbano com grandes possibilidades de socialização, apesar da maior parte realizar atividades individuais, sendo o parque o local de encontros. Além disso, os próprios usuários têm a percepção da atuação da comunidade na manutenção do espaço.

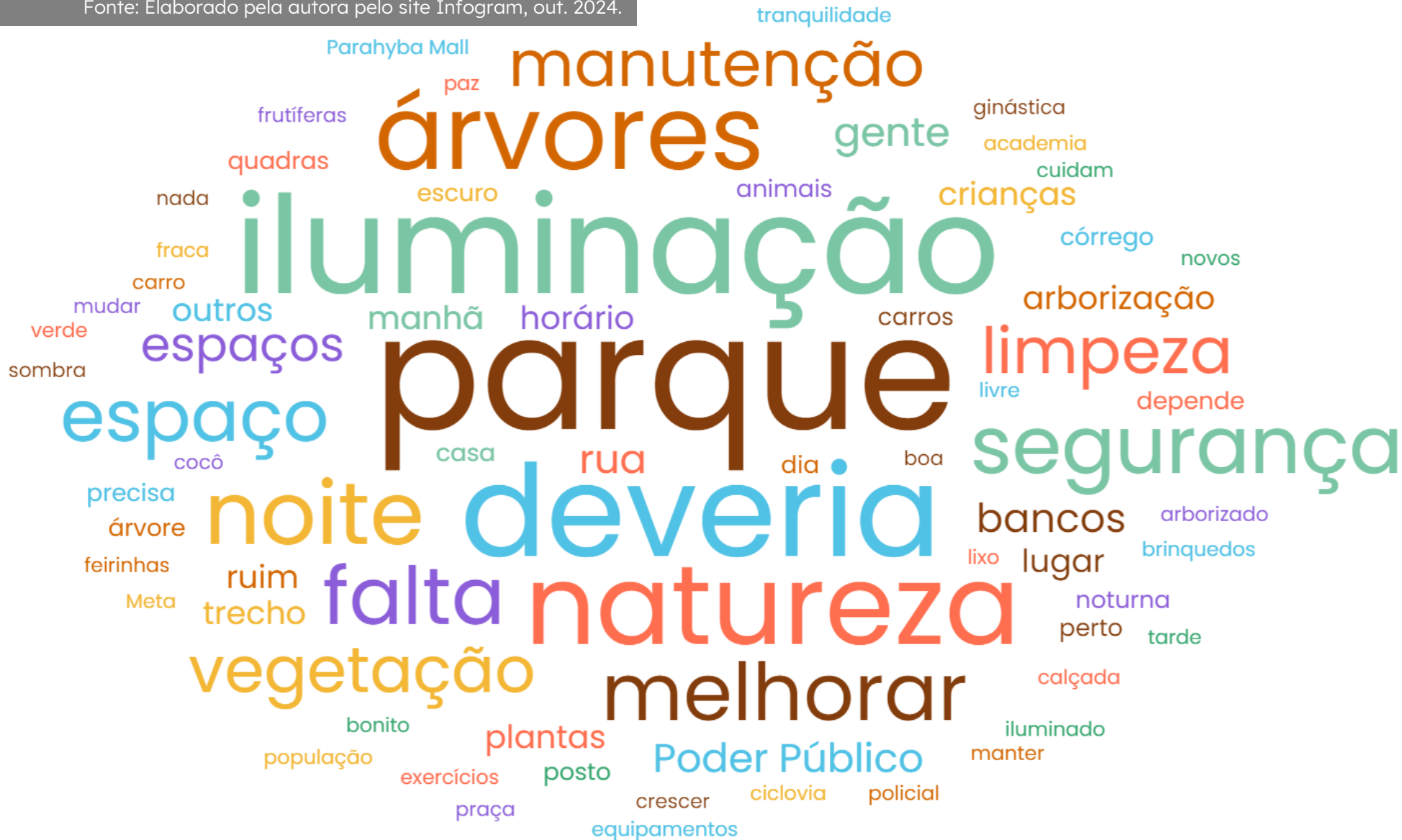
Quanto à rede de parques lineares Parahyba, composta pelos quatro trechos já citados, notou-se que, na prática, não há uma conexão sólida entre eles, dado que os parques

funcionam individualmente dentro dos seus próprios limites e não existe nenhum atrativo na escala do pedestre para o contato entre tais. Diante da proximidade entre os quatro trechos e a similaridade de suas funções – como espaço natural e lazer –, há ainda um grande comparativo entre eles a respeito da arborização, da quantidade de pessoas, de qualidade da manutenção e da infraestrutura ofertada, como bancos e iluminação. De acordo com depoimentos dos entrevistados, o Parque Parahyba I foi tido como mais denso, tanto quanto à quantidade de vegetação como de pessoas. Enquanto isso, o trecho IV foi citado como bem iluminado e com mobiliário diversificado e bem distribuído. Não houve referências ao Parque III.

A nuvem de palavras a seguir (**figura 72**) refere-se aos termos mais recorrentes durante as entrevistas relatados pelos indivíduos a respeito de suas percepções com relação ao Parque Parahyba II.

Figura 72 – Nuvem de palavras a partir da entrevista aplicada

Fonte: Elaborado pela autora pelo site Infogram, out. 2024.



Considerações finais

06.

A pesquisa teve como objetivo identificar e correlacionar as percepções espaciais acerca do Parque Parahyba II a partir de duas perspectivas: do olhar técnico e da experiência e vivência do usuário. Para isso, foi necessário estudar o papel do parque urbano na cidade contemporânea; conhecer metodologias de análises espaciais; desenvolver e executar um método aplicado no Parque em estudo; e conferir se o ELP seria compatível com as necessidades e expectativas dos usuários.

A priori, o apanhado teórico-metodológico apontou a interdisciplinaridade e complexidade do tema, concluindo que os parques urbanos são espaços multifacetados, que agregam diferentes atribuições a depender do local de implantação, do perfil dos usuários e das demandas identificadas, e estão geralmente relacionadas ao lazer, ao bem-estar, à questão ambiental e à socialização. Outrossim, através da exploração dos métodos de análises espaciais, foi possível constatar aspectos paralelos entre eles que orientaram a construção e aplicação da metodologia aqui proposta, com base na percepção subjetiva dos usuários.

Em seguida, a aproximação ao objeto de estudo apresentou vínculos fortes entre as escalas analisadas – desde a da cidade até a do Parque –, como o impacto das primeiras legislações urbanísticas nas morfologias do bairro e do ELP, e a influência do uso do solo do entorno na ativação do parque.

Por fim, na etapa seguinte, referente ao levantamento em campo, a atenção voltou-se a quem dá vida ao espaço: os indivíduos, usuários. Percebeu-se que o Parque Parahyba II é mais utilizado por moradores da área do que por pessoas de outras zonas ou bairros de João Pessoa. Diante disso, pode-se afirmar que, apesar da boa apropriação constatada por essa investigação, o uso do parque ainda é exclusivista, não atingindo um público socioeconomicamente diversificado. Tal fato pode estar relacionado ao acesso restrito ao ELP e à distância do equipamento a outros perfis de público, o que pode fomentar os seguintes questionamentos: onde estão essas pessoas? O restante da cidade tem acesso a espaços de qualidade para o lazer e o bem-estar como o parque em

questão, como prega o direito à cidade?

Assim, a pesquisa possibilitou observar que o Parque Parahyba II é composto por ambientes diversificados, seja pela sua localização – proximidade a ruas de maior trânsito –, seus mobiliários e equipamentos – bancos, quadras, paradas de ônibus, equipamentos de ginástica, brinquedos infantis –, sua infraestrutura – iluminação noturna – ou pelos estabelecimentos instalados nos lotes adjacentes – escolas, academias, lanchonetes. Tais aspectos, por sua vez, influenciam direta e indiretamente as atividades executadas nas diversas áreas do parque, os tipos de usuários, o tempo de permanência no local e o horário de maior movimento. Esta particularidade nos atenta e nos faz refletir sobre a necessidade de se pensar o espaço em sua totalidade, considerando as suas partes, a fim de planejar e projetar ambientes de uso equilibrado, que fomentem a socialização e urbanidade de forma mais efetiva e potente.

Também foi possível identificar as formas de apropriação espontânea ou não planejada do espaço pelo público:

percursos comuns e alternativos; atividades recorrentes de cada perfil de indivíduo; e o que o espaço oferece ou deixa de oferecer. Esse é um fator importante para compreender se o espaço é condizente às suas necessidades reais, se carece de algo para o total funcionamento de determinada atividade ou, ainda, se existem ambientes ou mobiliários subutilizados para o cotidiano do lugar.

Nesse sentido, obteve-se um resultado em parte inesperado no que diz respeito ao perfil e à assiduidade do público em determinados trechos do parque, assim como a característica particular de cada portal em relação às práticas nele identificadas. Além disso, foram identificadas lacunas projetuais diante da não participação das pessoas na elaboração da proposta, como a ausência de sombreamento em alguns locais que deveriam ser de permanência; a falta de conexão entre ambientes distantes; a pouca disponibilidade e atratividade do mobiliário; ou a não integração do Parque Parahyba II com seu entorno, rica em possibilidades seja pela grande visibilidade da área – nas escalas da cidade e do bairro –, seja pelos vários espaços

livres públicos que o circundam.

Através das entrevistas aplicadas aos usuários, foi possível compreender diretamente deles suas percepções em relação ao local, e conferir esses dados com o que foi analisado previamente. Assim, refletiu-se sobre a importância de ouvir as pessoas antes de se implantar uma obra de tamanha repercussão, assim como pôde-se esclarecer a razão de alguns fatos observados anteriormente – como o uso mais frequente do espaço entre o final da tarde e início da noite e a concentração de pessoas em determinadas zonas mais centrais, quando comparada a outros trechos.

Analisando o recorte espacial estudado como um parque urbano, confirmou-se que essa tipologia vai muito além do uso para lazer ou atividades físicas. São peças fundamentais na dinamicidade da cidade, ativas pelos frequentadores ao ser palco e agente da convivência social, de deslocamentos diários – mercado, paradas de ônibus, escolas – e de eventos esporádicos.

Há ainda o impacto da dinâmica de uso e ocupação do solo do entorno no uso do parque. A presença ou ausência de equipamentos influencia diretamente na vitalidade do ELP. Escolas, comércios, serviços e vias movimentadas são atrativos à permanência, enquanto residências e fachadas cegas desestimulam a estadia das pessoas. Assim como os usos ao seu redor variam, o parque também apresenta pluralidade de usos em seu interior. Dessa forma, a análise sobre o espaço se faz fundamental para que se identifiquem novas necessidades e demandas da área para que, assim, o ELP se mantenha ativo.

Dado que, durante a elaboração e/ou execução do projeto urbano, não houve contato com o público quanto às decisões nele tomadas, essa pesquisa serve tanto como um alerta da necessidade do envolvimento da população em tais empreendimentos, como uma referência para o planejamento de ELPs novos ou requalificados através da aproximação aos moradores do entorno. Nesse caso, o ideal é que a análise seja feita – mediante as devidas adaptações de acordo com a localidade, escala do projeto e funções

associadas – antes da concepção projetual, coletando as demandas locais através de observação, entrevistas e audiências públicas. Isso posto, deve-se destacar a importância da investigação fenomenológica para entender a relação socioespacial e, com isso, intervir melhor no espaço urbano.

Esta pesquisa, buscando cumprir seus objetivos, suscitou outros questionamentos sobre os parques urbanos e o uso dos espaços, que podem acarretar no desenvolvimento de outros trabalhos, como: a) a aplicação da metodologia aos outros Parques Parahyba; b) acompanhar a consolidação do trecho IV e a implantação do Parque da Cidade; c) desenvolver diretrizes e propostas projetuais urbanas para o recorte espacial analisado; d) aprofundar os estudos à relação entre o uso do Parque e o uso do solo, com ênfase ao mercado imobiliário, por exemplo.

Referências

AMORIM, Bruna Alves. **TA.TO - Arquitetura, arte, sentidos e seus limiares: Anteprojeto de espaço terapêutico voltado à saúde mental**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UFPB. João Pessoa: UFPB, 2021. 193 f. Disponível em: <repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26577>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BATISTA, Ana Beatriz Ribeiro. **O mobiliário urbano na ativação dos espaços livres públicos: Um estudo de caso do Parque Parahyba I, João Pessoa/PB**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UFPB. João Pessoa: UFPB, 2019. 126 f. Disponível em: <repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25318>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 12 mar. 2024.

BRITO, Ana Laura de Freitas Rosas. **A pequena escala e a cidade: o mobiliário na ativação dos espaços livres públicos**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), UFPB. João Pessoa: UFPB, 2019. 207 f. Disponível em: <repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19545>. Acesso em: 22 jan. 2024.

CIOCOLETTO, Adriana. Espacios para la Vida Cotidiana: Auditoria de Calidad Urbana con Perspectiva de Genero. **Patrimonio: Economía cultural y educación para la paz**, [S. l.], v. 2, n. 18, p. 1-140, 2020. DOI: 10.22201/fpsi.20074778e.2020.2.18.76959. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8475030>. Acesso em: 3 mar. 2024.

COSTA, Ângela. Parque Solon de Lucena é opção de lazer e diversão durante feriadão da Semana Santa. In: **Prefeitura de João Pessoa. João Pessoa**, 28 mar. 2024. Disponível em: www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/parque-solon-de-lucena-e-opcao-de-lazer-e-diversao-durante-feriadao-da-semana-santa/. Acesso em: 05 jul. 2024.

FILIPPE NARCISO, Carla Alexandra. Espaço público: acção política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**: revista do Instituto de Psicologia da UERJ, Rio de Janeiro, ano 9, n. 2, p. 265-291, segundo semestre de 2009. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/4518/451844629002.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

FRIENDS of the High Line. History. In: **The High Line**. Nova Iorque, [s.d.]. Disponível em: <www.thehighline.org/history/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

GARCIAS, E. O.; RIBEIRO, P. P. A. Integração entre ferramentas de análise e avaliação de projeto. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 6., 2019, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: PPGAU/FAUeD/UFU, 2019. p. 1260-1272. DOI <https://doi.org/10.14393/sbqp19115>. Acesso em: 05 fev. 2024.

GEHL, Jan. **A vida nas cidades: como estudar**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

_____. **Cidades para Pessoas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIESE, J. V.; SILVA, L. B. e; MELO, C. de S. Fenomenologia: aplicações metodológicas em pesquisas sobre cidades. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [S. l.],

v. 21, 2023. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2023.190631. Disponível em: <revistas.usp.br/risco/article/view/190631>. Acesso em: 30 nov. 2023.

GONDIM, Hélio de França. **Planejamento, gestão e (re)ordenamento territorial da orla: o caso do Projeto Orla em João Pessoa-PB nos bairros do Bessa e Jardim Oceania**. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFPB. João Pessoa: UFPB, 2012. 138 f. Disponível em: <repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5841>. Acesso em: 18 dez. 2023.

IBGE. **Cidades**. Brasil / Paraíba / João Pessoa - Panorama. Disponível em: <cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joaopessoa/panorama>. Acesso em: 14 abr. 2024.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JARDIM Botânico Benjamim Maranhão – Mata do Buraquinho. In: **Paraíba Criativa**, nov. 2015. Disponível em: <paraibacriativa.com.br/artista/jardim-botanico-benjamim-maranhao-mata-do-buraquinho/>. Acesso em: 15 out. 2024.

JOÃO PESSOA. **Decreto nº 9718, de 10 de maio de 2021**. Estabelece instruções normativas de aprimoramento da legislação urbanística vigente e dá outras providências. Acesso em: 3 mai. 2024.

_____. Lei Complementar nº 54, de 23 de dezembro de 2008. Dispõe sobre a adequação do Plano Diretor do Município de João Pessoa, aprovado pela Lei Complementar nº 03, de 30 de dezembro de 1992, às diretrizes e instrumentos para gestão urbana instituídos pela Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001, Estatuto da Cidade e cria o Conselho da Cidade. João

Pessoa: **Semanário Oficial Especial, 23 de dezembro de 2008**. Disponível em: <https://sapl.joaopessoa.pb.leg.br/norma/14202>. Acesso em: 3 mai. 2024.

_____. Lei Complementar nº 164, de 11 de janeiro de 2024. Aprova a revisão do Plano Diretor Participativo do Município de João Pessoa e dá outras providências. João Pessoa: **Diário Oficial, 11 de janeiro de 2024**. Disponível em: <joaopessoa.pb.gov.br/doe-jp/edicao-444-2024-suplemento/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

_____. **Lei Orgânica do Município de João Pessoa, de 1990**. João Pessoa, PB. Disponível em: <leismunicipais.com.br/lei-organica-joao-pessoa-pb>. Acesso em: 27 mai. 2024.

_____. Secretaria do Planejamento. **Código de Urbanismo**. João Pessoa, jul. 2001.

_____. Secretaria do Planejamento. **Plano Diretor da cidade de João Pessoa**. João Pessoa, 1994.

KARSSENBERG, Hans et al. **A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. 340 p.

LIMA, Larissa Ellen Oliveira de. **Configuração espacial e qualidade física de parques urbanos lineares: O caso do Parque Parahyba I, João Pessoa-PB**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), UFPB. João Pessoa: UFPB, 2022. 207 f. Disponível em: <repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24217>. Acesso em: 6 nov. 2023.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. **Paisagem e Ambiente**, [s. l.], n. 7, p. 15-56, 1995. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i7p15-56.

Disponível em: <revistas.usp.br/paam/article/view/133811>. Acesso em: 5 jul. 2024.

MARTINS, Paula Dieb; MAIA, Doralice Sátyro. O caminho que leva ao mar: a Avenida Epitácio Pessoa, via de expansão e de estruturação da cidade de João Pessoa-PB. In: XVI ENCONTRO NACIONAL ANPUR, 2015, Belo Horizonte. **XVI ENANPUR: Desenvolvimento, planejamento e insurgências - Programa e caderno de resumo**. Belo Horizonte: ANPUR, 2015. v. 1. p. 273-274. Disponível em: <anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1554>. Acesso em: 24 mai. 2024.

NESBITT, Kate (Org). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PARAÍBA. [Constituição (05 out. 1989)]. **Constituição do Estado da Paraíba**. João Pessoa: Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, 2015. 333p.

PPS - PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **What makes a successful place?** [s.d.]. Disponível em: <pps.org/article/grplacefeat>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PMJP – Prefeitura Municipal de João Pessoa. **Cartilha do PDMJP – Revisão do Plano Diretor de João Pessoa e legislações complementares**. João Pessoa, 2023. 14 p.

_____. **Filipeia** – Mapas da cidade. Disponível em: <filipeia.joaopessoa.pb.gov.br/>.

_____. **P2b - Relatório do Diagnóstico Técnico - Fase II**. João Pessoa, out. 2021. 622 p.

SANTOS, Franco Porto; SOUZA, Lucas Barbosa. ESTUDO DA

PERCEPÇÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL POR MEIO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO /// \\ STUDY OF THE ENVIRONMENTAL QUALITY PERCEPTION THROUGH PHENOMENOLOGICAL METHOD. **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 57-74, ago. 2015. ISSN 1984-2201. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1103>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SARMENTO, Marcela Fernandes. **O processo de ocupação urbana de um setor litorâneo de uma capital brasileira: o caso do Bessa em João Pessoa - PB**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental), UFPB. João Pessoa: UFPB, 2012. 107 f. Disponível em: <repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5459>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SILVA, Lucas Pessoa da. **O Poder terapêutico do verde: espaços livres públicos arborizados e a qualidade de vida urbana**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UFPE. Recife: UFPE, 2023. 154 f. Disponível em: <repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53284>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SILVA, L. O. M. da; DUARTE, C. R. de S. Ambiências urbanas no behaviorismo espacial e na fenomenologia da percepção. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [S. l.], v. 18, p. 1-15, 2020. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2020.161410. Disponível em: <revistas.usp.br/risco/article/view/161410>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SUPLAN – Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado da Paraíba. **Projeto Arquitetônico do Parque Parahyba I**. 2016. Plantas paisagismo e de equipamentos. 2 arquivos dwg e 1 prancha técnica pdf.

_____. **Projeto Arquitetônico do Parque Parahyba II**.

2018. Planta de equipamentos e detalhamento do anfiteatro. 3 arquivos dwg, 1 prancha técnica pdf.

_____. **Projeto Arquitetônico do Parque Parahyba III.**

2019. Planta de implantação, detalhes de calçada, ciclovia, estacionamento, piso tátil, barra de transferência e bancos, seções. 1 arquivo dwg e 1 prancha técnica pdf.

_____. **Projeto Arquitetônico do Parque Parahyba IV.**

2022. Plantas de implantação, paisagismo, paginação, equipamentos e acessibilidade, e detalhamentos de caramanchão, banco piquenique, ciclofaixa, pisos, casinha, quadra e jardineira. 6 arquivos dwg e 6 pranchas técnicas pdf.

Apêndices

APÊNDICE 01 | ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

identificação do usuário.

1. Quantos **anos** você tem?
 - a. 18 a 19
 - b. 20 a 29
 - c. 30 a 39
 - d. 40 a 49
 - e. 50 a 59
 - f. 60 ou mais
2. Com qual **gênero** você se identifica?
 - a. Feminino
 - b. Masculino
 - c. Prefiro não informar
 - d. Outro _____
3. Mora em João Pessoa? Se sim, em qual **bairro**?

acesso ao parque.

4. Por onde você **chega** ao Parque Parahyba II?
 - a. Norte – Rua Severino Nicolau de Melo – ISO Colégio e Cursos / Paróquia Nossa Senhora de Nazaré
 - b. Norte – Rua Oceano Ártico – Academia Kay France
 - c. Sul – Rua João Murilo Leite – ANSEF
 - d. Leste – Rua Norberto de Castro Nogueira – praia
 - e. Oeste – Rua Bacharel José de Oliveira Curchatuz – Parahyba Mall
 - f. Outro _____
5. Qual **meio de transporte** você utiliza para ir ao Parque Parahyba II?
 - a. A pé
 - b. Bicicleta
 - c. Transporte coletivo
 - d. Transporte próprio
 - e. Outro _____

uso e apropriação.

- 6.** Com qual **frequência** você frequenta o Parque Parahyba II?
- a. Diariamente
 - b. 1 vez na semana
 - c. Mais de uma vez por semana
 - d. Raramente/indefinido
- 7.** Em que **dias da semana**, normalmente, você frequenta o Parque Parahyba II?
- a. Durante a semana
 - b. Final de semana
 - c. Indefinido
- 8.** Em que **turno(s)** você costuma frequentar o Parque Parahyba II?
- a. Pela manhã
 - b. À tarde
 - c. À noite
- 9.** Quanto **tempo**, aproximadamente, você permanece no Parque Parahyba II?
- a. ≤ 1 hora
 - b. > 1 hora
 - c. Apenas passagem
- 10.** Você costuma vir **acompanhado(a)** ao Parque Parahyba II? Se sim, com quem?
- a. Venho sozinho(a)
 - b. Amigos
 - c. Criança
 - d. Familiares
 - e. Idoso
 - f. Outro _____
- 11.** Qual(is) **ambiente(s)**, **equipamento(s)** e/ou **mobiliário(s)** você mais frequenta no Parque Parahyba II?
- a. Bancos
 - b. Calçada
 - c. Ciclofaixa
 - d. Equipamentos de academia
 - e. Espaço pet
 - f. Lanchonete

g. Parquinho para crianças

h. Quadras de esporte

i. Outro _____

12. Qual(is) **atividade(s)** você costuma praticar no Parque Parahyba II?

a. Acompanhamento de crianças/idosos

b. Alimentação

c. Apenas passagem

d. Contemplação

e. Exercícios físicos

f. Passeio com animais

g. Outro _____

percepção do usuário.

13. Você se sente **orientado** nesse espaço? Ou seja, consegue se localizar e circular facilmente no espaço? Por quê? / Comente.

14. O Parque Parahyba II te causa uma boa **primeira impressão** (estética, ambiência)? Por quê? / Comente.

15. Você se sente seguro/confortável e/ou atraído(a) a ir

do Parque Parahyba II aos outros **parques adjacentes**? Por quê? / Comente.

16. Para você, qual o **elemento de destaque** do Parque Parahyba II? Ou seja, o que mais representa o Parque ou a primeira coisa que você imagina quando pensa nele? Por quê? / Comente.

17. Para você, o que deveria **mudar e permanecer** no Parque Parahyba II? Por quê? / Comente.

avaliação quantiqualitativa.

18. Avalie os seguintes aspectos do Parque Parahyba II de acordo com a sua **experiência pessoal**, considerando:

(1) totalmente insatisfeito

(2) insatisfeito

(3) indiferente

(4) satisfeito

(5) muito satisfeito

ASPECTOS	1	2	3	4	5
Sensação de segurança					
Conforto – sensação térmica, sombra, ventilação, poluição sonora					
Manutenção – cuidados e novos atrativos, limpeza, saneamento, manutenção, conservação dos equipamentos e mobiliário					
Infraestrutura – iluminação noturna, passeios, ciclovia, sinalização, mobiliário urbano					
Disponibilidade de oportunidades – espaços para descansar, deslocar-se, reunir-se, praticar atividades físicas					
Acessos e conexões – localização dos acessos e disponibilidade de conexões, acessibilidade (conectividade pedonal, obstáculos)					
Vitalidade – presença de pessoas, atividades, encontros, socialização durante o dia e a noite					
Elementos naturais – arborização, canteiros, entre outros					

APÊNDICE 02 | MODELO DE FICHA DE OBSERVAÇÃO

[illegible]

indivíduos		atividade		homens	15	0	16
1	mulher	sentada no banco, esperando	(... - 07:33)	mulheres	14	0	15
3	homem	sentado no meio fio, esperando	(... - 07:33)	crianças	0	0	0
1	idoso	caminhando		idosos	5	1	6
1	mulher	bicicleta		casal	1		
1	homem	deslocamento		total	37		
1	mulher	caminhando					
1	homem	correndo					
2	homem	juntaram-se aos homens esperando no meio fio (chegaram de moto)	(- 07:33)				
1	mulher	caminhando		exercício físico	17		
1	homem	caminhando com cachorro		passeio / contemplação	6		
1	mulher	bicicleta		deslocamento	7		
1	homem	caminhando					
1	homem	deslocamento bicicleta					
1	homem	caminhando					
1	casal	cachorro, saiu de um prédio pra praça					
1	mulher	1 idoso deslocamento -> abriram a escola	(07:32)				
1	idoso	caminhando					
1	idoso	caminhando					
1	homem	deslocamento					
1	mulher	caminhando					
1	mulher	caminhando					
1	idoso	bicicleta					
1	idoso	deslocamento					
3	mulher	deslocamento pra escola (Meta Kids II)					
1	mulher	caminhando					
1	mulher	correndo					
1	mulher	deslocamento bicicleta pra escola (Meta Kids II)					
1	homem	cachorro					
1	homem	caminhando					
1	homem	caminhando					

Modelo de planilha feita pelo Excel para cada portal com resumo dos dados obtidos por observação em cada turno. Nela, foram indicados a data e o horário da pesquisa de campo, a situação do clima no dado momento, a contabilização total de usuários do parque, e análises feitas ainda no portal.

Dia e horário de observação		Clima	Pessoas	Observações
Dia útil	Manhã Quarta, 24/07 07:23 – 07:43	Nublado / vento	37	* Praça como apoio/ponto de espera da escola (funcionários)
	Tarde Quarta, 17/07 16:02 – 16:22	Nublado / sereno	47	* No final, foi juntando mais pessoas; * Pessoas vêm com crianças especificamente para esse espaço para brincar; * Em chuvas, não tem abrigo. As pessoas foram para a marquise da escola e para baixo da árvore.
	Noite Quarta, 17/07 19:19 – 19:39	Céu limpo	58	* Deslocamentos na maioria da academia próxima * Sem permanência
Fim de semana	Manhã Sábado, 27/07 07:25 – 07:45	Nublado após chuva	28	
	Tarde Domingo, 14/07 16:20 – 16:50	Sol	60	* Muito movimento e crescente! * Pessoas chegando durante a observação * Muita (!) criança; famílias com criança para brincar
	Noite Domingo, 14/07 18:46 – 19:06	Céu limpo	25	* Crianças! * Tudo apagado; só o anfiteatro aceso, onde concentraram crianças * Trepa-trepa: crianças param, brincam uns 2min e saem * Crianças brincando na mini cidade e em toda a praça

Planilha com números de pessoas por portal e por turno para análise, elaboração de tabela e gráficos.

pessoas							
	portal 1	portal 2	portal 3	portal 4	portal 5	portal 6	Total
Homens	106	126	104	87	113	35	571
Mulheres	94	117	65	38	79	20	413
Crianças	35	28	20	15	6	3	107
Idosos	20	36	32	16	31	13	148
Total	255	307	221	156	229	71	1239
	2	1	4	5	3	6	

fim de semana						
	manhã	tarde	noite	manhã	tarde	noite
homens	80	109	150	77	69	86
mulheres	59	86	82	62	83	41
crianças	2	22	15	9	40	19
idosos	54	29	13	28	15	9
	195	246	260	176	207	155

Planilha com atividades identificadas classificadas dentre as categorias de exercício físico, passeio ou contemplação, deslocamento, trabalho, lazer infantil, lazer adulto – referente ao uso das quadras, que foi categorizado posteriormente como exercício físico – e outros, específicos de cada portal.

	exercício físico	passeio / contemplação	deslocamento	trabalho	lazer infantil	lazer adulto (quadra)			
portal 1	87 49,43%	57 32,39%	22 12,50%	1 0,57%	9 5,11%				
portal 2	134 60,36%	63 28,38%	24 10,81%	1 0,45%				(pastel)	
portal 3	101 60,84%	38 22,89%	16 9,64%	1 0,60%	3 1,81%			7 4,22%	
portal 4	72 67,29%	29 27,10%	5 4,67%		1 0,93%				
portal 5	24 15,38%	17 10,90%	82 52,56%	5 3,21%				(quiosque) (morador de rua) (feira)	
portal 6	31 56,36%	10 18,18%	14 25,45%					5 3,21%	4 2,56%
								19 12,18%	
	exercício físico	passeio / contemplação	deslocamento	outros	lazer infantil	trabalho			
	50,91%	24,26%	18,48%	6,35%	1,47%	0,91%			

APÊNDICE 04 | PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

a. Modelo de formulário respondido em entrevista a usuário

Data: 05/09 Horário: _____
Local: Parque Parahyba II

1. Quantos **anos** você tem?
a. 18 a 19 c. 30 a 39 e. 50 a 59
b. 20 a 29 d. 40 a 49 f. 60 ou mais

2. Com qual **gênero** você se identifica?
a. Feminino c. Prefiro não informar d. Outro _____
b. Masculino

3. Mora em João Pessoa? Se sim, em qual **bairro**?
Bessa

4. Por onde você **chega** ao Parque Parahyba II?
a. Norte - Rua Severino Nicolau de Melo - ISO Colégio e Cursos / Paróquia Nossa Senhora de Nazaré
b. Norte - Rua Oceano Ártico - Academia Kay France
c. Sul - Rua João Murilo Leite - ANSEF
d. Leste - Rua Noberto de Castro Nogueira - praia
e. Oeste - Rua Bacharel José de Oliveira Curchatuz - Parahyba Mall
f. Outro _____

5. Qual **modo de transporte** você utiliza para ir ao Parque Parahyba II?
a. A pé c. Transporte coletivo e. Outro _____
b. Bicicleta d. Transporte próprio

6. Com qual **frequência** você frequenta o Parque Parahyba II?
a. Diariamente c. Mais de uma vez por semana d. Raramente/indefinido
b. 1 vez na semana

7. Em que **dias da semana**, normalmente, você frequenta o Parque Parahyba II?
a. Durante a semana b. Final de semana c. Indefinido

8. Em que **turno(s)** você costuma frequentar o Parque Parahyba II? Indefinido
a. Pela manhã b. À tarde c. À noite

9. Quanto **tempo**, aproximadamente, você permanece no Parque Parahyba II?
a. ≤ 1 hora b. > 1 hora c. Apenas passagem

10. Você costuma vir **acompanhado(a)** ao Parque Parahyba II? Se sim, com quem?
a. Venho sozinho(a) c. Criança e. Idoso
b. Amigos d. Familiares f. Outro _____

11. Qual(is) **ambiente(s), equipamento(s) e/ou mobiliário(s)** você mais frequenta no Parque Parahyba II?
a. Bancos d. Eq. de academia g. Parquinho p/ crianças
b. Calçada e. Espaço pet h. Quadras de esporte
c. Ciclofaixa f. Lanchonete i. Outro _____
anfiteatro

12. Qual(is) **atividade(s)** você costuma praticar no Parque Parahyba II?
a. Acompanhamento de crianças/idosos c. Apenas passagem f. Passeio com animais
b. Alimentação d. Contemplação g. Outro _____
e. Exercícios físicos por do sol

13. Você se sente **orientado** nesse espaço? Ou seja, consegue se localizar e circular facilmente no espaço? Por quê? / Comente.
S.

14. O Parque Parahyba II te causa uma boa **primeira impressão** (estética, ambiência)? Por quê? / Comente.
S. Não tem cara de parque, tem cara de praça

15. Você se sente seguro/confortável e/ou atraído(a) a ir do Parque Parahyba II aos outros parques adjacentes? Por quê? / Comente.
Nunca foi

16. Para você, qual o **elemento de destaque** do Parque Parahyba II? Ou seja, o que mais representa o Parque ou a primeira coisa que você imagina quando pensa nele? Por quê? / Comente.
Pôr do sol

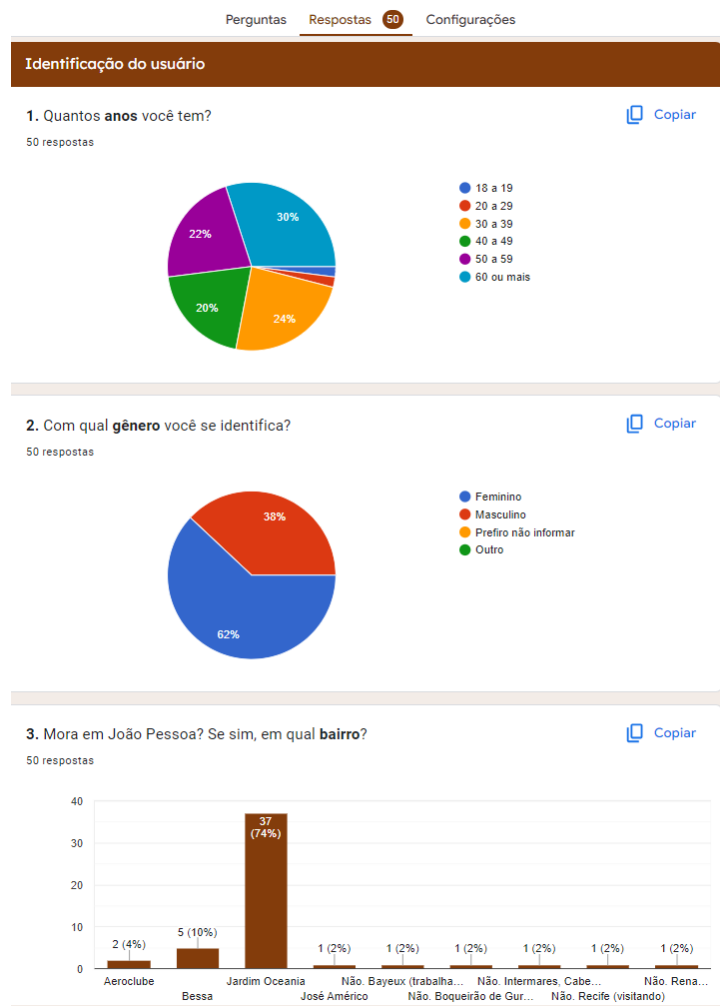
17. Para você, o que deveria **mudar e permanecer** no Parque Parahyba II? Por quê? / Comente.
Deveria mudar as árvores para crescer e ter mais sombra, frutas seguras e frutas frescas. Faltam diversos brinquedos e área verde.

18. Avalie os seguintes aspectos do Parque Parahyba II de acordo com a sua **experiência pessoal**, considerando:

	1	2	3	4	5
Sensação de segurança			X		
Conforto - sensação térmica, sombra, ventilação, poluição sonora		X			
Manutenção - cuidados e novos atrativos, limpeza, saneamento, manutenção, conservação dos equipamentos e mobiliário		X			
Infraestrutura - iluminação noturna, passeios, ciclovia, sinalização, mobiliário urbano			X		
Disponibilidade de oportunidades - espaços para descansar, deslocar-se, reunir-se, praticar atividades físicas					
Acessos e conexões - localização dos acessos e disponibilidade de conexões, acessibilidade (conectividade pedonal, obstáculos)		X			
Vitalidade - presença de pessoas, atividades, encontros, socialização durante o dia e a noite					
Elementos naturais - arborização, canteiros, entre outros		X			

o cortejo está p/ ser instalado

b. Primeira etapa da sistematização das respostas das entrevistas através da plataforma Formulários Google.



Perguntas Respostas **50** Configurações

16. Para você, qual o **elemento de destaque** do Parque Parahyba II? Ou seja, o que mais representa o Parque ou a primeira coisa que você imagina quando pensa nele? Por quê? / Comente.

50 respostas

- A natureza.
- As árvores.
- Os passarinhos cantando.
- As plantas.
- Pessoal/turma da ginástica
- As corujas buroqueiras e as raposas, no início, antes de existir o parque. É um fragmento de natureza.
- O shopping (Parahyba Mall)
- Natureza, feirinhas, tranquilidade.
- A vegetação (ainda).

17. Para você, o que deveria **mudar e permanecer** no Parque Parahyba II? Por quê? / Comente.

50 respostas

- Mudar: iluminação.
- Mudar: segurança.
- Mudar:
 - Iluminação.
 - Segurança.
- Melhorar a iluminação à noite, principalmente perto da igreja. Tem assalto.
- Nada a mudar.
- Melhorar a iluminação, que é fraca à noite.
- Mudar os aparelhos da academia, que estão enferrujados.
- Mais equipamentos de exercícios, melhorar a limpeza e melhorar a iluminação à noite.

c. Segunda etapa da sistematização das respostas das entrevistas através da plataforma Google Docs. Nesse momento, as perguntas subjetivas foram categorizadas de acordo com os retornos obtidos em cada caso.

MUDANÇAS	
Iluminação	11
Iluminação	6
Iluminação, que é precária, principalmente perto do campo de areia	1
Melhorar a iluminação à noite.	1
Melhorar a iluminação à noite, principalmente perto da igreja. Tem assalto.	1
Melhorar a iluminação, que é fraca à noite.	1
A iluminação, que às vezes fica sem.	1
Segurança	11
Segurança	7
Ter segurança permanente à noite.	1
[sobre segurança] De manhã é vulnerável.	1
Ter um posto policial.	1
Ter policiamento.	1
Vegetação e elementos naturais	9
Ter flores além das árvores.	1
Limpeza do córrego - cheiro e vegetação sem cuidado.	1
Arborizar mais. Na verdade, já está plantado, só falta crescer.	1
Daqui a pouco, as árvores vão crescer e teremos pomar e árvores frutíferas. Faltam árvores para sombreamento e frutíferas e áreas verdes.	1
Deveria ter mais árvores.	2
Arborização	1
Ter mais árvores frutíferas.	1
Melhorar o canal.	1
Manutenção	8
Falta o olhar do Poder Público na manutenção do parque que já existe. É importante construir novos parques, mas é necessário cuidar e melhorar o que já está feito.	1
Permanecer tudo, mas deveria ter mais investimentos, o Poder Público ter mais cuidados (limpeza, manutenção)	1
A consciência do Poder Público. O parque está abandonado. Tem que manter o que já tem, não só os novos.	1
Mudar os aparelhos da academia, que estão enferrujados.	1
Manter organizado, limpo. As pessoas que cuidam.	1
Manutenção.	1
Manutenção constante.	1

Anexo

ANEXO 01 | PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA (CCS/UFPB)

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vivendo o espaço e desvendando o lugar: Uma análise espacial das percepções do Parque Parahyba II, João Pessoa-PB

Pesquisador: Paula Dieb

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 79800224.9.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.966.617

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um protocolo de pesquisa egresso do curso de Arquitetura e Urbanismo (UFPB), da aluna Sofia Nobrega Fernandes de Medeiros, sob orientação da Profª. Dra. Paula Dieb Martins.

A presente pesquisa estuda a percepção espacial em relação a um espaço livre público.

Toma-se como objeto de estudo o Parque Parahyba II, localizado em João Pessoa, capital do

Estado da Paraíba. O objetivo da pesquisa consiste em identificar e correlacionar as

percepções acerca do referido equipamento a partir de duas perspectivas: do olhar técnico e da experiência e vivência do usuário. Para tanto, serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, documental e de campo, com realização de entrevistas semiestruturadas aos usuários do parque. Por fim, os dados e informações coletadas serão sistematizados em cartogramas e textos, e analisados quantitativa e qualitativamente.

Objetivo da Pesquisa:

Na avaliação dos objetivos apresentados os mesmos estão coerentes com o propósito do estudo:

Objetivo Primário:

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.966.617

- Identificar e correlacionar as percepções acerca de um parque urbano em João Pessoa a partir de duas perspectivas: do olhar técnico e da experiência e vivência do usuário.

Objetivos Secundários:

- Compreender o papel do parque urbano na cidade contemporânea;
- Estudar e investigar metodologias de análises espaciais;
- Desenvolver e executar um método de análise espacial para ser aplicado no estudo de caso a partir da combinação entre as duas perspectivas citadas;
- Comparar as análises feitas de observação e dos usuários, para verificar se o estudo de caso é compatível com as necessidades e expectativas locais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Na avaliação dos riscos e benefícios apresentados estão coerentes com a Resolução 466/2012 CNS, item V "Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes.

Riscos:

O possível risco e desconforto que a pesquisa poderá trazer é haver cansaço, aborrecimento ou desconforto durante a participação da entrevista. Não será solicitada a identificação das pessoas entrevistadas, o que implica no total sigilo em relação às informações pessoais referentes às respostas obtidas.

Benefícios:

Acredita-se que a realização da entrevista poderá estimular a reflexão do usuário em relação à função do espaço livre público na cidade, a partir das questões indagadas.

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.966.617

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto apresenta coerência científica, mostrando relevância para a academia, haja vista a ampliação do conhecimento, onde se busca, principalmente, identificar e correlacionar as percepções acerca de um parque urbano em João Pessoa a partir de duas perspectivas: do olhar técnico e da experiência e vivência do usuário.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de Apresentação Obrigatória, foram anexados tempestivamente.

Recomendações:

RECOMENDAMOS QUE, CASO OCORRA QUALQUER ALTERAÇÃO NO PROJETO (MUDANÇA NO TÍTULO, NA AMOSTRA OU QUALQUER OUTRA), O PESQUISADOR RESPONSÁVEL DEVERÁ SUBMETTER EMENDA INFORMANDO TAL(IS) ALTERAÇÃO(ÕES), ANEXANDO OS DOCUMENTOS NECESSÁRIOS.

RECOMENDAMOS TAMBÉM QUE AO TÉRMINO DA PESQUISA O PESQUISADOR RESPONSÁVEL ENCAMINHE AO COMITÊ DE ÉTICA PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, RELATÓRIO FINAL E DOCUMENTO DEVOLUTIVO COMPROVANDO QUE OS DADOS FORAM DIVULGADOS JUNTO À(S) INSTITUIÇÃO(ÕES) ONDE OS MESMOS FORAM COLETADOS, AMBOS EM PDF, VIA PLATAFORMA BRASIL, ATRAVÉS DE NOTIFICAÇÃO, PARA OBTENÇÃO DA CERTIDÃO DEFINITIVA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

TENDO EM VISTA O CUMPRIMENTO DAS PENDÊNCIAS ELENCADAS NO PARECER ANTERIOR E A NÃO OBSERVÂNCIA DE NENHUM IMPEDIMENTO ÉTICO, SOMOS DE PARECER FAVORÁVEL A EXECUÇÃO DO PRESENTE PROJETO, DA FORMA COMO SE APRESENTA, SALVO MELHOR JUÍZO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.966.617

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2322836.pdf	04/07/2024 14:33:05		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Certidao_de_Aprovacao_do_Projeto_Detalhado.pdf	04/07/2024 14:32:22	SOFIA NOBREGA FERNANDES DE MEDEIROS	Aceito
Folha de Rosto	02FolhaDeRosto_Assinada_Final.pdf	04/07/2024 14:10:00	SOFIA NOBREGA FERNANDES DE MEDEIROS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	_03PROJETO.pdf	04/07/2024 14:07:12	SOFIA NOBREGA FERNANDES DE MEDEIROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	_02TCLE.pdf	04/07/2024 14:06:32	SOFIA NOBREGA FERNANDES DE MEDEIROS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 25 de Julho de 2024

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Página 04 de 04